



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

CATHARINA ULIAN MUSA

**UMA EDUCAÇÃO PELA NATUREZA: OS RIOS, O REMO E
OS CLUBES DE REGATAS DO INTERIOR PAULISTA
(1907-1936)**

Campinas

2024

CATHARINA ULIAN MUSA

**UMA EDUCAÇÃO PELA NATUREZA: OS RIOS, O REMO E
OS CLUBES DE REGATAS DO INTERIOR PAULISTA
(1907-1936)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Unicamp, como requisito para a obtenção do título de Mestra em Educação, na área de Educação.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Carmen Lucia Soares

Coorientadora: Prof^a. Dr^a. Heloisa Helena Pimenta Rocha

ESTE TRABALHO CORRESPONDE À VERSÃO FINAL DA DISSERTAÇÃO DEFENDIDA PELA ALUNA CATHARINA ULIAN MUSA, E ORIENTADA PELA PROF(A). DR(A). CARMEN LUCIA SOARES

Campinas
2024

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)
Biblioteca da Faculdade de Educação
Gustavo Lebre de Marco - CRB 8/7977

M97e Musa, Catharina Ulian, 1998-
Uma educação pela natureza : os rios, o remo e os clubes de regatas do interior paulista (1907-1936) / Catharina Ulian Musa. – Campinas, SP : [s.n.], 2024.

Orientador: Carmen Lucia Soares.
Coorientador: Heloísa Helena Pimenta Rocha.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Faculdade de Educação.

1. Remo. 2. Clubes esportivos. 3. Campinas (SP). 4. Piracicaba (SP). 5. Esportivização. I. Soares, Carmen Lucia. II. Rocha, Heloísa Helena Pimenta. III. Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Faculdade de Educação. IV. Título.

Informações Complementares

Título em outro idioma: An education through nature : rivers, rowing and the regatta clubs in the interior of São Paulo (1907-1936)

Palavras-chave em inglês:

Rowing

Athletic clubs

Campinas (São Paulo, Brazil)

Piracicaba (Brazil)

Sportivization

Área de concentração: Educação

Titulação: Mestra em Educação

Banca examinadora:

Carmen Lucia Soares [Orientador]

Daniele Cristina Carqueijeiro de Medeiros

Edivaldo Góis Junior

Data de defesa: 25-06-2024

Programa de Pós-Graduação: Educação

Identificação e informações acadêmicas do(a) aluno(a)

- ORCID do autor: <https://orcid.org/0000-0002-8249-2584>

- Currículo Lattes do autor: <http://lattes.cnpq.br/4734113667977160>

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**UMA EDUCAÇÃO PELA NATUREZA: OS RIOS,
O REMO E OS CLUBES DE REGATAS DO
INTERIOR PAULISTA (1907-1936)**

CATHARINA ULIAN MUSA

COMISSÃO JULGADORA:

Prof^ª. Dr^ª. Carmen Lucia Soares (Orientadora)
Prof^ª. Dr^ª. Daniele Cristina Carqueijeiro de Medeiros
Prof. Dr. Edivaldo Góis Junior

A Ata da defesa com as respectivas assinaturas dos membros encontra-se no SIGA/Sistema de Fluxo de Dissertação/Tese e na Secretaria do Programa da Unidade.

Campinas
2024

AGRADECIMENTOS

Inicialmente, gostaria de agradecer ao apoio financeiro concedido pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico (CNPq – processo nº 131367/2022-6), que me permitiu a realização desta pesquisa de maneira aprofundada.

À professora Carminha, por tanto aprendizado ao longo dos anos e por cuidar tão carinhosamente das nossas pesquisas.

Aos meus pais, por terem me possibilitado e incentivado o estudo e a pesquisa desde muito cedo.

À República Breja-Flor, por ter sido morada e aconchego durante essa trajetória acadêmica.

Aos times de basquete que faço parte, por sempre me trazerem alegria e boas memórias.

Aos meus queridos amigos e amigos da vida, que sempre me apoiaram e deram suporte quando precisei.

À Sofia, por ser um ponto de paz e alegria em meio à loucura do dia a dia e por ser companheira de vida.

RESUMO

O objetivo desta pesquisa é examinar quais foram as contribuições do Clube Campineiro de Regatas e Natação e do Clube de Regatas Piracicaba para a esportivização do remo, bem como suas influências para um possível modelo de interiorização do esporte náutico em São Paulo. O recorte temporal se inicia no ano de 1907, com a fundação do clube piracicabano, e termina em 1936, ano de criação da Federação Paulista de Remo, em que o mesmo clube teve papel importante em sua consolidação. As fontes que compõem este trabalho são jornais, revistas, livros de memorialistas, pinturas e fotografias. Constata-se que, no final do século XIX e início do século XX, uma vida urbana em franco desenvolvimento expressa novas relações com a natureza e seus elementos, configurando uma verdadeira educação pela natureza. É nesse contexto que se evidencia um conjunto de práticas consideradas benéficas à saúde, entre as quais, o remo, que começou a adentrar na vida das cidades cercadas por rios e mares no período aqui considerado. Os clubes de regatas campineiro e piracicabano fizeram parte da esportivização do remo, promovendo competições, gradativamente, mais regradas e regularizadas.

Palavras-chave: Remo. Clubes esportivos. Campinas. Piracicaba. Esportivização.

ABSTRACT

At the end of the 19th century and beginning of the 20th century, a rapidly developing urban life expressed new relationships with nature and its elements, configuring a true education through nature. It is in this context that a set of practices considered beneficial to health emerged, including rowing, which began to enter the life of cities surrounded by rivers and seas in the period considered here. Campinas and Piracicaban regatta clubs took part in the sportization process of rowing, promoting competitions that were gradually more regulated and regularized. The goal of this research is to examine the contributions of the Clube Campineiro de Regatas e Natação and the Clube de Regatas Piracicaba to the sportivization of rowing, as well as their influences for a possible model of internalization of nautical sports in São Paulo. The time frame begins in 1907 with the founding of the Piracicaba club and ends in 1936, the year when São Paulo Rowing Federation was created, in which the same club played an important role in its consolidation. The sources that made up this work were newspapers, magazines, books by memoirists, paintings and photographs.

Keywords: Rowing. Regatta clubs. Campinas. Piracicaba. Sportivization.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Clube Campineiro de Regatas e Natação: Fotomontagem de Zico Villela, 1921	18
Figura 2 – Cenas de Verão, Jean Frédéric Bazille (1869)	32
Figura 3 – Banhos de mar em Étrat, Eugène Lepoittevin (1866)	33
Figura 4 – Jardim Público (1918)	35
Figura 5 – Joaquim Dutra: Festa do Divino, 1914	38
Figura 6 – Remadores do CRP, 1928	41
Figura 7 – Chegada do Bonde de Sousas, 1936	42
Figura 8 – CCRN, 1918	43
Figura 9 – Joaquim Dutra: Clube de Regatas Piracicaba, 1924	46
Figura 10 – Joaquim Dutra: Pescador no Rio Piracicaba, 1924	46
Figura 11 – Pesqueiro visto de lado, Sítio Severo, início do século XX	47
Figura 12 – Lavadeiras no Rio Atibaia, 1910–1919	48
Figura 13 – Lavadeiras do Rio Piracicaba, 1918	48
Figura 14 – Rua do Porto (vista da outra margem do Rio Piracicaba), 1930	49
Figura 15 – Reportagem sobre festa náutica promovida pelo CCRN, 1923	52
Figura 16 – Passeio no Rio Atibaia, década de 1930	55
Figura 17 – Passeio de barco na extensão de rio do Atibaia do CCRN, 1918	55
Figura 18 – Passeio às margens do Rio Atibaia, 1924	56
Figura 19 – Piquenique no CCRN, 1930	56
Figura 20 – Reportagem sobre o CCRN, 1925	63
Figura 21 – Grupo de nadadores, Fotografia de Zico Villela, 1921	64
Figura 22 – Grupo de remadores do CCRN, década de 1920	65
Figura 23 – Remadores do CRP na Barra do Corumbataí, 1928	66
Figura 24 – Grupo de esportistas do CRP	67
Figura 25 – Outro grupo de esportistas do CRP	67
Figura 26 – Clube de Regatas Piracicaba, equipe de remo, 1934	68
Figura 27 – A frente do barracão do Club Regatas Piracicaba, 1936	77
Figura 28 – Remadores do Piracicaba, 1936	78

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

CBD	Confederação Brasileira de Desportos
CCRN	Clube Campineiro de Regatas e Natação
CMU	Centro de Memória da Unicamp
CRP	Clube de Regatas Piracicaba
FPSR	Federação Paulista das Sociedades do Remo
FPR	Federação Paulista de Remo
IHGP	Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba
JP	Jornal de Piracicaba
N.º	Número
Unicamp	Universidade Estadual de Campinas

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	11
1	O ATO DE REMAR, O REMO: ALGUNS ANTECEDENTES	24
1.1	O remo e as naturezas em movimento	31
2	PIRACICABA E CAMPINAS: OS CLUBES DE REMO E AS NOVAS RELAÇÕES COM A NATUREZA	37
2.1	As práticas realizadas nos clubes e a esportivização do remo	45
2.2	A influência das federações nos clubes esportivos amadores	69
2.3	1936: o ano de criação da Federação Paulista de Remo	72
3	AS COMPETIÇÕES ESPORTIVAS NA NATUREZA: O CCRN E O CRP	80
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	86
	FONTES	88
	REFERÊNCIAS	90

INTRODUÇÃO

Nossa pesquisa toma como objeto o Clube Campineiro de Regatas e Natação (CCRN) e o Clube de Regatas Piracicaba (CRP), responsáveis pela difusão do remo nas respectivas cidades na aurora do século XX. Essas instituições promoviam competições de remo que, paulatinamente, aproximavam-se do modelo esportivo, regrado e regularizado. A pesquisa examina quais foram as contribuições dos referidos clubes para a esportivização do remo. Nosso recorte temporal inicia-se no ano de 1907, com fundação do CRP, e no de 1918, com CCRN e termina com a criação, em 1936, da Federação Paulista de Remo, que teve o clube piracicabano como um de seus fundadores, sendo ele filiado a essa instituição.

Nosso plano de trabalho aqui desenvolvido é composto por três capítulos e pelas considerações finais. O primeiro capítulo intitula-se “O ato de remar, o remo – alguns antecedentes” e trata de uma revisão bibliográfica de estudos realizados sobre a prática do remo e das regatas em escala mundial e nacional. O segundo, com o título “Piracicaba e Campinas: os clubes de remo e as novas relações com a natureza”, discorre, primeiramente, sobre a contextualização histórica de Campinas e Piracicaba e sobre como surgiram, nelas, os clubes de regatas, objetos de nossa pesquisa. Ademais, o capítulo explora as práticas realizadas nos clubes em meio à natureza, como se deu a esportivização do remo e quais foram as influências das federações de remo que se consolidavam no país nos clubes analisados. Já no terceiro capítulo, intitulado “As competições esportivas na natureza: o CCRN e o CRP” discutimos acerca dos encontros esportivos que tiveram o clube campineiro e o piracicabano no recorte temporal assinalado. Por fim, temos as *Considerações Finais*, parte reservada para as conclusões obtidas por meio das análises das fontes, constatando se nossa hipótese foi confirmada ou não, além de uma síntese dos dados mais significativos considerados para nossa dissertação.

A pesquisa tem como objetivo geral analisar e examinar quais foram as contribuições do Clube Campineiro de Regatas e Natação e do Clube de Regatas Piracicaba para a esportivização do remo entre os anos de 1907 e 1936, bem como suas influências para um possível modelo de interiorização do esporte náutico em São Paulo, e em que medida as novas relações com a natureza e seus elementos contribuíram para consolidar as práticas esportivas náuticas nos clubes estudados. Como objetivos específicos, a pesquisa se propõe a:

- Observar as sensibilidades produzidas por uma educação pela natureza na sociedade campineira e piracicabana conformada a partir de práticas esportivas e recreativas implementadas e ampliadas pela criação dos clubes às margens de rios.
- Identificar as transformações dos usos e sentidos do rio Atibaia e do rio Piracicaba para a criação dos clubes a suas margens.
- Comparar a esportivização das competições de barco a remo promovidas pelos clubes nas duas cidades.

As fontes constituídas para esta pesquisa são: imprensa (jornais e revistas), livros memorialistas e imagens (pinturas, fotografias). É impossível se debruçar sobre o passado sem pensar que existe todo um caminho até que as fontes se constituam como tal. Tanto a pessoa que escreve quanto a que arquiva são fundamentais e fazem parte dessa cadeia de intermediários dos indícios históricos (Burke, 2017). O conjunto diversificado de fontes reunidas para este estudo apoia-se na noção de documento histórico de Le Goff *et al.* (2003) e Bloch (2001). O documento, portanto, deve ser tratado como verdadeiro, mas, ao mesmo tempo, falso, pois ele é uma montagem. Ademais, de acordo com Veyne (1983, p. 22), “o conhecimento histórico é traçado sobre o modelo de documentos mutilados”, sendo que nenhum desses documentos deve ser considerado o acontecimento em si, não fazendo, assim, o historiador ver o passado de maneira direta.

No que se refere especificamente à fonte da imprensa, trabalhamos com os jornais *A Gazeta* (1906-1979), *O Combate: Independência, Verdade e Justiça* (1914-1920), *Jornal de Piracicaba* (1900-atual), *Correio Paulistano* (1854-1963), *Diário de Santos* (1872-1939), *O Jornal* (1919-1974), *Correio de São Paulo* (1932-1937) e *Diário do Povo* (1912-2012). O jornal paulistano *A Gazeta* foi fundado em 1906, sob a direção de Adolfo Araújo, um poeta e jornalista que também foi colaborador de outros jornais na cidade de São Paulo. Foi somente em 1918 que o jornal teve um crescimento exponencial, quando passou a ser dirigido por Cásper Líbero, o qual implementou um projeto de inovação tanto de estrutura quanto de conteúdo até então inédito no país, voltado aos interesses da classe média paulistana. Nessa modernização editorial, o periódico começou a tratar de temas como entretenimento, cultura e esportes e, assim, rompeu com “o viés da imprensa paulista de então, escrita por e para a aristocracia” (Jayo, 2003). Dessa forma, as novas práticas que passavam pela esportivização no início do século XX eram noticiadas *n’A Gazeta* e, mais adiante, em 1928, no suplemento do jornal intitulado, “A Gazeta Esportiva”. As regatas, tanto em Campinas quanto em

Piracicaba, eram noticiadas pelo jornal nas páginas intituladas “Todos os esportes”, nas colunas com o tema “Náutica”.

Outro jornal que compõe nossas fontes é *O Combate*. O periódico paulistano, publicado diariamente, foi criado em 1915 pelos irmãos Acilino e Nereu Rangel Pestana, que tinham influências do jornalismo desde muito cedo, por serem filhos do primeiro diretor do jornal *A Província*, de Francisco Rangel Pestana. As reportagens sobre o remo eram, em sua maioria, relacionadas ao clube campineiro e apareciam nas colunas intituladas “De Campinas”, “Esporte em Campinas” e “Aquática”, as quais compunham a página do jornal dedicada aos esportes.

O ano de 1917 foi significativo para o avanço do jornal *O Combate* na cidade, pois ele se posicionou a favor de uma das maiores greves operárias que ocorreu no país, levando o periódico a um nível de difusão próximo a outros jornais que já eram notáveis (Balsalobre, 2010). Em 1926, Nereu passou sua direção para Ludolfo Rangel Pestana, que assumiu o cargo até o ano de 1930, em que o periódico, que antes não detinha característica de apoiar o governo, modificou-se para um veículo de ideais do Partido Republicano.

De acordo com Balsalobre (2010, p. 38),

a Revolução de 1930, que dividia a cidade de São Paulo entre aliados e opositores do governo, provocou sérias consequências também para os jornais da época que defendiam a causa republicana. Assim, com a vitória da Aliança Liberal, todos os órgãos aliados ao Partido Republicano foram empastelados pelo povo, entre eles, O correio paulistano, A gazeta, A folha da manhã e O combate (que desapareceu definitivamente do contexto jornalístico da capital).

O *Jornal de Piracicaba* (JP) também faz parte do conjunto de fontes desta pesquisa e, por se tratar de um periódico centenário, é de grande importância para a busca de indícios acerca dos clubes e das regatas. O jornal foi fundado em 4 de agosto de 1900 por Buarque de Macedo, sob direção de Alberto da Cunha Horta e teve como seu primeiro redator-chefe o professor e advogado Antônio Pinto de Almeida Ferraz (Queiroz; Oliveira, 2002). Na primeira edição do jornal, Almeida Ferraz (JP, n. 1, 1900)¹ escreve com o intuito de esclarecer os objetivos do periódico:

o Jornal de Piracicaba não é uma folha política, é pura e simplesmente um órgão dos interesses locais, tendo principalmente em mira, o progresso da cidade e do município em que vêm a luz. Isso entretanto não significa que abdique o direito de emitir opinião sobre aquelles actos ou factos da vida política que porventura se lhe entoem interessantes.

¹ Para as fontes consultadas (jornais e revistas), utilizamos esta estrutura de referência. Indicamos o número da edição e depois o ano de publicação.

Sendo assim, o surgimento das regatas no interior de São Paulo, espetáculo de expressiva característica do esporte moderno, era um tema recorrente nas páginas do JP a partir de 1907, ano em que o Clube de Regatas Piracicaba se estabeleceu na cidade. As notícias sobre as práticas esportivas eram retratadas nas páginas do jornal com outras de variados assuntos, não havia uma coluna específica destinada aos esportes na pesquisa ora realizada.

Foi na edição de número 2117, em 9 de outubro de 1907, que as páginas do JP anunciaram a inauguração das regatas no clube piracicabano, cuja diretoria fez um convite ao jornal para que os editores comparecessem à festa. O jornal publica que o dia 12 de outubro de 1907, data de inauguração do clube, será “memorável nos annaes sportivos de Piracicaba, pois marcará a acclimação aqui desse sport tão attrahente e tão salutar que é o remo” (Jornal de Piracicaba, n. 2117, 1907). Mesmo essa sendo uma das primeiras notícias na imprensa sobre um evento de remo em Piracicaba, não se pode afirmar que a prática, de uma forma mais competitiva, não estivesse presente na cidade antes da criação do clube. Como colocado anteriormente, a prática desfrutava de um caráter múltiplo, realizada ora de maneira descontraída, ora de maneira burocratizada — ainda que esses modos se misturassem vez ou outra — e o clube surgiu como um estímulo e incentivo para uma prática mais regrada.

A notícia demonstra também como havia um interesse em praticar o remo de maneira mais organizada em algumas cidades que abarcavam essa possibilidade. Isso porque elas tinham rios que, modificados pela mão humana, permitiam que indivíduos praticassem esportes aquáticos na natureza: “ainda em inicio, modesta como o é, a sociedade já promette muito, iniciando o melhor de todos os sports, ao qual o bello leito do Piracicaba oferece o mais adequado dos campos” (n. 2117, 1907).

Outro periódico consultado foi o jornal *Correio Paulistano*, fundado no dia 26 de junho de 1854, sob direção de Joaquim Roberto de Azevedo Marques (1824-1892), que teve sua última edição em julho de 1963. Foi um dos mais longínquos jornais do país e o 64º jornal da cidade de São Paulo. Segundo Thalassa (2007), esse impresso sobreviveu em um tempo em que a maioria dos jornais teve vida curta, pois, entre os anos de 1853 e 1868, Dom Pedro II estabeleceu um acordo nomeado de política de conciliação, a qual “governavam juntos conservadores e liberais, que arrefeceu a luta entre as antigas agremiações. Sem o debate entre os meios de imprensa, o jornalismo ficou um tanto quanto prejudicado” (Thalassa, 2007, p. 13). O periódico *Correio Paulistano* teria “sobrevivido”, portanto, segundo análise da autora, por se tratar de um meio não partidário, ou seja, um jornal que escreveria sobre queixas e pautas ora conservadoras, ora liberais, mantendo essa premissa por

mais de duas décadas. Entretanto, pensando na longa duração do jornal, Sodré (1966) pontua que o *Correio Paulistano* foi majoritariamente conservador, tendo alguns períodos mais liberais.

O *Correio Paulistano* foi pioneiro em diversos aspectos:

o primeiro a ser publicado diariamente em São Paulo e por longo período de tempo; o primeiro a ser impresso em máquina de aço (abandonando o sistema de prelo manual à mão escrava capaz de rodar apenas 25 jornais por hora); o primeiro que montou oficinas a vapor; o primeiro que saiu às segundas-feiras; o primeiro a ser impresso numa máquina rotativa e o primeiro a sair em grande formato (Thalassa, 2007, p. 2).

A maioria das edições desse jornal está disponível digitalmente na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro e, nas edições consultadas, as reportagens relacionadas ao CRP e ao CCRN aparecem na seção de esporte ou na que tratava de assuntos das cidades do interior do estado de São Paulo.

Além do *Correio Paulistano*, o *Correio de São Paulo*², periódico paulistano, também faz parte do escopo documental desta pesquisa, e os exemplares utilizados também foram encontrados na Hemeroteca Digital. O jornal teve vida curta, circulando em São Paulo entre os anos de 1932 e 1937, apenas. Era um periódico “com notícias corriqueiras, mas também com forte apelo político liberal e regionalista. Como praticamente toda a imprensa paulista, o jornal assumiu os ideais constitucionalistas das oligarquias, empresários e classe média paulistas” (Cabral, 2014).

Politicamente, era um jornal que nasceu em oposição ao governo de Getúlio Vargas. No início de suas publicações, o jornal se voltava mais para assuntos políticos, mas, algum tempo depois, após a derrota dos paulistas na Revolução Constitucionalista, que ia de encontro ao governo Vargas, começou a escrever mais sobre esportes, filmes e teatros.

Outro jornal que faz parte do acervo de fontes consultadas é o *Diário de Santos*. Esse periódico foi fundado no ano de 1872 e foi “o primeiro jornal santista organizado como empresa e gerido por uma sociedade comercial” (Alves, 2007, p. 52). Além disso, ainda segundo Alves (2007), esse periódico foi considerado uma escola de jornalismo, pois contribuíram para ele alguns dos melhores jornalistas da cidade de Santos. Sob direção de Rangel Pestana, o jornal acaba por fechar no ano de 1918, voltando a funcionar dos anos 1930 a 1939. As notícias envolvendo o remo e as regatas apareciam na seção intitulada “Esportes”;

² Por ser um jornal de vida curta e criado no crescente meio da imprensa paulistana, não foram encontradas muitas referências bibliográficas para sua melhor descrição.

o periódico foi consultado na base de dados da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

Ademais, o periódico carioca *O Jornal* também faz parte do conjunto de fontes que propiciou discussões e análises do objeto desta pesquisa, principalmente na temática da nova federação paulista, à qual o clube piracicabano se filiou, em 1936. O periódico foi criado em 17 de junho de 1919 e foi dirigido inicialmente por Renato de Toledo Lopes. *O Jornal* era organizado com numeração de páginas e tinha, normalmente, 1 ou 2 delas reservadas aos assuntos esportivos. Após 5 anos de sua criação, foi comprado por Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Mello, o “Chatô”, cuja gestão causou ao periódico grande importância para a história da imprensa no país (Brasil, 2015).

O Jornal perdurou até o ano de 1974, focando grande parte de sua existência em assuntos políticos e até mesmo criando desavenças políticas em alguns momentos. Na década de 30, por exemplo, período em que o periódico foi utilizado para a pesquisa, após a instituição do Governo Provisório por Getúlio Vargas, *O Jornal* foi contra essa medida. Além disso, apoiou os constitucionalistas na Revolução de 1932, causando consequências negativas para Chatô: “preso, perdeu O Jornal (um de seus principais veículos) e O cruzeiro ficou proibido de circular por alguns meses” (Victor, 2012, p. 73).

Por fim, o último jornal que compôs o escopo documental desta pesquisa foi o *Diário do Povo*, jornal centenário campineiro, criado em 20 de janeiro de 1912 por Álvaro Ribeiro. De acordo com Lene (2020, p. 251), rapidamente, o jornal “caiu no gosto do público e atraiu parcelas importantes dos leitores que davam prestígio a O Comércio, jornal popular de forte influência junto às camadas menos abastadas, que foi criado em 1º de setembro do primeiro ano do século XX e sobreviveu durante duas décadas”.

Em 1924, Álvaro deixou a liderança do jornal por brigas internas com o sócio, ficando a direção do jornal para este, Antônio Franco Cardoso. Alguns anos depois, Álvaro fundou o *Correio Popular* e, para acompanhar o sucesso desse periódico, o *Diário do Povo* passou por algumas mudanças significativas; dentre elas, dobrou o número de páginas publicadas diariamente (Lene, 2020). O recorte do jornal *Diário do Povo* utilizado nesta pesquisa foi uma matéria comemorativa dos 50 anos do clube campineiro, retirada de fora de nosso recorte temporal, porém auxiliou no debate sobre o amadorismo do CCRN no início do século XX.

Nossa pesquisa também se debruçou sobre uma revista editada na cidade de Campinas: a revista *A Onda*, lançada na cidade em maio de 1921, por iniciativa de Domingos de Andrade e Victor Caruso, que circulou somente até 1924. O foco principal da revista em seu surgimento era o humorismo, “provavelmente pelo fato de um de seus fundadores, Victor

Caruso, ser um poeta que seguisse essa linha, mas também, possivelmente, talvez uma revista voltada para o humor poderia alcançar maior público e consequentemente vender mais” (Corrêa, 2013, p. 2). Grande parte de suas páginas eram dedicadas aos anúncios, ou reclames, como eram chamados na época, e retratavam os modos pelos quais a sociedade campineira vivia.

Apesar de sua curta vida, a revista é considerada uma importante fonte para o estudo da cidade na década de 1920, pois ela compreendia diversos temas que acompanhavam o crescimento urbano e cultural de Campinas. Para Corrêa (2013, p. 2), “*A Onda* pode ser caracterizada como uma revista de variedades, pois abarcava diversos assuntos de forma leve e condensada, sendo constituída por crônicas, poesias, contos, epigramas, além do grande número de ilustrações como charges, caricaturas e fotografias”.

Hadler (2022, p. 141) pontua que a revista tentava acompanhar as mudanças ocorridas em Campinas na década de 1920, período em que a cidade presenciou “disputas diversas em torno de concepções morais, religiosas, estéticas, políticas, culturais que afetavam as posturas de homens e mulheres que se movimentavam pelo espaço urbano”. Dessa forma, *A Onda* deixa rastros das mudanças socioculturais ocorridas em Campinas no início do século XX, bem como das transformações na vida urbana e nas relações com a natureza no período.

A Onda era publicada quinzenalmente aos domingos e tinha como tema privilegiado em suas páginas o ambiente cultural campineiro, como os clubes e os centros educacionais (Corrêa, 2012, 2013). As regatas que ocorriam no CCRN eram noticiadas n’*A Onda* nas colunas “Secção esportiva” e “Rowing³”, reafirmando a importância e visibilidade que esse esporte ganhava no início do século XX, não só nas capitais do país, mas também no interior.

A primeira notícia sobre o CCRN nas páginas da revista foi em sua terceira edição, no dia 5 de junho de 1921. Em comemoração ao terceiro ano de fundação do clube, foi organizada uma festa, ocorrendo algumas provas aquáticas, como regatas e natação. Na edição posterior, de número 4, a revista comentava com entusiasmo sobre a festividade de aniversário do clube, pontuando que “o numero das competições foi pequeno e ellas se limitaram apenas a provas sobre a agua, mas, como dissemos, o desenrolar das luctas deu-se de tal modo, que a quantidade foi suplantada pela qualidade, pois somente a prova principal valeu por um programa” (*A Onda*, n. 4, 1921).

Nessa edição, também foram publicadas diversas fotografias do evento, mostrando o grupo de nadadores do clube, o barracão de danças, as equipes de remo e o galpão de barcos.

³ *Rowing* é um substantivo inglês que significa remo ou canoagem.

Além disso, há uma fotomontagem, feita por Zico Villela⁴, reunindo três fotografias, retratando alguns momentos principais do evento. Na Figura 4, é possível observar quais eram os intuitos que levavam um clube em meio à natureza a estar presente na cidade de Campinas, como a prática do remo e dos saltos de trampolim, bem como quem eram os espectadores, torcedores e apoiadores desses eventos.

Figura 1 – Clube Campineiro de Regatas e Natação: Fotomontagem de Zico Villela, 1921



Fonte: A Onda (n. 4, 1921).

Outra revista utilizada como fonte nesta pesquisa foi a *Revista de Educação Física*, fundada em 1932 pela Escola de Educação Física do Exército, o periódico nacional na área da Educação Física mais antigo do país (Revista de Educação Física, 2014). De acordo com Retz (2019), que analisou todas as suas matérias imagéticas do ano de 1932 a 1960, essa revista apresentava maior interesse nas práticas da ginástica e do atletismo. Segundo o autor, as imagens prescreviam e orientavam como os movimentos corporais das práticas deveriam ser realizados. Algumas matérias sobre o remo têm também foram publicadas na revista, sendo muito importantes para nossa análise com relação aos tipos de embarcações utilizadas nas regatas e

⁴ Não foi encontrada nos arquivos do centro de Memória da Unicamp nenhuma referência sobre este fotógrafo.

suas características. A edição da *Revista de Educação Física* utilizada neste estudo está disponível digitalmente em seu *site*.

A virada do século XIX para o século XX e suas primeiras décadas foram um período de transformações da imprensa no país, justificado pela velocidade por meio da qual o advento da modernidade e seus signos geraram impacto na vida cotidiana de grande parte da população. Hadler (2022, p. 141) pontua que, na década de 1920, “inovações tecnológicas impactam o cotidiano de muitas cidades brasileiras, produzindo determinadas percepções e experimentações da vida urbana, suscitando a emergência de outras formas de sociabilidade”.

Esse período, de acordo com Balsalobre (2010, p. 16-17), “delimita um importante momento para a imprensa no Brasil: a transição da pequena à grande imprensa”. Os jornais e revistas, acompanhando a modernização, passaram a abordar temas novos, como o teatro, a moda e os esportes (Cruz; Peixoto, 2009; Luca, 2005; Martins, 2008).

A imprensa divulgava temas áridos, tratando-os de modo mais ligeiro, sobretudo, em uma linguagem mais acessível. Parte das recomendações médicas em relação à vida ao ar livre e à prática de esportes era constantemente evocada nas páginas dos jornais e das revistas.

A aceleração do tempo e o confronto com os artefatos que compunham a modernidade (automóveis, bondes, eletricidade, cinemas, casas noturnas, fonógrafos, câmaras fotográficas), a difusão de novos hábitos, aspirações e valores, as demandas sociais, políticas e estéticas das diferentes camadas que circulam pelas cidades, os conflitos e esforços das elites políticas para impor sua visão de mundo e controlar as “classes perigosas”, a constituição dos espaços públicos e os meandros que regiam seu usufruto e circulação, as intervenções em nome do sanitarismo e da higiene, a produção cultural e as renovações estéticas, tudo isso passou a integrar as preocupações dos historiadores, *que não se furtaram de buscar parte das respostas na imprensa periódica*, por cujas páginas formularam-se, discutiram-se e articularam-se projetos de futuro (Luca, 2005, p. 120, grifo nosso).

Luca (2005) sublinha que uma revista, além de englobar variados assuntos, é detentora de uma leitura fácil e agradável. Ao lado dessa reflexão, Martins (2008, p. 21) também assinala que uma revista registra os fatos e acontecimentos de formas muito variadas indo “do textual ao iconográfico, do extratextual - reclame ou propaganda - à segmentação, do perfil de seus proprietários àquele de seus consumidores”. Por ter em suas páginas muitas imagens, o periódico, no início do século XX, foi enriquecido e passou a envolver outros públicos de leitores, até mesmo analfabetos, que conseguiam entender a mensagem redatorial a partir do meio iconográfico. De acordo com Soares (2011, p. 7),

folhear uma revista antiga nos remete, de imediato, àquele tempo que não é mais nosso; de suas páginas parece exalar uma atmosfera desse tempo, de

gostos e de sentimentos, de necessidades diversas que parecem ali, naquelas páginas, serem as mais importantes. Há uma leveza, uma fluidez naquilo que mostram, escondem, ou, talvez, naquilo que desejam.

É importante também compreender a utilização de obras memorialistas como fontes para escrever uma história da esportivização do remo no interior paulista no início do século XX. Tomando como fundamentação os escritos de Domingues (2011, p. 2), compreendemos por memorialistas

escritores que utilizam diversas ferramentas e fontes em seus textos – às vezes resultando em textos de cunho autobiográfico, nos quais o autor utiliza, a sua experiência de vida e a tradição oral, da cidade sobre a qual escreve, para construir a narrativa histórica –, sem que para isso se utilizem das normas metodológicas e teóricas da escrita acadêmica sobre história.

Embora os escritores memorialistas selecionem o que vão contar, não utilizando, na maioria das vezes, regras teórico-metodológicas, isso não os torna menos significantes para uma construção histórica. A memória nada mais é do que funções psíquicas responsáveis por armazenar informações tanto individuais quanto coletivas (Le Goff *et al.*, 2003). Ao relatar, escrever ou contar suas memórias, o ser humano se torna um importante facilitador para registrar o passado, conservando, assim, uma identidade coletiva do contexto. Além disso, a memória não está dissociada do campo de dominação das lutas sociais, levando a uma legitimação de seu uso como fonte histórica (Fenelon; Cruz; Peixoto, 2004). Os escritores memorialistas registraram em suas obras os aspectos que julgaram importantes para narrar sobre seus temas; assim, é possível entender o que, para determinada sociedade em determinado período, fazia sentido e merecia lugar de destaque. Segundo considerações de Domingues (2011, p. 12),

a narrativa memorialística muitas vezes pode ter elementos ficcionais, mas no geral sua busca no passado é também imbuída da necessidade de encontrar elementos explicativos do presente. O interesse pela história é evidente e apesar de não serem textos propriamente científicos, com pesquisas que levaram a uma narrativa histórica consistente, são, ao meu ver, derivados da consciência histórica e de uma necessidade sobre o passado, que não é sentida apenas por historiadores. Portanto, estudar os memorialistas também deve ser um campo de estudos da ciência histórica.

Um dos livros memorialistas utilizados neste estudo é *Clube Campineiro de Regatas e Natação: Oitenta e dois anos de História, Oitenta e dois anos de Glórias*, escrito por Darci Maria Pascoal Palombo no ano 2000, referente ao CCRN. Nele, a autora escreve sobre o clube de forma nostálgica, perpassando alguns acontecimentos que marcaram sua existência e

elencando nomes e imagens de associados que participavam das diversas práticas que o clube abrangia e nelas competiam.

A autora utilizou algumas fontes para relatar esses acontecimentos, como jornais que o clube editava, atas de reuniões de presidência e conselho do clube, boletins internos e recortes de jornais das décadas de 1910 a 1990. Apesar do número de fontes agrupadas pela pesquisadora, ela escreve uma história linear do clube e dos esportes desenvolvidos por ele, narrando fatos ocorridos desde 1918 até 2000, mas sem olhar esses fatos a partir de um objetivo e uma hipótese específica.

Embora o livro tenha essa característica de uma história linear, ele contempla informações sobre a construção do clube, seus fundadores, além de reservar uma parte para o remo e as regatas festivas. Quando escreve sobre o remo, Palombo coloca o título “O esporte pioneiro do Regatas” e assinala que, em 1918, o clube já tinha em posse três embarcações para a prática do remo. O barco era um equipamento de alto valor, sendo que diversos clubes náuticos tinham que realizar empréstimos ou receber incentivos financeiros para conseguir suas embarcações, importadas em alguns casos, principalmente no início do século XX (Nicolini, 2005; Silva; Mazo, 2009).

Outra obra memorialista utilizada, principalmente para a obtenção de imagens, foi o livro *Regatas 100 Anos* (Bragas, 2018). Esse livro foi organizado pelo presidente do clube do ano em que foi lançado, 2018, e foi feito com o intuito de relembrar parte da trajetória do CCRN em comemoração a seu centenário. O livro é dividido por décadas; em cada uma, são apresentados brevemente os principais acontecimentos e conquistas do clube.

Com um caráter de enaltecimento do clube e com diversas imagens, o livro, assim como o memorialista *Clube Campineiro de Regatas e Natação: Oitenta e dois anos de História, Oitenta e dois anos de Glórias*, apresenta uma história linear, dando destaque a alguns atletas importantes para o clube. Além disso, aborda, de maneira superficial, alguns esportes marcantes ao longo de seus 100 anos, como o remo, o tênis e a ginástica.

Em relação à cidade de Piracicaba, utilizou-se como fonte o livro memorialista *Piracicaba, um rio que passou em nossa vida*, escrito pelo jornalista e escritor Cecílio Elias Netto e publicado no ano de 2016. O livro conta, de maneira saudosista, com passagens de sentimentos pessoais do autor, um pouco da história do rio Piracicaba, tendo um grande acervo de imagens. É dividido em capítulos, com nomes relacionados à religião católica, como “batismo” e “eucaristia”; a maneira como o autor divide a história do rio remete a seu nascimento, crescimento, morte e renascimento.

Netto (2016) conta brevemente sobre o CRP no capítulo intitulado “O espartano Clube de Regatas”. O autor piracicabano escreve: “À medida que a barca se afasta, os olhos – úmidos de emoção e de lembranças – abraçam o que restou do Clube de Regatas Piracicaba, forja de heróis, nossa Esparta a complementar a Atenas. Foi o berço esportivo de nossa terra, o Crisma dos músculos e da inteligência” (Netto, 2016, p. 62).

Nas obras de memorialistas que constituem parte das fontes desta pesquisa, bem como em jornais e revistas, encontram-se diversas fotografias que retratam os eventos ocorridos nos clubes campineiro e piracicabano, como a prática do remo e das regatas, os passeios, os piqueniques e as festividades, como bailes e danças. Para este trabalho, as imagens são constituídas por telas de pintores, além de fotografias relativas às cidades e aos clubes estudados. As fontes imagéticas encontram-se no Centro de Memória da Unicamp (CMU), no Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba (IHGP) e em livros de memórias de ambas as cidades.

Com as outras fontes utilizadas neste estudo e já comentadas anteriormente, a fotografia “foi e ainda é utilizada como janela para o passado, fornecendo dados que os documentos textuais não registraram” (Sônego, 2010, p. 114). Tomando Burke (2017) e Sontag (2004) como referenciais teóricos sobre os usos das imagens como fontes históricas, é compreendido que as fotografias, as pinturas e os desenhos devem ser tratados como as outras tipologias de fontes em um estudo da história cultural. Ou seja, as imagens “dizem” sobre o passado assim como um jornal, uma revista, um documento oficial, um objeto da cultura material ou uma obra literária. Do mesmo jeito que elas “dizem”, elas escondem; portanto, um olhar atento e minucioso deve ser dirigido às imagens.

A fotografia, fonte imagética mais utilizada neste estudo, de acordo com Mauad (1996, p. 5), é “uma história múltipla, constituída por grandes e pequenos eventos, por personalidades mundiais e por gente anônima, por lugares distantes e exóticos e pela intimidade doméstica, pelas sensibilidades coletivas e pelas ideologias oficiais”. Portanto, as fotografias referentes aos clubes campineiro e piracicabano no período estudado aqui são capazes de mostrar as representações⁵ do que era, para aquela sociedade, a presença de um espaço que promovia eventos e competições esportivas, além de bailes e festas. Dessa forma, as fotografias do início do século XX, referentes ao remo e às regatas no CRP e no CCRN, são capazes de transmitir percepções acerca da natureza e de seus elementos onde essas

⁵ É importante destacar que aqui se produz apenas *uma* história e não *a* história sobre nosso objeto de estudo, pois a relação *objeto-pesquisador* se dá a partir de representações, sendo possível concluir que não se pode alcançar o mundo real do passado, não existindo uma verdade absoluta sobre ele, mas sim verdades (Chartier, 1991).

práticas estavam presentes, pois representam valores acerca da natureza que compunham as práticas dos clubes naquele tempo.

Diversos encontros e disputas de remo entre os dois clubes surgiram nas diferentes fontes palmilhadas anteriormente e aqui citadas, o que sugere uma nova hipótese de pesquisa: a de que o rio Piracicaba abrigou um conjunto de práticas esportivas e recreativas em suas águas e suas margens, guardando relativa semelhança com o que ocorreu no rio Atibaia, em um período relativamente próximo. Além disso, questionamo-nos acerca da existência de uma espinha dorsal de um modelo sobre os esportes náuticos no interior de São Paulo.

Ao refletirmos sobre nosso objeto de pesquisa, alguns questionamentos surgem, os quais nos direcionam os olhares às fontes especificadas anteriormente: como o ato de remar, presente na humanidade com diferentes finalidades, foi acrescido de mais um significado, o de prática esportiva? Como, aos poucos, o remo se tornou uma das práticas mais importantes do século XX? Como Campinas e Piracicaba, duas cidades do interior de São Paulo, receberam em seus respectivos rios a prática do remo e como ela se assemelhou ou se diferenciou do mesmo acontecimento em diferentes lugares do mundo? Como a prática foi se aproximando cada vez mais do modelo esportivo? Quais aspectos foram alterados e levaram o remo a se tornar um esporte moderno? Houve semelhanças na esportivização do remo nas duas cidades estudadas? A esportivização do remo em ambas as cidades foi incorporada em um modelo de prática no estado de São Paulo? Todos esses questionamentos foram provocadores da investigação das fontes e geraram análises e discussões sobre o tema de relevante importância tanto para a área da História do Esporte quanto para a de Educação.

1 O ATO DE REMAR, O REMO: ALGUNS ANTECEDENTES

De acordo com o *Dicionário do esporte no Brasil*, o remo “é um dos esportes mais importantes do século XX, por ter sido o primeiro a estabelecer definitivamente a ligação entre o esporte, a atividade física e as preocupações com a saúde, considerando aqui também uma vinculação com a educação moral” (Melo, 2018, p. 140). O remo foi responsável por aperfeiçoar a organização esportiva proposta inicialmente pelo turfe, esporte que perdeu popularidade à medida que o futebol passou a se disseminar. A prática do remo dava destaque à exposição corporal, aos músculos e ao vigor, signos tidos como importantes para a modernização do país.

O ato de remar sempre esteve presente nas mais diversas sociedades e culturas voltadas a distintas finalidades. Seja como meio de transporte para atravessar o rio ou percorrer longas distâncias, seja para pescar, o barco a remo já era utilizado em uma longa duração⁶, sendo uma prática importante pertencente a diferentes grupos humanos⁷. Neste trabalho, a palavra *remo* é utilizada em seu sentido de prática esportiva, em alguns casos, de divertimento e, em outros, como meio de transporte.

Para Elias (1992), a formação do esporte moderno associa-se ao controle da violência, criando um espaço em que é possível se encontrar um descontrole controlado. Ou seja, a prática esportiva é um momento de tensão, prazer e excitação, porém dentro dos limites desejados pelas novas governabilidades da sociedade moderna. O surgimento do esporte moderno ocorreu nas escolas públicas da Inglaterra no século XVIII em um contexto que, para Elias (1992), acumulou condições de estruturas psíquicas e sociais necessárias e fundamentais para o desenvolvimento de práticas regulamentadas.

Os primeiros registros encontrados de competições utilizando o barco a remo são de feixes de papiro em baixo-relevo e remontam ao Egito antigo há mais ou menos 60 séculos

⁶ Trabalho aqui com a categoria de longa duração enunciada por Fernand Braudel (1969, p. 54, tradução nossa), para quem, “entre os diferentes tempos da história, a longa duração se apresenta assim como uma personagem embaraçosa, complicada, mas também inédita. Admiti-la no coração de nosso ofício não será um simples jogo, a habitual expansão de estudos e de curiosidades. [...] Para o historiador, aceitar a longa duração é se prestar a uma mudança de estilo, de atitude, uma surpreendente e profunda mudança do pensamento em direção a uma nova concepção do social. É familiarizar-se com um tempo lento, por vezes, quase no limite do movimento. Nesse estágio, não em outro, ou seja, nessa lentidão [...], é lícito se desprender/desligar do tempo exigente da história, sair, depois voltar, mas com outros olhos, carregados de outras inquietações, de outras questões. Em todo caso, é em relação a essas camadas da história lenta que a totalidade da história pode se repensar, como a partir de uma infraestrutura. Todos os estágios, todos os milhares de estágios, todos os milhares de estilhaços dispersos do tempo da história se compreendem a partir dessa profundidade, dessa imobilidade; tudo gravita em torno dela”.

⁷ Nunca é demais assinalar essa prática entre os primeiros habitantes do Brasil, indígenas pertencentes a diferentes etnias em diversas regiões brasileiras. Ver por exemplo a obra produzida pelo Espaço Cultural Banco do Brasil denominada *Antes- histórias da pré-história*, publicada pela Editora Gráficos Burti, em 2004.

atrás (Licht, 1986). Pensando agora em uma história um pouco mais recente do surgimento do remo com caráter competitivo ao redor do mundo, muitos estudos compõem o escopo bibliográfico desta pesquisa.

Em Veneza, a primeira regata documentada é de 1315 e foi organizada pelo decreto de Giovanni Soranzo, um nobre governador estadista (Gori, 2015). Ao longo dos séculos, as regatas continuaram a ter um lugar de destaque em Veneza, sempre ocorrendo de maneira simples e regular e assumindo, esporadicamente, outros papéis de traços políticos e religiosos⁸. Por causa de suas águas rasas e calmas, as regatas ocorriam com embarcações pequenas que se adaptaram bem aos rios da cidade.

Segundo Gori (2015), as mulheres, até o século XVII, não estavam autorizadas a remar nem para fins militares nem para a própria diversão. As mulheres que remavam em Veneza eram trabalhadoras e ajudavam a família a se sustentar por meio do transporte e da venda de alimentos com seus barcos até as estações próximas. Algumas mulheres⁹, conseqüentemente, passaram a gostar de remar e foram resistentes, até que ocasionalmente remaram em nome de suas equipes favoritas.

Em Helsinki, na Finlândia, as regatas começaram a aparecer já na metade do século XIX, a partir de influências vindas da Inglaterra, porém só nas décadas de 1880 e 1890 que a prática se constituiu de maneira mais competitiva e organizada (Sjöblom, 1998). Diversas regatas esporádicas eram organizadas na Finlândia ao longo do século XIX, como uma competição organizada por Alex Hintze, editor chefe da revista esportiva *Sportmen*, que ocorreu na cidade de Kuopio em 1875.

Porém, de acordo com Sjöblom (1998), a partir de contatos com outros países, principalmente a Inglaterra, e propagandas esportivas nos jornais e revistas do período, o remo se consolidou no país com clubes que tinham como principal objetivo promover a prática. Essa consolidação se deu inicialmente na cidade de Helsinki, com a criação do Helsinki Rowing Club, no ano de 1884. O autor pontua que “o clube havia estipulado em seus estatutos que seu primeiro e principal objetivo era promover o interesse e a prática do remo como um

⁸ As regatas de Veneza deram nome a eventos festivos de desfile de barcos que chegaram ao Brasil no final do século XIX, as chamadas festas venezianas. De acordo com Licht (1986, p. 26), “em 31 de janeiro de 942 D.C., uma horda de piratas eslavos assaltou a igreja de São Pedro Martir, durante uma cerimônia matrimonial coletiva, raptando doze noivas. Superada a surpresa geral, um grupo de venezianos saiu em perseguição aos assaltantes, e sendo ótimos remadores e dispondo de barcos rápidos conseguiram alcançar e trucidar os piratas e salvar as doze jovens. O inusitado acontecimento ficou conhecido como ‘O Rapto das 12 Marias’ e passou a ser festejado anualmente na cidade com uma regata para homenagear a participação brilhante de seus destemidos remadores, na ‘Veneziana Festa delle Marie’. Esta é uma das versões, sem dúvida a mais romântica, da origem da ‘Grande Regata de Veneza’”.

⁹ Como foi o caso de Maria Boscolo, que se tornou uma estrela das regatas em Veneza.

exercício físico saudável. Para atender a esses objetivos, o conselho foi obrigado a organizar treinamentos e competições” (Sjöblom, 1998, p. 88).

Em meados do século XIX, nas praias da Cantábria, na Espanha, a família real começou a ir ao mar para banhar-se com o intuito terapêutico a partir de discursos higienistas da época (Gil de Arriba; Larrinaga, 2020). Adiante, a aristocracia espanhola, já no início do século XX, no reinado de Afonso XIII, conduzida pela conduta de *sportman*¹⁰ do rei, começou a praticar alguns esportes, como a navegação marítima, o remo e o golfe. Os esportes náuticos eram praticados pelas elites principalmente nas cidades de San Sebastián e Santander; se, por um lado, foram responsáveis por criar e modificar espaços para a prática esportiva, por outro, significaram a hierarquização desses espaços.

No Uruguai, o estudo de Quitau (2019), baseado em uma perspectiva regional, aponta que a emergência da prática esportiva surgiu no país em consonância com outras cidades e países num mesmo período. Conforme os clubes de regatas e futebol começaram a emergir na cidade de Paysandú, o foco nas corridas de cavalo diminuiu. A autora nota duas semelhanças entre as fontes documentais sobre as regatas e sobre as corridas de cavalo: a primeira é que ambas as práticas tinham as apostas como uma das principais características; e a segunda é o uso ambíguo da palavra Esporte, muitas vezes, utilizada no sentido de apostar. Por outro lado, a criação do clube de remo Romero marcou também o início da regulamentação e estruturação das regatas, diferente do que ocorria com as corridas de cavalo.

Já nos Estados Unidos, as competições de remo tiveram seu berço estrutural em universidades: em meados do século XIX, Yale e Harvard se tornaram grandes centros para os esportes aquáticos (Schawillie, 1950). As técnicas corporais também já começam a se manifestar naqueles anos, constituindo-se em um “estilo americano” em que as remadas eram mais longas e constantes. As universidades estadunidenses também viajavam para disputar competições de remo com outras universidades, principalmente as inglesas. Já no século XIX, mais precisamente em 1869, ocorreu a primeira competição entre Harvard e Oxford: “campeões em seu continente, uma tripulação de quatro homens de Harvard cruzou o Atlântico para desafiar Oxford, vitoriosa, na primavera anterior, no tradicional duelo com Cambridge” (Mathews, 1960, p. 74, tradução nossa).

Em Sydney, na Austrália, o remo teve início, na década de 1890, a partir de regatas organizadas por clubes de caráter esportivo, formados por classes trabalhadoras dos subúrbios

¹⁰ No Brasil, esse termo era utilizado como uma “denominação genérica para todos que se envolviam com o esporte, como competidores, dirigentes ou simplesmente como público aficionado. O termo atleta ainda não era utilizado no século XIX para designar o competidor em provas esportivas” (Melo, 2018, p. 147).

da cidade, principalmente as que se localizavam perto da Baía de Johnstone (De Montfort, 2013). Quem remava em Sydney no final do século XIX e início do século XX eram os barqueiros, trabalhadores dos cais e jogadores de futebol que estavam fora da temporada regular, sendo que pessoas de elite, como empresários, apareciam menos nas classificações das regatas. De acordo com De Montfort (2013), os clubes de remo da cidade, como o Johnstone's Bay Sailing Club e o The East Sydney Sailing Club, alugavam barcos para que tanto os profissionais quanto os que não conseguiam ter seu próprio barco pudessem remar.

No Brasil, uma das primeiras cidades a ter a emergência do remo no ideário de urbanização e modernidade foi o Rio de Janeiro. Inicialmente, a aproximação do ser humano com o litoral na cidade foi realizada a partir de recomendações de médicos e higienistas, que afirmavam que os banhos de mar eram terapêuticos. Assim, o mar era um local considerado para solucionar os problemas de saúde e não ainda como forma de divertimento ou de prática esportiva.

Conforme Melo (1999), em meados do século XIX já se podia observar grupos mais organizados que realizavam algumas regatas no Rio de Janeiro e estes eventos eram encarados pela imprensa carioca como uma forma de diversão saudável. Com o passar dos anos, alguns clubes de regatas foram criados, como o Club Guanabarenses, responsável por marcar o desenvolvimento do remo na cidade e abriu novos horizontes para o avanço das associações náuticas.

Entretanto, não foi somente no Rio de Janeiro que a prática do remo e das regatas se fez presente e deu novos significados ao local e aos indivíduos. Em Curitiba, por exemplo, conforme os estudos de Moraes e Silva (2011), as regatas tomaram lugar no Passeio Público da cidade. Tratava-se de um lugar construído com a finalidade de “transformar uma área central considerada inóspita, portadora de miasmas e facilitadora da disseminação de inúmeras doenças, em um lugar aprazível e pleno de possibilidades educativas voltadas à saúde do indivíduo urbano” (Moraes e Silva; Quitau; Soares, 2018, p. 8).

Assemelhando-se a clubes já existentes em cidades como Rio de Janeiro, Recife, Vitória e Belém, alguns clubes recreativos e esportivos se instalaram em Curitiba já no final do século XIX. A finalidade deles era organizar e realizar eventos esportivos valendo-se de parques e praças públicas como um primeiro lugar (Moraes e Silva, 2011).

Em Porto Alegre, no início do século XX, o remo era o esporte destaque da cidade, crescendo; com o passar dos anos, a quantidade de clubes construídos. Havia um confronto identitário expresso a partir desses clubes. De acordo com Pereira, Mazo e da Silva (2014), inicialmente, os clubes da cidade eram hegemonicamente de origem alemã, gerando um

vínculo entre as práticas esportivas e esse grupo em específico. Com o objetivo de construir um clube que tivesse uma identidade brasileira, o Grêmio de Regatas Almirante Tamandaré surgiu como uma “reação às identidades teuto-brasileiras constituídas ao redor do remo, onde fosse possível falar apenas o idioma português” (Pereira; Mazo; Da Silva, 2014, p. 60). Além do idioma, as embarcações eram nomeadas com palavras em tupi-guarani, e o clube foi instalado em um local que simbolizava a defesa dos mares nacionais.

Na cidade de Teutônia, também localizada no Rio Grande do Sul, praticava-se o remo em meados do século XX. Também com associações de origem alemã, o clube esportivo da cidade, inicialmente foi fundado para a prática do tiro ao alvo e, posteriormente, para o remo, por meio dos quais os alemães preservavam sua identidade cultural e seus costumes (Kilpp; Mazo; Lyra, 2010). De acordo com Mazo (2004, p. 24), os clubes esportivos sul-rio-grandenses compreendem um “amplo repertório de símbolos, valores, normas, comportamentos e outras formas de representações, e neste sentido pode ser visto como um mecanismo de afirmação da identidade cultural teuto-brasileira”.

Silva e Mazo (2021) pontuam que os clubes de remo do Rio Grande do Sul receberam influências do remo praticado nas universidades dos Estados Unidos, mais especificamente em Yale e Havard. Essa tradução cultural para o Brasil levou os clubes a tornarem a prática cada vez mais esportivizada. Um exemplo disso foi a instalação de academias para os remadores por volta de 1907 e a importação de barcos especializados da Europa desde fins do século XIX, construídos para serem mais leves e, dessa forma, mais rápidos.

Em Belém do Pará, o primeiro evento de uma regata comemorativa ocorreu em 1876 em função da vitória do país na Batalha de Riachuelo:

a regata comemorativa eclodia como uma prática totalmente nova, que valorizava a vida ao ar livre sobre as águas da Baía do Guajará, resultando daí um espetáculo: catraias, barcos a velas e outros tipos de embarcações singravam festivamente as barrentas águas guajarinas, em vias de remodelação e adequação aos novos ares belenenses, no período que precedeu a implantação dos esportes náuticos (Dias; Soares, 2014, p. 172).

Antônio Lemos, intendente de Belém entre 1897 e 1911, trabalhava em prol da modernização da cidade. Entre os progressos modernizadores, a implantação dos esportes náuticos se fez presente a partir da remodelação da orla de Belém, bem como os sentidos dados a ela, além do surgimento dos clubes náuticos e da instalação, no ano de 1909, da Liga Marítima Brasileira, responsável por promover as regatas da cidade. Assim, de acordo com Dias (2014), o início das regatas em Belém do Pará teve significados festivos nos momentos de diversão da cidade. Entretanto, com a chegada da regulamentação da Liga Marítima, o

aspecto festivo não era mais característica principal das regatas, passando a ter um caráter mais competitivo e burocrático.

Os estudos de Varnier (2012) se debruçam sobre a emergência dos clubes esportivos na cidade de Vitória, tanto os náuticos quanto os futebolísticos. Segundo a autora, “a localização geográfica da ilha de Vitória foi um dos elementos fundamentais para o desenvolvimento do remo capixaba. A constituição de um território banhado pelo mar e o clima quente e úmido fizeram da cidade um lugar propício para a prática desse esporte” (Varnier, 2012, p. 102). Os políticos Nestor Gomes e Florentino Ávidos, na década de 1920, realizaram algumas mudanças urbanísticas visando a uma cidade mais moderna e confortável, sendo uma delas o incentivo à prática do remo, já que o desenvolvimento dos esportes náuticos era associado ao novo. A autora destacou em sua pesquisa que, por muito tempo, o remo foi um dos esportes mais praticados pelos capixabas, e os clubes Álvares Cabral e Saldanha da Gama eram os de maior influência na época.

Em Santa Catarina, a primeira regata ocorreu em 1861 na cidade de Desterro e foi noticiada nos jornais da cidade (Moraes, 2017). Até meados do século XIX, os locais de sociabilidade das elites catarinenses eram, em sua maioria, em salões de festa; portanto, as regatas esporádicas que ocorriam na cidade ocasionaram um deslocamento dos eventos para a beira do mar. Segundo estudos de Moraes (2017), foi a virada do século XIX para o XX que marcou o surgimento dos clubes náuticos em Santa Catarina, como o Club 29 de abril (1902) e o Clube Esportivo Fabrício de Mattos (1904). Com o advento do esporte na cidade nos primeiros anos do século XX, a década de 1910 presenciou o nascimento de cinco novos clubes esportivos que tiveram o remo em seu conjunto de práticas.

Já no ano de 1885, em Recife, alguns clubes de remo, influenciados pelos jornais que anunciavam a prática em outras cidades, foram construídos, como é o caso do Clube de Regatas Guanabara, e de outro que recebeu influência de imigrantes, o Clube Internacional de Regatas (Silva; Nascimento, 2011). Os clubes foram responsáveis por organizar regatas esporádicas, sendo sempre bem elogiados pela imprensa, além de buscarem uma melhora para a prática, com barcos importados da Inglaterra, entre outros avanços.

Em São Paulo, assim como ocorreu em outras cidades e regiões colocadas anteriormente, a emergência da prática do remo se deu a partir da criação de clubes esportivos. Em 1899, dois clubes foram os pioneiros nas práticas aquáticas da cidade, um de origem italiana, o Clube Esperia, e outro de origem alemã, o Clube Germânia (Medeiros, 2021). O Clube Esperia e o Clube de Regatas São Paulo eram, no início do século XX, os dois maiores promotores do remo na cidade, sendo que ambos estavam instalados “frente a frente,

dividindo o trecho da Ponte Grande, no rio Tietê, para realizarem seus treinamentos e torneios” (Medeiros, 2021, p. 60).

No ano de 1907, nasceu em São Paulo um dos clubes mais importantes na difusão dos esportes aquáticos, o Clube Tietê, criado por antigos remadores do Clube de Regatas São Paulo, os quais se desassociaram dele por brigas internas. Porém, devido à urbanização que ocorria de maneira acelerada em São Paulo, seus rios começaram a se degradar pela poluição, impedindo que as regatas e outras práticas esportivas fossem realizadas, principalmente o rio Tietê, que abrigava os quatro clubes anteriormente citados.

Com a poluição dos rios, os esportes aquáticos precisaram se mudar para continuarem ocorrendo em São Paulo. Um desses locais foi a represa do Guarapiranga¹¹. Esta foi criada com o intuito de aumentar a produção de energia hidrelétrica e, posteriormente, de ajudar no abastecimento público de água. A partir, basicamente, da metade do século XX, a represa foi palco de práticas que não tinham relação com seus objetivos iniciais, como a prática do remo e os piqueniques (Jorge, 2016).

A prática do remo¹², seja como esporte competitivo, seja como simples divertimento, ou, ainda, como meio de transporte de pessoas e cargas, fez-se presente desde o final do século XIX e ao longo do século XX nas mais diversas cidades e regiões do país, independentemente de ser praticado no rio ou no mar. Esse múltiplo caráter do ato de remar esteve presente antes e durante a esportivização e institucionalização da prática. Um estudo de Silva, Zimmermann e Saura (2020, p. 5), cujo objeto são os caíçaras e suas relações e manifestações por meio do mar, aponta que

a prática da canoagem caíçara se configura de diversas maneiras, seja no transporte, na pesca, em brincadeiras ou em competições, sendo que na maioria das vezes, as fronteiras entre um e outro momento não são bem delimitadas e estes momentos se misturam, como é comum de observar em jogos tradicionais, que muitas vezes tem forte relação com as atividades rotineiras das comunidades.

Essa multiplicidade de significados também podia ser observada em outras práticas, como nas corridas de cavalo, pois os cavalos, de acordo com Melo (2014, p. 211), ao se referir à cidade do Rio de Janeiro, “não eram estranhos ao cotidiano, não só por serem costumeiros meios de transporte de pessoas e cargas, como também por certos divertimentos, como cavalhadas e touradas, que existiam na cidade desde o século XVIII”.

¹¹ Até o ano em que este trabalho foi realizado, os esportes náuticos ainda estão presentes no Guarapiranga.

¹² Um conjunto de esportes aquáticos e náuticos teve lugar nos clubes estudados. Nossa pesquisa se deteve à prática do remo e das regatas no período de 1907 a 1936.

O nado também foi uma prática que manifestou certa pluralidade nos rios e nos mares, tanto no interior quanto nas capitais do país. Em São Paulo, por exemplo, se nadava no rio Tietê por diversos motivos, como atravessar a margem de um lado a outro, divertir-se com brincadeiras, além dos desafios de saltos e travessias (Medeiros; Quitzau; Moraes e Silva, 2020). Por sua vez, esses autores afirmam que, com a criação de clubes esportivos à margem do Tietê e de outros rios paulistanos, o nado começou a ser regulamentado cada vez mais, até que o esporte da natação tomasse grande dimensão nos espaços clubísticos, inclusive com a criação de lugares específicos: as piscinas. A Travessia de São Paulo a nado foi um evento que exemplifica como a prática em questão tornou-se gradualmente mais burocratizada e institucionalizada, com regras mais bem delimitadas, maior quantidade de árbitros, além de distâncias com delimitações mais precisas.

Outra prática ao ar livre que foi multiplicando seus significados com o passar dos anos foi o ato de andar de bicicleta. De acordo com estudos de Lessa (2021) e Lessa, Soares e Moraes e Silva (2023), o artefato da bicicleta chegou no país por influências europeias e, no fim do século XIX e início do XX, em São Paulo, andar de bicicleta se consolidou como uma prática da elite paulistana. No mesmo período, outra forma de usar a bicicleta, dessa vez mais regrada, emerge na cidade: o ciclismo. Por conseguinte, é importante destacar que

o singelo hábito de andar de bicicleta não desapareceu com o advento do ciclismo, ou seja, de sua incorporação ao esporte moderno, razão pela qual capturar essa transição indica sua importância no âmbito de um conjunto de hábitos tipicamente urbanos que podem contar trechos das muitas histórias das cidades (Lessa; Soares; Moraes e Silva, 2023, p. 314).

O que queremos enfatizar aqui é o quanto esse conjunto de práticas ao ar livre teve, na natureza e em seus elementos, um importante aporte para sua realização. Assim, faz-se necessário assinalar neste momento algumas noções e conceitos acerca da natureza e de seus elementos, sobretudo, indicar de qual natureza se fala.

1.1 O remo e as naturezas em movimento

O remo e outras práticas que se desenvolveram no Brasil no final do século XIX e início do XX nasceram e se consolidaram nos ambientes da natureza. O conceito de natureza é fundamental de ser desenvolvido aqui, pois o contato com os elementos da natureza produziu sensibilidades nos indivíduos de Campinas e Piracicaba no recorte temporal delimitado.

De acordo com Soares (2016, p. 11), “a ideia de natureza exprime muito mais uma atitude dos seres humanos que, propriamente, a passividade de uma realidade”. Keith Thomas (1988) afirma que, no intervalo dos anos de 1500 e 1800, ocorreram diversas transformações pelas quais os seres humanos olhavam e percebiam a natureza, aproximando-se, cada vez mais, das montanhas, das florestas, dos mares e dos rios. Novos jeitos de retratar esses elementos a partir da literatura e da pintura também começaram a ter um lugar importante para a sociedade ocidental. É nesse período, mais especificamente a partir do século XVIII, que os indivíduos começam a aprofundar o contato com a natureza, sentindo-a de uma forma multissensorial, que não envolvia mais apenas a observação, mas também o contato com os espaços desbravados (Corbin, 2001).

Figura 2 – Cenas de Verão, Jean Frédéric Bazille (1869)



Fonte: Bazille ([20--]).

Figura 3 – Banhos de mar em Étrât, Eugène Lepoittevin (1866)



Fonte: Lepoittevin ([20--]).

As Figuras 1 e 2 mostram uma representação da natureza em primeiro plano, enfatizando a proximidade daqueles indivíduos com o ambiente da natureza. Fica nítido, assim, como o modo pelo qual os seres humanos se relacionavam e enxergavam a natureza era retratado nas telas dos pintores.

A natureza, portanto, é inventada e redescoberta como um lugar de cura, regeneração e educação dos corpos¹³. Assim,

montanhas, mares e rios são lugares de natureza que a vida urbana redefine, transforma; neles, lentamente, sentimentos e novos regimes de emoções eclodem pouco a pouco. Parece ser consensual que as transformações das atitudes humanas em relação à natureza e seus elementos permitiram o advento de práticas e representações inéditas, e, assim, puderam produzir um ideário de vida ao ar livre não apenas como prescrição médica e higiênica, ou moral, mas também como sinônimo de alegria, prazer e aventura (Soares, 2022c, p. 384).

A exemplo das transformações dos usos da natureza e de seus elementos, o estudo de Terra (2016) mostra as mudanças ocorridas nos usos das praias de Santos, no período de 1880 a 1940. No início de seu recorte temporal, as praias de Santos, principalmente as portuárias, ainda guardavam fragmentos da poluição formada ao longo dos anos a partir de políticas públicas que determinavam que o despejo de lixo deveria ser realizado naquele local. A cidade também foi afetada por constantes surtos de febre amarela e miasmas, estes intensificados por ambientes estagnados, como o das praias poluídas de Santos. No final do século XIX, novas medidas sanitárias postas em prática na cidade ocasionaram uma melhora na saúde pública. Dentre essas medidas, os banhos de mar foram incentivados pelos tratados

¹³ A esse respeito, ver Sant'anna (2007), Jorge (2006), Schossler (2013) e Soares (2016).

médicos, levando os indivíduos a buscarem as praias mais limpas para entrarem no mar. Conforme os sentidos atribuídos às praias foram se alterando, a população local e os visitantes, já no início do século XX, buscavam a praia para contemplar o pôr do sol e participar de outros eventos à beira mar. Os clubes esportivos também tomaram lugar no entorno das praias, promovendo práticas como o remo, o críquete, o atletismo, o surfe e o futebol de praia.

Portanto, o estudo sobre a cidade de Santos mostra que, ao longo dos anos, inventam-se novos usos da praia, assim como de outros lugares em meio à natureza. Dessa forma, baseando-se nas compreensões acerca da natureza e partindo do pressuposto de que a ideia de natureza é ressignificada de acordo com o local e o tempo, surge um questionamento acerca do objeto desta pesquisa: quais representações e usos dos rios — Atibaia e Piracicaba — fizeram-se presentes a partir da criação dos clubes de regatas em Campinas e em Piracicaba?

Parece-nos importante pensar aqui no lugar central que assume uma educação pela e na natureza, pois as mais diversas práticas que sensibilizam o corpo são capazes de educá-lo. É essa educação pela e na natureza que ancora as discussões acerca das sensibilidades e representações que as práticas do remo portaram no recorte histórico estabelecido, tanto espacial quanto temporal.

De forma geral, segundo Soares (2014, p. 220), “seria possível afirmar que as manifestações corporais são alcançadas por múltiplos processos educativos e passam a requerer um aprendizado específico e adequado para cada ocasião e contexto”. As práticas em meio à natureza passaram a ser incentivadas pelos médicos, políticos e pedagogos no final do século XIX e início do XX, pois o ar puro e a vida ao ar livre eram benéficos e terapêuticos para o corpo. Esses discursos, aliados a políticas públicas, resultaram na construção de diversos locais nas capitais e em outras cidades do interior, que detinham neles uma natureza controlada capaz de educar os corpos.

Ao longo do século XIX, conforme a cidade de Campinas crescia com o advento da modernização, sua natureza era ocupada e agredida. Para que a cidade se expandisse, uma parte da natureza ali presente precisou ser mudada, eliminada e regulada. A partir dos anos 1850, de acordo com Lapa (2008, p. 204), “dá-se um esforço público inicial no sentido de preservar formas e movimentos daquela paisagem, como resgatá-la, organizá-la e até produzi-la, tendo em conta os novos conhecimentos sobre o corpo, a saúde, a doença e a morte”.

Dessa maneira, em Campinas, uma urbanização da natureza começa a ser pincelada já no final do século XIX com a construção de jardins públicos, praças, ruas arborizadas e jardins internos residenciais. Segundo Lapa (2008, p. 127), “a natureza é aí colocada a serviço do tecido urbano e das formas de convívio social, por motivos que vão da higiene à saúde pública, da funcionalidade à decoração e, portanto, à estética da cidade, do lazer ao bem-estar”.

Piracicaba também passava por uma intensa modernização no final do século XIX, assim como sofria com fortes epidemias de doenças que afetavam a saúde pública dos piracicabanos (Novaes, 2010). A cidade, então, passou a adotar medidas higiênicas para conter a propagação de doenças e melhorar o bem-estar de seus indivíduos. Já no início do século XX,

a administração da cidade de Piracicaba era elogiada pela imprensa o que reforçava a vaidade do Partido Republicano fortalecendo seu poder na cidade. Piracicaba era uma cidade dotada de muitas praças, jardins, ruas asseadas, além das belezas na beira do rio, cantadas por músicos e poetas (Novaes, 2010, p. 4).

Segundo a mesma autora, era no Jardim Público de Piracicaba que diversos encontros foram realizados, como passeios, apresentações musicais de bandas e orquestras, carnavais e festas populares. Na Figura 3, podemos observar uma natureza produzida dentro da cidade, com um espaço amplo, rodeado por árvores e arbustos e um grande chafariz no centro.

Figura 4 – Jardim Público (1918)



Fonte: Perecin (1989 *apud* Novaes, 2010, p. 96).

Além da urbanização da natureza em grande parte das cidades do país, os indivíduos passaram a se locomover ao encontro do ambiente natural, explorando montanhas, rios, mares e florestas. Ao pensarmos na cidade de São Paulo, no início do século XX, e na quantidade numerosa de práticas à beira rio que ali ocorriam, Soares (2016, p. 22-23) aponta que

um ideário de culto à natureza e dela como constitutiva de um pensamento educacional que ultrapasse os muros escolares não foi inventado no período mencionado, mas é nele que seus significados se tornaram mais complexos e começaram a aparecer de modo bem mais explícito, em diferentes veículos de divulgação.

Entretanto, tomando como base os estudos de Soares e Santos Neto (2018, p. 22), estabelece-se que a educação do corpo

não se constitui apenas através da institucionalidade da ciência, dos saberes e práticas escolares, das políticas públicas, da força quase absoluta e quase sempre evocada de um pensamento médico higienista. Essa educação do corpo configurava-se, também em apropriações diversificadas por parte dos sujeitos históricos, isto é, dos indivíduos comuns que nadavam nos rios, faziam piqueniques nos parques, deslocavam-se quilômetros com o objetivo de banhar-se de sol, festejar ao ar livre sob o som do jazz ou praticar esportes.

Como a prática do remo em Campinas e Piracicaba educou os corpos presentes nas duas cidades do ano de 1907 a 1936? Como os diferentes indivíduos ali presentes se sensibilizaram com os espetáculos das regatas e com a esportivização do remo que ocorria nesse período?

Interrogamo-nos acerca do lugar que práticas esportivas e, mais amplamente, de diferentes divertimentos puderam ter lugar à beira desses dois rios – Atibaia e Piracicaba, que emolduram as duas cidades: Campinas e Piracicaba. Interessante é observar que esses dois clubes nutriram significativo conjunto de atividades esportivas e recreativas e engajaram os habitantes das duas cidades tanto para a prática quanto para o espetáculo esportivo, que, incluindo, também, a “dimensão da alegria, da aventura e do prazer [...] pode trazer trechos não contados de histórias individuais e coletivas, locais, regionais, nacionais e internacionais. Afinal, é de uma *instituição*, de uma *prática* e de um *espetáculo* que educa e diverte que o esporte se constitui” (Soares, 2022a, p. 15).

2 PIRACICABA E CAMPINAS: OS CLUBES DE REMO E AS NOVAS RELAÇÕES COM A NATUREZA

A cidade de Piracicaba¹⁴ foi fundada em 1767 na margem direita do rio; porém, após alguns anos, foi decidido que mudariam a população para a margem esquerda, pela justificativa de que o novo local a ser povoado tinha um solo mais fértil e de qualidade para a plantação de diversos alimentos, com a criação de hortas e pomares. Mesmo concentrando seu crescimento populacional e urbano na margem esquerda do rio, algumas construções importantes foram instituídas na margem direita, como o Engenho Central, em 1881 (Cachioni; Grigoletto; Scariato, 2020). Entretanto, ainda no século XIX, a margem esquerda do rio passou a ser vista como o lado periférico da cidade, principalmente na região do Largo dos Pescadores e da Rua do Porto (Cachione, 2011). As regiões periféricas da margem esquerda do rio

constituíam-se como lugar de resistência popular contra as iniciativas sanitárias desenvolvidas pela administração pública. Estas medidas compreendiam a intervenção policial e a proibição da Câmara Municipal para a instalação, nas áreas mais centrais, de empreendimentos destinados à prática de jogos, bebedeiras e “orgias”, ficando estas atividades restritas ao Largo Santa Cruz e à Rua do Porto. É interessante que a principal manifestação cultural de Piracicaba, a Festa do Divino Espírito Santo, realizada desde 1826, continua acontecendo nesta localidade, tendo sobrevivido a certa marginalização associada ao Largo dos Pescadores (Cachioni; Grigoletto; Scariato, 2020, p. 151).

¹⁴ A cidade de Piracicaba era antes denominada de “Constituição”, nome que recebeu em homenagem à Constituição Portuguesa, quando foi emancipada à Vila, no ano de 1821 (Guerrini, 2009).

Figura 5 – Joaquim Dutra: Festa do Divino, 1914



Fonte: Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira.

A Festa do Divino Espírito Santo, representada na Figura 5 pela pintura de Joaquim Dutra, ocorre em Piracicaba desde o ano de 1816, abrangendo manifestações culturais, religiosas, festivas e econômicas (Cachione; Camargo, 2020). Segundo os autores, o cenário em que a Festa do Divino acontece em Piracicaba não se alterou desde o princípio: Rua do Porto e Rio Piracicaba. É no rio, inclusive, que ocorre o principal acontecimento da festividade, o Encontro das Bandeiras (Cachione; Camargo, 2020).

Com relação ao aspecto econômico de Piracicaba, na segunda metade do século XIX, o cultivo da cana de açúcar na cidade estava crescente, tornando-a, assim, a “maior produtora do país e a de mais baixo custo de produção” (Rodrigues, 2005, p. 64). Segundo Terci (1997), a presença da monocultura cafeeira predominava no interior de São Paulo; e o fato de Piracicaba desenvolver fortemente o plantio de cana de açúcar fez com que esta cidade possuísse uma especificidade em relação às restantes.

Os engenhos centrais tornam-se fundamentais para a produção em massa de cana de açúcar em Piracicaba e região. O Engenho Central de Piracicaba, o Engenho Central Monte Alegre e o Engenho Central de Vila Rafard tornam-se, no final do século XIX e início do século XX, um tipo de usina açucareira, exigindo uma mão de obra especializada (Terci, 1997).

No início do século XX, o desenvolvimento urbano de Piracicaba não ocorreu de maneira uniforme e apresentou elementos que potencializaram sua urbanização, entre eles, a

construção de ferrovias, a criação da Escola de Agricultura e da Escola Normal e a melhora nas questões de saneamento e de higiene (Terci, 1997). A construção de ferrovias foi muito importante na virada do século XIX para o XX, pois “abrir caminhos, baratear os custos de transporte de mercadorias, encurtar distâncias, era o legado do mais fantástico invento do século XIX. Do ponto de vista do imaginário moderno, era o símbolo maior do progresso tecnológico” (Terci, 1997, p. 107).

O Rio Piracicaba foi e ainda é importante para o estabelecimento da cidade em seu entorno. De acordo com Costa (2004), a relação entre o rio e a cidade se dá tão intimamente que não há sentido caracterizar a cidade sem falar de seu rio. Dele se retirava matéria-prima para a construção de casas, alimento para o sustento da vida, e sua água era utilizada para diversos fins. Ou seja, o rio era fundamental para a permanência da população naquela localidade, “como uma artéria, que leva a vida, pelo sangue, a todas as partes do corpo, o rio Piracicaba, singrando pela imensa e esplendorosa floresta que cobria a região, também favoreceu o surgimento e a continuidade vivencial da comunidade surgida abaixo do salto” (Rodrigues, 2005, p. 64).

E ainda,

outras configurações espaciais, relações e interesses voltados à utilização da área ribeirinha, sejam para atividades fabris ou de lazer/convívio, começaram a se configurar no final do século XIX, em grande medida pelos incentivos promovidos pelas fábricas construídas nas margens esquerda e direita do Rio e pelos novos moradores/utilizadores que eram mais abastados (Cachioni; Grigoletto; Scariato, 2020, p. 149).

No início do século XX, alguns locais da cidade se destacavam por levar aos piracicabanos encontros e prazeres, como o Teatro, o Jardim Público e a Rua do Porto. A Rua do Porto, de acordo com Novaes (2010, p. 25),

apareceu com grande realce, por conta dos problemas com as enchentes, saneamento e arruamento, mas também pelas festas como a do Divino Espírito Santo, um ponto de encontro para os apreciadores e para os que viviam do Rio Piracicaba. A região ficava próxima ao Engenho Central e era ocupada por pescadores, roceiros e pelas olarias da cidade.

O Jardim Público bem como outros espaços de natureza construídos e modificados pela mão humana, como quiosques à margem do rio, mirantes, praças e bosques públicos, foram meios de aproximação entre os indivíduos e a natureza, gerando novas descobertas do corpo em confronto com os elementos da natureza.

Outro lugar que promovia encontros em meio à natureza para os piracicabanos no início do século XX era o Clube de Regatas Piracicaba. O local em que seria instalado o clube

era, “até o final do século XIX, um grande terreno às margens do rio, pertencente aos proprietários do Engenho Central. Jovens estudantes da Escola de Agronomia, então recém-criada, começaram a utilizá-lo para a prática de esportes” (Netto, 2016, p. 63). Piracicaba era também um lugar que produzia muitos barcos e canoas. Segundo Netto (2016), os indígenas que habitavam a região em que se desenvolveu a cidade eram especialistas na fabricação dessas embarcações, utilizando e aproveitando árvores especiais, como cabreúvas e jequitibás, abundantes na região. No início do século XX, nos primórdios do clube, eram os irmãos Adâmolí que produziram inúmeros botes e *yoles*¹⁵ utilizados tanto por pescadores como por competidores de remo.

A construção do clube¹⁶ e, junto dele, a chegada de novas práticas esportivas em Piracicaba levava para a cidade signos da modernidade do início do século XX. Terci (1997), em estudo que analisa a construção do poder político em Piracicaba na Primeira República, pontua que o ano de 1922 foi importante para a cidade, pois teve inovações que marcaram o progresso da modernidade. Dentre essas marcas, em maio,

o dia 30 foi reservado ao festival esportivo, também ao gosto da *Modernidade* com parada de escoteiros saindo do Grupo Moraes Barros indo até o centro da cidade; festa de atletismo com competições olímpicas no Clube Regatas; festa veneziana no rio Piracicaba, oferecida ao povo pela Câmara Municipal com queima de fogos e desfile de embarcações que se enfeitaram para concorrer a uma taça oferecida pela Prefeitura (Terci, 1997, p. 109).

Em matéria do *Jornal de Piracicaba*, no ano de 1929, foi pontuado o papel do clube de regatas piracicabano em ser um local que exprimia os traços da modernidade relacionada às práticas e ao desenvolvimento físico dos indivíduos daquela cidade:

E aquelle a quem cabia a direcção desses esportes, aquelle que ha mais de vinte annos atraz nascera de um alevantado ideal esportivo, o Clube de Regatas Piracicaba, corrigia, observava, e fazia de seus elementos o que era possivel de se fazer num meio ainda bem aquém das modernas realisações que visam a cultura physica popular, por provas salutarees (JP, n. 10.038, 1929).

¹⁵ Embarcação tipo veleiro com dois mastros.

¹⁶ Outros clubes esportivos surgiram na cidade no início do século XX, como foi o caso do clube de futebol XV de Piracicaba (Tolotti Netto, 2008).

Figura 6 – Remadores do CRP, 1928



Fonte: Netto (2016, p. 65).

A Figura 6 mostra dois remadores do clube piracicabano do ano de 1928. A fotografia tem um tom deslumbrante por causa dos barcos, pois, por sua espessura fina, parece que eles deslizam sobre a água, quase como se a imagem estivesse em movimento junto com eles. Os remadores estão uniformizados com bermuda e regatas, discussão que será ainda realizada neste capítulo.

Já a cidade de Campinas, no início do século XVIII, antes de ser chamada por este nome, era uma região de passagem de riquezas em razão do Caminho das Minas dos Goyazes¹⁷, tornando-se uma área de comércio e agricultura de subsistência (Coelho, 2014). Em meados do mesmo século, Campinas deixa de ser uma sociedade rural de autoconsumo e se torna uma região de agricultura direcionada à comercialização.

A cidade se desenvolveu economicamente pela cultura do café, a qual se consolidou na primeira metade do século XIX e se expandiu em sua segunda metade (Lapa, 2008). Nesse mesmo século, a cidade atribuiu um andamento próprio de modernização e soube se beneficiar dos lucros cafeeiros da época. Porém, a última década do século XIX foi comprometida pela epidemia da febre amarela e teve como principal consequência a desaceleração e estagnação da pujança da década anterior. Após a crise, Campinas priorizou ações que resultaram em “políticas públicas de saneamento, higiene e saúde pública, com mudanças permanentes na vida urbana, que afetarão toda a população e implicarão decisivas intervenções cirúrgicas na estrutura e morfologia de Campinas” (Lapa, 2008, p. 259).

¹⁷ O Caminho das Minas dos Goyazes tinha origem em São Paulo, passava por Jundiaí, Campinas, Mogi-Mirim, Casa Branca, Franca (Coelho, 2014).

Uma dessas mudanças significativas que impactavam a saúde pública foi a compreensão da natureza e de seus elementos como constitutivos do desenho da cidade, com a construção de parques, praças, bosques, jardins e clubes recreativos e esportivos. Uma cidade que incorpora a natureza em seu desenho para se dizer moderna incorpora, também, outro signo de modernidade: o caminho de ferro. Campinas ampliou sua malha ferroviária em novembro de 1889, com trechos inéditos ligando a cidade ao distrito de Sousas, o que mais tarde levaria senhores, senhoras e senhoritas, crianças e jovens, parte da elite campineira ao Clube Campineiro de Regatas e Natação. O trecho *Campinas–Arraial de Sousas* foi eletrificado pela Companhia Campineira de Tração, Luz e Força no ano de 1917, o que foi importante para fortalecer o transporte dos indivíduos que iam ao clube¹⁸.

Figura 7 – Chegada do Bonde de Sousas, 1936



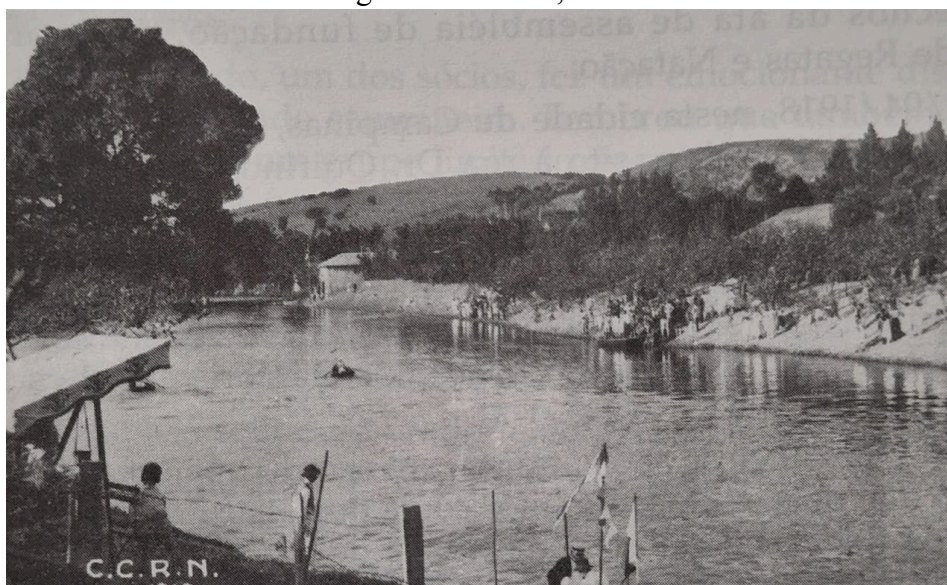
Fonte: Palombo (2000, p. 78).

O CCRN foi fundado no dia 2 de maio 1918 às margens do Rio Atibaia, em Sousas, e tinha como finalidade a prática e o desenvolvimento do esporte, particularmente do remo, da natação e dos saltos ornamentais. Esses esportes aquáticos e náuticos, em destaque o remo, eram vistos pelos habitantes da cidade como símbolo de modernização, pois representavam novas relações entre o ser humano e a natureza como marcas de progresso da vida urbana em desenvolvimento (Musa, 2021).

¹⁸ O bondinho elétrico (Figura 7) que ligava Campinas ao Arraial de Sousas está exposto na sede do CCRN em Sousas (até o momento em que este trabalho foi realizado).

Na Figura 8, datada de 1918, primeiro ano de vida do clube, observamos duas embarcações de remo e diversas pessoas assistindo à prática nas duas margens do rio. O interesse dos indivíduos ali presentes no remo e o contato deles com a natureza são fatores que ficam nítidos ao olharmos a imagem com atenção. Algumas pessoas estavam tão na beira do rio que provavelmente estavam em contato não só com a areia e a grama, mas também com a água do Atibaia.

Figura 8 – CCRN, 1918



Fonte: Palombo (2000, p. 71).

O ano de 1920 foi importante para o clube. Nele, o CCRN construiu três melhorias em seu espaço: uma voltada para a vida social do clube e outras duas direcionadas ao desenvolvimento das práticas esportivas, sendo essas construções o Pavilhão de Festas, o tanque para o aprendizado de natação e o trampolim (Palombo, 2000).

O rio Atibaia tornou-se, assim, um lugar que ampliava os esportes e divertimentos existentes na cidade, visto que Campinas já acolhia um conjunto diversificado de práticas, como era o caso das corridas de cavalo, dos passeios a pé e piqueniques realizados em parques e praças recém-construídas na cidade. Esse rio já era importante para os habitantes de Sousas muito antes da instalação do clube, pois nele estavam presentes os pescadores, os barqueiros e as lavadeiras. O rio também era fonte de alimento e de água para diversos animais que viviam ou buscavam suas margens para sobreviver (Montenegro; Soares, 2018; Siqueira, 2009).

Porém, Campinas estava ainda muito longe de se tornar uma cidade de referência esportiva no estado de São Paulo, pois carecia de espaços como o CCRN para o

desenvolvimento e consolidação de práticas diversas. Um recorte de 10 de julho de 1921 da revista *A Onda* (n. 5, 1921) aponta que, tirando os esforços do CCRN e do Guarani Futebol Clube com os aspectos esportivos, “Campinas está infelizmente em tal situação de inferioridade em relação a quasi todas as cidades do nosso Estado, que até nos causa tocar num assunto que só serve para pôr á mostra a falta de actividade, de energia e mesmo de bôa vontade dos esportistas campineiros”.

Com o passar dos anos, de acordo com o que foi observado nas páginas da revista *A Onda*, o clube campineiro foi um dos principais responsáveis por aumentar a gama dos esportes na cidade. A partir da década de 1920, outras práticas além do remo, da natação e dos saltos já estavam presentes no CCRN, como o atletismo e o basquetebol, que, naqueles anos, era chamado de bola ao cesto. Em 1925, o jornal *A Gazeta* (n. 5808, 1925, p. 5) publicou sobre uma competição de atletismo que ocorreu no dia 21 de junho daquele ano na Sociedade Hípica Paulista, em que a prova de corrida teve a distância de 12 quilômetros e recebeu competidores de diversos clubes, incluindo cinco corredores do CCRN.

Além disso, muitos dias em que havia competições de remo no clube, elas ocorriam ao mesmo tempo que as competições de atletismo e eram caracterizadas como “competição aquático-atlética [...]. Após provas esportivas, iniciou-se um baile ao ar livre, que se prolongou até às 22h” (*A Gazeta*, n. 5818, 1925, p. 5). Esse evento era estendido. Ou seja, o espectador que ia ao CCRN num dia de competição assistir aos páreos de remo nas décadas de 1920 e 1930 deparava-se com uma programação que ia além desse esporte apenas, mas também incluía outros — como o atletismo, a natação e os saltos ornamentais —, além de bailes e festas ao ar livre ou em barracões e salões.

Já em 1927, seis anos após a notícia da revista *A Onda* que alegava a falta de incentivo ao esporte em Campinas, outro apontamento sobre as práticas esportivas na cidade aparece no jornal *A Gazeta*, no dia 12 de junho. Um leitor escreve uma carta à redação jornal reclamando que grande parte das notícias esportivas da cidade de Campinas que apareciam nas páginas d’*A Gazeta* eram sobre o futebol. Na carta, o leitor, que se identifica como J. P. C., escreve:

na progressista Campinas, não é tão sómente praticado o futebol, como tambem a bola ao cesto, voleibol, remo, peteca, patinação, pedestrianismo, gymnastica, pugilismo, etc., respectivamente nas valorosas agremiações locaes: Clube Campineiro de Regatas e Natação, Associação Athletica Ponte Petra, Clube Athletico Campinas, Associação Ex-Alumnos Dom Bosco, Associação Domingos Savio e Guarany F. C. Tenho notado que a desenvolvida sessão de esportes do seu conceituado jornal, não figura noticias dos referidos esportes (*A Gazeta*, n. 6399, 1927, p. 6)

Notamos que houve uma ampliação dos espaços para a prática esportiva em Campinas já no fim da década de 1920, além de um crescimento do número de práticas realizadas por essas novas agremiações. Entretanto, mesmo com esse aumento, o futebol foi uma prática que, desde o início do século XX, já tinha um espaço de destaque na imprensa, conforme indicam as fontes constituídas neste estudo. De acordo com Siqueira (2009, p. 12), o futebol se difundia em Campinas na virada do século XIX para o XX, “sendo o dia 11 de agosto de 1900 data que marca o surgimento da Associação Atlética Ponte Preta, e 1 de abril de 1911, data da fundação do Guarany Foot-Ball Club”.

Em consonância com essa emergência de práticas esportivas que se consolidavam ao longo do século XX, surgiu a necessidade de construir uma nova sede do CCRN, só que, dessa vez, na região urbana da cidade. Em 1931, uma nova praça esportiva do clube era inaugurada na Rua Coronel Quirino:

Vestiários, WC's, duas pistas de atletismo, numa reta de 120 metros, 230 metros circular e largura de 6,30 metros, com meio-campo para arremesso e 120 metros para o campo de saltos foram rapidamente providenciados. Quadras de bola-ao-cesto e voleibol apareceram logo a seguir (Palombo, 2000, p. 83).

Focamo-nos aqui na integração dos rios à vida urbana e, por consequência, à prática esportiva que o envolvia. Aprofundamo-nos, na sequência, na prática do remo.

2.1 As práticas realizadas nos clubes e a esportivização do remo

Tanto o Rio Atibaia quanto o Piracicaba eram cenários de inúmeras práticas que, “prescritas e codificadas ou não, ocorriam nas relações com os rios que, naquele momento, se prestavam a simples contemplação, ao trabalho ou ainda aos divertimentos tais como as competições esportivas de regatas e de natação, e a toda uma cultura clubista que fora ali arquitetada” (Soares, 2016, p. 22). O rio, a mata que cobria suas margens, o calor e o brilho do sol, o frescor do vento, por vezes, torna-se personagens de textos literários, de pinturas e de outras obras. Podemos citar aqui as telas de Joaquim Miguel Dutra (1864-1930), autêntico pintor do realismo ingênuo piracicabano¹⁹ que registrava a Rua do Porto, o Salto de Piracicaba, o Rio Piracicaba e o Clube de Regatas, tendo certa obsessão pelas curvas e saltos do rio. Segundo Cosentino (2021, p. 49),

¹⁹ “O artista ingênuo, conquanto que seja frequente e autodidata, deseja intimamente pintar com o erudito e se esforça por imprimir ao seu trabalho os valores de composição, de perspectiva, do claro-escuro; cuida da perfeição do desenho, preocupa-se com a correspondência o mais exata possível entre o tema retratado e o original. Buscando a técnica, muitas vezes adquire um maneirismo que prejudica a espontaneidade do seu trabalho” (Cosentino, 2021, p. 36).

embora nascido em 1864, os trabalhos de pintura paisagística que conhecemos de autoria de Joaquim Dutra aparecem no início do século, a maioria deles na década de 1910 e 1920. Isto nos faz supor que sua evolução em direção ao registro iconográfico da paisagem de Piracicaba foi um processo progressivo, sequente à pintura e decoração de paredes de capelas e residências.

Figura 9 – Joaquim Dutra: Clube de Regatas Piracicaba, 1924



Fonte: Dutra (2024a).

Figura 10 – Joaquim Dutra: Pescador no Rio Piracicaba, 1924

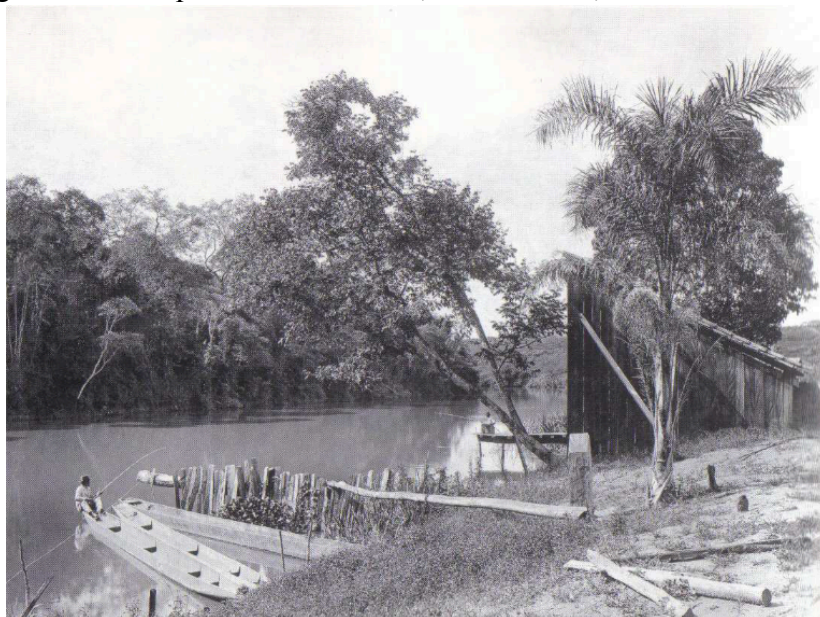


Fonte: Dutra (2024c).

Os rios sempre tiveram uma grande importância para a vida dos pescadores, e estes últimos foram peças fundamentais para a trajetória daqueles. Ou seja, há muito tempo, as pessoas retiram seus alimentos dos rios, inicialmente com as mãos, progredindo para lanças afiadas, até chegarem a usar varas com iscas. Além disso, com a construção de barcos a remo,

tornou-se possível que os pescadores fossem a locais mais profundos nos rios, capturando diferentes tipos de peixes. No início do século XX, os pescadores eram frequentemente retratados nas pinturas e fotografias, tanto no Rio Atibaia quanto no Piracicaba (Figura 10 e 11). Na maioria dessas obras, os pescadores sempre usavam chapéus, que tinham como principal função “protegê-los do sol que ia de encontro com suas faces, mas também serviam como recipiente para beber água” (Musa, 2021, p. 25).

Figura 11 – Pesqueiro visto de lado, Sítio Severo, início do século XX



Fonte: Penteado (1998).

Por conseguinte, tanto o Rio Atibaia quanto o Piracicaba eram imprescindíveis para o sustento da vida, pois, para além da pesca, nos rios se encontrava uma água limpa e gratuita para a lavagem de roupas (Figuras 12 e 13). Neles, as lavadeiras “tinham espaço para quarar e estender suas roupas lavadas para, então, secarem com o calor do sol. Essa prática laboral fazia desse local um ponto de encontro para conversas, cantorias e de brincadeiras para as crianças que as acompanhavam” (Siqueira, 2009, p. 26).

Sendo assim, diversos personagens permeavam a história de um rio, como os pescadores e as lavadeiras. Sant’Anna (2016, p. 158) escreve que

as histórias dos encontros e desencontros do corpo com a água são ancestrais e indicam, por exemplo, o universo de gestos relacionados às inúmeras experiências de higiene, o abastecimento familiar, as atividades de lazer em lagoas, piscinas, fontes e rios, ou então de trabalho, tal como a culinária e a extração de areia e barro dos leitos fluviais. Existem, igualmente, indicações sobre a dimensão das disputas pela água entre os habitantes de uma mesma localidade. Tais disputas revelam o mundo que cerca e atravessa as águas,

aquele da posse das terras, das intervenções de engenheiros no desenho das cidades, das hierarquias entre antigos ofícios, os quais, em grande número, desapareceram do cotidiano atual: pescadores, barqueiros, lavadeiras, fiscais de pontes e, ainda, sentinelas de caixas d'água, aguadeiros, zeladores de chafarizes, entre outros.

Figura 12 – Lavadeiras no Rio Atibaia, 1910–1919



Fonte: Centro de Memória da Unicamp

Figura 13 – Lavadeiras do Rio Piracicaba, 1918

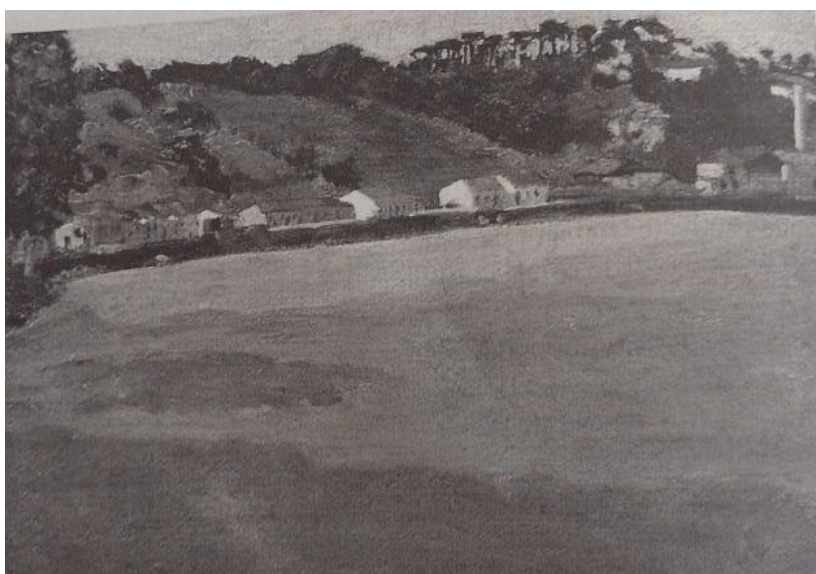


Fonte: Dutra (2024b).

Outro pintor que privilegiou em suas obras o rio Piracicaba e os recantos ribeirinhos foi Fortunato Losso Netto (1910–1985), piracicabano que integrou o realismo ingênuo, assim

como Joaquim Dutra. Fortunato teve como principal influência artística seu irmão, Eugênio Luiz Losso, cuja pintura era voltada ao realismo erudito²⁰. Mesmo tendo o trabalho e as técnicas de seu irmão presentes em suas pinturas, Fortunato tinha uma “maneira intuitiva de pintar e sua despreocupação em relação às regras e às particularidades da técnica o situam mais propriamente no realismo ingênuo piracicabano, embora alguns de seus trabalhos sofram a influência do erudito” (Cosentino, 2021, p. 85).

Figura 14 – Rua do Porto (vista da outra margem do Rio Piracicaba), 1930



Fonte: Cosentino (2021, p. 86).

Na Figura 14, a paisagem retratada na obra por Fortunato é composta, principalmente, pela grande extensão do Rio Piracicaba, que contrasta com as casas ribeirinhas, envoltas não só pelo rio, mas também pelas montanhas e árvores ao fundo. Ou seja, o artista retrata uma visão de como era a vida de quem morava na Rua do Porto em meados do século XX, rodeada de natureza, a qual poderia oferecer-lhes sustento para a vida, bem como diversão e contentamento nas águas do rio.

Os usos dos rios, assim, foram ressignificados pela presença dos clubes e pelo modo com o qual eles mudaram as práticas realizadas nas águas (Medeiros, 2021). As práticas aquáticas, em destaque o remo, exaltavam nos indivíduos as “qualidades físicas, o vigor e a energia, manifestos em um corpo ágil e veloz, além de imporem desafios físicos de confronto com a natureza, consigo mesmo e com aparatos técnicos” (Musa, 2021, p. 11). Dessa forma, à

²⁰ O realismo erudito nasce em Piracicaba no final do século XIX, sobretudo pelos estudos e obras do artista José Ferraz de Almeida Júnior (1850–1899), principal referência para outros pintores que vieram em seguida como Joaquim Bueno Mattos (1879–1933) e Ida Schalch (1881–1968), como relata Cosentino (2021).

medida que os clubes criaram regras e delimitaram o que podia e o que não podia ser praticado em seu espaço, é possível afirmar que ali houve uma nova educação e sensibilidade dos corpos.

Assim como ocorreu em Campinas, na segunda metade do século XIX, Piracicaba passou por problemas de saúde e saneamento. Dessa forma, preocupados com as questões de higiene na cidade, os governantes julgaram como necessária sua arborização, bem como cuidados com o saneamento básico (Torres, 2009). Com esse ideário de melhoria das condições de vida da população piracicabana, é possível considerar alusões à prática esportiva na natureza e a criação de clubes esportivos e recreativos como foi o caso Clube de Regatas Piracicaba, em 1907. Frequentado pela elite piracicabana, tornou-se um local de divertimento e de práticas esportivas competitivas que, contudo, segregava os habitantes locais. Tal qual o clube esportivo, outros lugares faziam parte dos divertimentos da elite da cidade, como os teatros, cafés, cinemas, clubes literários, entre outros. E as camadas populares? Como se divertiam? Que lugares frequentavam? Parece que a essa população sobrava o espaço das ruas e dos bares (Simões, 2005). Efetivamente, a prática de esportes e a frequência de clubes era reservada às elites locais, que, sintonizadas com o que havia de mais avançado e moderno no campo esportivo, animavam os dias com a simples exibição de *performances*, bem como, de espetáculos regrados como as regatas e outras competições esportivas nas águas do Piracicaba.

Com base nas fontes constituídas, os remadores, saltadores, corredores e nadadores dos clubes que aqui são nossos objetos — o campineiro e o piracicabano — eram seus sócios. A revista *A Onda* (n. 20, 1922, grifo nosso) publica que,

após as provas de atletismo, *a quem concorreram diversos atletas d'aquela florescente associação*, e que constituíram em saltos á vara, comprimento e altura, dardo e disco, e corridas razas, realizou-se o curso náutico, tomando n'ele parte diversos barcos artisticamente ornamentados.

O remo era uma prática de elevado custo, principalmente por causa dos materiais necessários e, sendo assim, pode ser enquadrado como restrito às pessoas mais favorecidas economicamente. Além disso, os nomes dos remadores divulgados nos jornais e revistas nos primeiros anos de vida de ambos os clubes se repetiam, mostrando que quem remava era um grupo pequeno e seleto. Aliás, as competições de remo tanto do CRP quanto do CCRN eram organizadas, em sua maioria, pela diretoria ou nas casas dos sócios ou na sede do clube. Em reportagem do ano de 1907 relacionada ao clube piracicabano, o *Jornal de Piracicaba* (JP, n. 2099, 1907) escreve: “em casa do sr Pedro Miranda de Ornellas, hoje às 7 horas da noite,

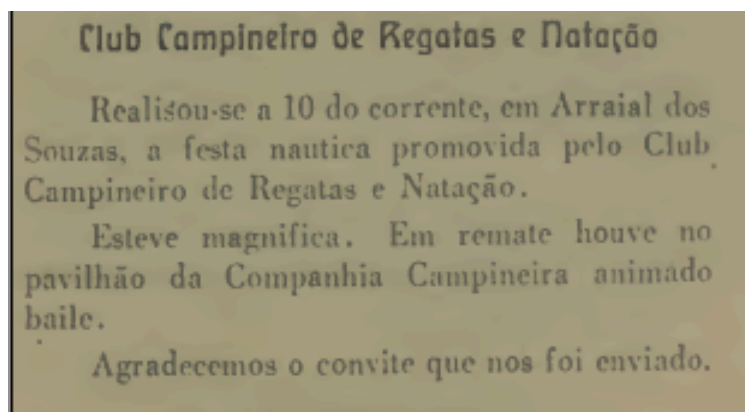
realiza-se uma reunião dos sócios do Club de Regatas, afim de deliberarem acerca dos festejos que deverão promover no dia 12 de outubro”. É interessante observar que essas informações eram divulgadas pela imprensa, que não relatava não somente sobre o evento em si ou sobre as impressões pós-festividades. Percebemos, então, a relevância que as competições de remo tinham para as classes sociais mais favorecidas economicamente, que, muito provavelmente, ficavam empolgadas ao verem que os clubes estavam organizando um novo evento esportivo. Essa constatação de nossas fontes corrobora o que afirma Bourdieu (1983) em relação ao esporte moderno, ou seja, que se trata de uma prática social inserida na relação entre cultura, dominação e desigualdade; ela reproduz a estrutura de classe presente na sociedade, ou seja, separa o perfil dos praticantes a partir da lei da demanda e da oferta.

Além disso, surgem alguns questionamentos a respeito da maneira pela qual as regatas eram organizadas: as competições de remo, por serem planejadas separadamente, seguiam alguma lógica regulamentar, como as distâncias dos páreos, a quantidade de páreos e o tipo de embarcação utilizada em cada páreo? Será que essas competições já recebiam influências de outros clubes que seguiam alguma regulamentação federativa?

As regatas eram uma novidade que despertava interesse e, portanto, eram elaboradas com o intuito de atrair não só os associados dos clubes, mas uma parte maior da sociedade. Com relação ao CCRN, as fontes mostram que alguns eventos esportivos eram abertos a um público maior, especialmente para aqueles que desejavam assistir ao evento. Já o conjunto de festividades como bailes, gincanas, desfiles eram restritos somente aos sócios e a seus convidados em número mais reduzido. Por exemplo, a regata inaugural do clube, no dia 5 de junho de 1921, atraiu ao Arraial de Sousas “grande massa do povo” (A Onda, n. 3, 1921).

Entretanto, uma reportagem da mesma revista, no ano seguinte, publica que “foi uma interessante reunião, a que o Clube Campineiro de Regatas e Natação, em sua séde, no Arraial, ofereceu no domingo p. os associados” (A Onda, n. 20, 1922). Além disso, os jornalistas da revista *A Onda* eram convidados para os eventos esportivos do clube campineiro e, ao divulgarem o ocorrido, escrevem em agradecimento ao convite, como mostrado na Figura 15.

Figura 15 – Reportagem sobre festa náutica promovida pelo CCRN, 1923



Fonte: A Onda (n. 43, 1923).

Já as regatas organizadas pelo CRP, em sua maioria, atraíam e convidavam um público maior para prestigiar os páreos e seus respectivos remadores. O Jornal de Piracicaba publica, em dezembro de 1907, uma notícia sobre uma festa veneziana, evento que ocorreu pela primeira vez no clube naquele mês, e que “terá o dom de attrahir ás margens do rio *toda a nossa sociedade afeiçoada ao sport do remo*” (JP, n. 2178, 1907, grifo nosso). O clube foi capaz, portanto, de levar à sociedade piracicabana um novo passatempo nos finais de semana, já em seu primeiro ano de existência.

Uma hipótese que surge é a de que era mais fácil acessar o clube piracicabano por ele se encontrar numa parte do Rio Piracicaba que ficava perto da cidade, enquanto o clube campineiro era afastado da cidade, exigindo muito mais tempo e um transporte como trem ou carro para chegar lá. A exemplo disso, uma matéria do jornal *Correio de São Paulo* — que será explorada e discutida mais a frente — ao falar sobre uma competição organizada em Piracicaba, que atraiu espectadores dos clubes participantes de São Paulo, escreveu:

os caravanistas foram recebidos na estação de Piracicaba por grande massa de povo, encaminhando-se imediatamente para o centro da cidade, que apresentou, durante todo o dia de hontem, aspecto festivo, com intenso movimento de populares que se dirigiam ás margens do formoso rio, desde muito antes do início das porfias (Correio de São Paulo, n. 1331, 1936, p. 5).

Sendo assim, mesmo que as competições de remo atraíssem grande parte da população para as margens dos rios, era muito mais fácil assisti-las em Piracicaba do que em Campinas, por conta da localização de cada clube.

Em uma competição náutica realizada pelo CRP em março de 1908, o JP publicou, no dia seguinte ao evento, uma extensa reportagem sobre todas as circunstâncias que a cercaram.

Dentre elas, o jornal comenta sobre a quantidade de pessoas que estavam presentes: “a cidade, durante toda a tarde e parte da noite, ficou inteiramente deserta e cremos não exaggerar calculando em 5 mil pessoas o numero de espectadores que cobriam as margens do rio em larga extensão” (JP, n. 2266, 1908). Dessa forma, o remo em Piracicaba podia ser considerado um espetáculo no início do século XX, por atrair inúmeros apreciadores das práticas, que se transformavam dentro da lógica do esporte moderno.

O contato com a natureza, a fuga do ambiente urbano, assistir a práticas de frente para o rio, sentir o frescor das sombras das árvores era algo que os clubes em meio à natureza ofereciam, e isso era valorizado pelos indivíduos que acessavam esses lugares, seja para praticar o remo, a natação, o atletismo, seja para assisti-los nos eventos esportivos. O JP (n. 2266, 1908), por exemplo, escreveu: “a extraordinaria massa de povo que convergiu da cidade para as margens do rio deu-lhe um brilhantismo muito fora do commum em festas dessa índole” (JP, n. 2266, 1908). Esse movimento de ir ao encontro da natureza, assim, representava um contentamento e um divertimento de estar próximo da água, das árvores, das pedras e do ar puro.

Fazia parte do cotidiano das elites a aproximação com a natureza também para passear a pé, fazer piqueniques e passeios de barco pelo rio. Na Figura 16, da década de 1930, observamos um grupo de adultos e crianças que passeavam à beira do Rio Atibaia. Os adultos usavam vestes compridas, como calças e paletós e algumas mulheres usavam chapéus para se proteger do sol, o que pode ser notado pela feição dos indivíduos. Como escreveu Soares (2022c, p. 382),

a compreensão do sol como signo de vida e de saúde foi lenta, e a representação mais frequente, ao longo do tempo, era de rejeição. É a partir do século XIX que o sol também ganha ampla aceitação tanto para a regeneração quanto para a beleza, sobretudo em função das terapêuticas que se beneficiam dos elementos da natureza, como o ar puro e a água. Sua centralidade como esse signo de vida e saúde é notada não apenas no âmbito da praia, mas também das pradarias e das montanhas [e rios].

A proteção do sol parece ser menos rigorosa para as crianças que, em contrapartida, vestiam roupas mais leves e mais curtas, muito provavelmente para brincarem nas pedras e banharem-se na água. Notamos também nessa fotografia a proximidade dessas pessoas com os elementos da natureza, expressando alegria e contentamento de estarem ali.

A Figura 17 mostra um grupo de pessoas — dentre elas homens e mulheres — que realizava um passeio de barco a remo na extensão de rio que fazia parte da propriedade do clube campineiro no ano de 1918. É possível afirmar que não se tratava de um treinamento ou

um páreo de regata principalmente por causa das vestimentas, que se diferem das utilizadas pelos remadores do clube, como discutiremos mais à frente. As roupas também eram elegantes, contribuindo para a ideia de que aqueles indivíduos eram da elite campineira e tinham, de certo, a possibilidade e o tempo de fugir da cidade e ir ao encontro da natureza.

A fotografia apresentada na Figura 18 foi publicada na revista *A Onda* em 1924 e retrata um casal, o Dr. Octavio Pinto e a artista Guiomar Novaes, que passeavam nas margens do Rio Atibaia no Arraial de Sousas. A presença da pintora paulistana em Campinas foi importante, por isso foi divulgada na imprensa. É interessante notar as escolhas do fotógrafo para capturar essa foto, dentre tantas outras (Mauad, 1996): o local escolhido para a fotografia foi em meio a natureza, reafirmando a importância que ir a locais como esse tinha para as pessoas da elite.

Já a Figura 19 retrata um piquenique²¹ no clube campineiro no início da década de 1930. O piquenique era uma prática que, segundo Soares (2022b, p. 257), “era promovida tanto por associações de trabalhadores urbanos de diferentes setores, quanto clubes e associações esportivas e recreativas, ou, ainda, no interior de propostas pedagógicas realizadas por escolas”.

Os clubes esportivos, conforme afirma Medeiros (2021), também eram instituições que organizavam piqueniques em seus territórios no início do século XX, como o Espéria e o Germânia em São Paulo (Medeiros, 2021). Ou, até mesmo, os próprios associados organizavam piqueniques na natureza contida nos clubes, como mostrado na Figura 20. É interessante notar nesta fotografia o contato dos indivíduos com a natureza e o contentamento de estarem ali. Para Soares (2022b, p. 257),

a prática do piquenique parece fazer parte do que se faz ao ar livre e pode ser concebida como lugar de educação e de divertimento. [...] o piquenique seria a expressão de uma nova, inédita e sofisticada sensibilidade em relação à natureza, seus elementos e à vida ao ar livre. Em linhas gerais, o piquenique poderia ser concebido como expressão de novas ideias e valores concernentes aos benefícios de uma vida ao ar livre, tempo e lugar de educação e divertimento dos habitantes das cidades.

²¹ No Brasil, também se utiliza, mesmo que pouco, a palavra *convescote*. Sobre o tema, consultar, entre outros: Jorge (2016, 2017) e Jorge e Vaz (2016).

Figura 16 – Passeio no Rio Atibaia, década de 1930



Fonte: A Onda (n. 70, 1924).

Figura 17 – Passeio de barco na extensão de rio do Atibaia do CCRN, 1918



Fonte: Arquivo V8, Centro de Memória da Unicamp²².

²² Fotografia registrada *in loco* pela pesquisadora no Centro de Memória da Unicamp.

Figura 18 – Passeio às margens do Rio Atibaia, 1924



Fonte: A Onda (n. 70, 1924).

Figura 19 – Piquenique no CCRN, 1930



Fonte: Bragas (2018, p. 25).

Além de promoverem diversas práticas sociais tanto em Campinas quanto em Piracicaba, os clubes tiveram papel fundamental na promoção de um elemento considerado como um dos símbolos da modernidade no país: o esporte. Os clubes foram instituições importantes para o nascimento e consolidação do esporte nas cidades, pois, conforme Vigarello (2006), essa prática promovia encontros variados, que culminavam com os espetáculos das competições em que o corpo era confrontado aos elementos da natureza.

Além disso, os clubes, ao ampliarem o conjunto de práticas em meio à natureza de algumas cidades, contribuíram para a esfera educativa dos sujeitos que os frequentavam. Em concordância, Soares, Dalben e Medeiros (2023, grifo nosso) afirmam que

é possível inferir que os clubes compreendiam amplamente a dimensão educativa de suas ações e sublinhavam os possíveis benefícios morais e higiênicos decorrentes dos esportes, afirmando a prática e o espetáculo para seus associados, fossem eles atletas, simples praticantes, ou, espectadores. Assegurar essas ideias e publicizar suas ações era tarefa imprescindível que se consolidava a partir de um diversificado conjunto de meios de divulgação para conformar uma maneira própria de se ver e, sobretudo, de como desejavam ser vistos.

Às margens dos rios Atibaia e Piracicaba não foi diferente: os clubes náuticos ali presentes no início do século XX produziram um ambiente favorável e animador para as competições de remo, que aos poucos se tornavam mais regradas e constantes e educavam tanto os praticantes como os outros indivíduos ligados à prática. De acordo com Guttmann (2004), o esporte se diferencia dos jogos e da recreação por ter determinadas características que, mesmo se manifestando em diferentes graus, precisam se inter-relacionar para denotar uma prática esportiva. Para o autor, essas características são a burocratização, a quantificação, a busca de recordes, a racionalização, a especialização, a igualdade e a secularização. A burocratização é a maneira como o esporte é controlado em nível internacional, nacional e local, por meio de federações que padronizam as regras e organizam eventos e competições.

A quantificação é a forma de mensurar os resultados dos esportes de acordo com o tempo, a distância, o placar e os pontos, por meio de aparatos materiais desenvolvidos ao longo do tempo para registrar essas marcar de um jeito cada vez mais preciso e exato. O recorde é outra característica do esporte moderno, que se relaciona diretamente com a quantificação. Com o avanço dos meios de quantificar os desempenhos esportivos e com a evolução dos materiais utilizados — como vestimentas, bolas, calçados, remos, barcos, entre outros — a busca em superar os recordes ficou cada vez mais evidente ao longo dos anos.

A racionalização do esporte concerne a suas normas, elaboradas e controladas a partir das demandas de determinada prática, geralmente com um meio e um fim bem definido. Guttmann (2004) pontua que as regras não são instruções divinas, mas sim artefatos culturais. Ou seja, as mudanças de regras — seja de equipamentos permitidos, seja de técnicas e modelos de treinamento — ocorrem por alguma razão que se encaixe na lógica da sociedade em cada época.

A especialização ocorre com o esporte bem como em seu interior. Guttmann (2004) afirma que, devido à lógica interna do esporte moderno, seria inevitável que ocorresse uma

especialização das funções de cada esportista dentro das diversas atividades enquanto caminharam ou caminham em direção ao esporte moderno — um exemplo seria as 11 funções dos futebolistas e a quase inexistência da mobilidade entre as funções, especialmente em nível profissional.

Outra característica do esporte moderno, segundo Guttmann (2004), é a igualdade. Conforme o autor, todos deveriam ter a oportunidade de competir e a regra deve permitir condições iguais para todos os concorrentes. Além da segregação social entre ricos e pobres, outras questões, como a racial e a de gênero, tiveram que ser superadas para que a característica da igualdade fosse, de fato, manifestada nas mais diversas práticas. Por último, a secularização dissocia a religião da prática, colocando o esporte como um fenômeno secular, e não mais sagrado.

Sendo assim, um jogo²³ não nasce já como um esporte, ele vai se transformando gradualmente até que obtenha todas as características citadas anteriormente. Embora o remo já tenha chegado no país com um caráter esportivo, ele encontrou certas dificuldades para se instalar nos mais diversos locais e teve que se adaptar e se transformar até se estabelecer como esporte. Segundo Melo (2014, p. 201),

o que ocorre é que nos diferentes locais nos quais a prática chegou, seu percurso foi muito diferenciado. As condições de conformação não foram as mesmas em cada caso, ainda que existam algumas características sociais em comum: o desenvolvimento de uma cultura urbana, a valorização dos entretenimentos, a adesão a discursos de “progresso”.

Portanto, as atividades aquáticas realizadas pelos clubes esportivos nos primeiros anos de sua existência estavam distantes de uma burocratização e institucionalização, modificavam-se pouco a pouco ao longo do tempo.

Como se deu a esportivização do remo nas cidades de Campinas e Piracicaba? Quais eram as características do esporte moderno, segundo Guttmann (2004), mais evidenciadas nas fontes quando o remo se instalou nessas duas cidades? E quais características ainda não tinham sido manifestadas? O fato de o remo ser organizado em ambas as cidades por clubes esportivos fez com que a prática caminhasse de maneira acelerada para consolidar-se como esporte moderno? O remo, no início do século XX, era praticado por todos da sociedade campineira e piracicabana ou apenas por um grupo seletivo, excluindo, por exemplo, as mulheres e as camadas mais desfavorecidas economicamente? O que as fontes constituídas

²³ Vigarello (2001) apresenta uma ampla análise acerca dessas transformações.

mostram sobre a quantificação dos tempos das provas de remo de que os clubes em questão participaram no recorte temporal deste estudo?

No que se refere especificamente ao remo e a sua esportivização, constatamos que essa prática em seus primórdios, no Brasil, tinha um caráter muito mais festivo que competitivo (Dias, 2014; Medeiros, 2021; Moraes e Silva, 2011). Podemos pensar, por exemplo, nas primeiras regatas realizadas pelos clubes em que havia pouca regulamentação, pouco regramento, e grande imprevisibilidade, pois, se o tempo não estivesse adequado, ou seja, com chuvas, mesmo que esparsas, o evento não era realizado. Evidentemente, esse tipo de evento estava distante do que seria o esporte moderno com suas regras específicas de datas, tempos, ritmos, vestimenta, equipamentos etc. Tratava-se muito mais de um encontro festivo em meio à natureza do que propriamente uma competição de remo, conforme as regras do esporte moderno (Nascimento; Silva, 2011). No que se refere ao caráter festivo que envolvia o espetáculo do esporte moderno em ascensão no século XX, Vigarello (2008, p. 463) afirma:

Mas além dessa identificação com o grupo, com a nação, além da exploração claramente política, o espetáculo esportivo é também, mais que antes, objeto de festa, jubilosa celebração coletiva, mistura de distensão, de efervescência e de mercado. O episódio chega até a criar seus rituais: o engajamento na sociedade do divertimento, com suas referências publicitárias, seu esbanjamento de imagens, seu ludicismo reinventado, fermento principal dos fervores coletivos de nossos dias.

Conforme Medeiros (2022, p. 3), a esportivização das práticas náuticas se deu de forma não linear e “tratava-se de um movimento de adaptações, interpretações e recriações das regras. Ao mesmo tempo em que disputas não regulamentadas ocorriam e eram noticiadas nos jornais, era possível perceber um aumento na regulamentação de outras provas, realizadas no mesmo período”.

A esportivização do remo é notada nas fontes a partir das notícias de jornais e revistas em que se constata o crescente estabelecimento de regras, a melhor instrumentalização para a contagem dos tempos das provas, a aquisição de materiais, bem como a criação de federações. No recorte temporal deste estudo, analisando as fontes reunidas, percebemos um movimento de novos elementos que indicam uma esportivização do remo no início do século XX tanto em Campinas como em Piracicaba, movimento semelhante ao que ocorreu em outras cidades do país.

Em São Paulo, de acordo com os estudos de Medeiros (2022), os primeiros eventos do remo nos clubes eram chamados de “festas sociais” e os anúncios que as divulgavam não continham as regras nem as distâncias que as embarcações iriam percorrer. Com o passar dos

anos, a esportivização do remo nos clubes paulistanos ganhou maior evidência; e, nas fontes utilizadas pela autora, havia informações como o nome dos vencedores, as distâncias de cada páreo, a relação dos árbitros e o tempo que cada embarcação obteve. Além disso,

um fator relevante para a transformação na regulamentação das competições realizadas na cidade foi a participação internacional dos clubes. Em 1907 os remadores do Esperia tomaram parte de um evento realizado em Montevidéu (Club, 1907). A presença em tal evento gerou debates a respeito da regulamentação da prática do remo na cidade. Alguns meses depois da viagem, ao definir as regras de uma competição interna, o clube anunciou que seguiria as diretrizes da Federação Brasileira das Sociedades do Remo, mais parecidas com as regras utilizadas internacionalmente (Club, 1907) (Medeiros, 2022, p. 3).

No Rio Grande do Sul, no final do século XIX e início do século XX, o remo tinha características tanto do jogo quando do esporte: não apresentava regras bem definidas e havia apostas envolvidas nos dias de competições (Da Silva; Assmann; Mazo, 2019). As fontes utilizadas pelas autoras mostraram que a institucionalização do remo no estado ocorreu em meados do século XX, quando se aumentou a demanda pelas regatas; sendo assim, o remo se reestruturou nos clubes, buscando igualdade e racionalização das regras.

Em Piracicaba, nos primeiros anos do clube, as competições de remo que ocorriam tinham um caráter mais festivo do que esportivo. Para mostrar a programação de um evento de regatas realizado no clube, uma reportagem do Jornal de Piracicaba de 1908 escreve que “a festa começará às 5 ½ horas da tarde, continuando á noite com a festa veneziana” (JP, n. 2265, 1908). A primeira festa à qual o jornal se refere são os páreos de regatas, ou seja, a parte da programação competitiva era considerada um momento de festividade na cidade.

Entretanto, a mesma reportagem já contempla alguns elementos que caracterizavam a prática do remo em direção ao esporte moderno. Os páreos foram divulgados já com alguns aspectos mais esportivizados, como a distância que as embarcações percorreram e os nomes dos competidores. Segundo Lucena (2001), com o remo, inicia-se a ideia de ídolos do esporte, diferentemente do turfe, prática que evidenciava mais os animais e seus donos, e não quem cavalgava: o jóquei.

Em notícia do dia 31 de março de 1908, o Jornal de Piracicaba, ao se referir a uma regata no CRP, escreve: “Grande foi o numero de pessoas que á tarde de domingo compareceu á margem do formoso Piracicaba, afim de assistir ao desafio entre os distintos rowers srs. Francisco Rodrigues e Oséas de Castro Neves” (JP, n. 2277, 1908). Sendo assim, os remadores do clube tinham certo reconhecimento por praticarem o remo. Os espectadores não

assistiam a uma regata somente pela prática em si, mas também por conhecerem seus praticantes e quererem assisti-los.

Porém, mesmo com esses traços que pouco a pouco tornavam o remo mais esportivizado, outro fator encontrado nas fontes nos primeiros anos do CRP que distanciava a prática do esporte moderno eram as apostas que ocorriam nas competições realizadas pelo clube. No páreo entre a embarcação de Francisco Rodrigues e de Oséas de Castro Neves, um valor total de 200 mil-réis foi apostado na disputa. A embarcação Tabajaras, tripulada por Francisco Rodrigues, venceu; metade do valor foi revertido para o clube e a outra metade foi doada para uma capela (JP, n. 2269, 1908).

O sistema de apostas no remo e em outras práticas no final do século XIX e início do século XX abria margem para trapaças e subornos, afastando-as dos princípios do esporte com características do amadorismo²⁴. Segundo Melo (2007), o termo *amadorismo* começou a ser utilizado no país nas corridas de cavalo para diferenciar os jóqueis que corriam sem receber remuneração. No remo, ainda de acordo com Melo (2007), “mesmo que no início houvesse ainda a separação entre profissionais e amadores, logo a obrigatoriedade do amadorismo passou a constar nos códigos de regatas e era constantemente lembrada pelos dirigentes das associações dos esportes náuticos”. Em concordância, Holt (1990) defende que um dos princípios do amadorismo no século XIX era a oposição às apostas nos esportes, pois se aboliam os jogos de azar.

As apostas eram mais comuns no ocidente em práticas como o boxe (Caratti, 2017), o cricket (Melo, 2019) e as corridas de cavalo ou turfe (Montenegro; Soares, 2018; Mazo; Frosi, 2009; Quitzau; Moraes e Silva, 2022). De acordo com Montenegro e Soares (2018), as apostas em corridas de cavalo em Campinas eram frequentes; e, a partir do final do século XIX, já apareciam reivindicações na cidade por uma maior burocratização da prática, pois as apostas a tornavam mais injusta.

As apostas esportivas no final do século XIX e início do século XX, segundo Melo (2000), eram uma das maneiras das camadas populares participarem e estarem ativas no âmbito das práticas mais elitizadas. Para o autor, no caso específico do remo, com o objetivo de afastar cada vez mais as camadas populares dos esportes de elite, a maior parte dos clubes de remo eliminou, nesse período, a cultura das apostas de suas competições. Por essa razão,

²⁴ De acordo com a definição no Oxford English Dictionary, a palavra *amadorismo* significa “a qualidade ou condição de ser amador” (Amateurism, 2023, tradução nossa). E a palavra amador significa, de acordo com o mesmo dicionário, “pessoa que participa de determinada atividade apenas por prazer ou interesse e não como profissional” (Amateur, 2023, tradução nossa).

não são em todos os clubes de remo que se verifica as apostas em seu meio. De acordo com Melo (2007),

os dirigentes responsáveis pelo remo, no final do século XIX, colocaram-se contra as apostas buscando eliminá-las das regatas, encarando-as como sinal do atraso e da imoralidade das corridas de cavalo. Na verdade, muitas eram as críticas, publicadas notadamente nos jornais, acerca dos escândalos e da perda do “caráter esportivo” do turfe em função do papel preponderante das apostas. O discurso moralista, tão bem incorporado pelos clubes de remo, consideraria o turfe mais como um jogo de azar de que como um esporte, um mal para a sociedade. A população, contudo, continuava a gostar e a exercitar o ato de apostar.

Em nossa pesquisa, é possível constatar que o CCRN²⁵ afastou, desde o ano de sua criação, o sistema das apostas nas competições de remo, pois não foi encontrado nenhum indício nas fontes referentes ao clube que indicava a presença desse sistema. Contudo, não se pode fazer a mesma afirmação em relação ao CRP, pois se expressa em diferentes registros a existência das apostas. Essa diferença mostra, a princípio, que a esportivização do CRP e do CCRN teve muitas semelhanças, mas não ocorreu inteiramente da mesma forma e pelos mesmos motivos.

No CCRN, algumas questões similares e outras diferentes ao clube piracicabano foram analisadas em seus primeiros anos de existência. Dentre as semelhanças com o CRP, pode-se pontuar o caráter festivo das competições de remo. A revista *A Onda* (n. 17, 1922, grifo nosso), que dava destaque aos eventos do clube campineiro em suas páginas, divulgou em 15 de janeiro de 1922 o seguinte:

No dia 19 do corrente o C. C. de Regatas e Natação, realizará em sua confortavel séde, no Arraial, uma grande *feira* náutica. Foi elaborado um programma excellente, com numeros de atletismo, náutica, batalhas de confetti e serpentinas, e uma encantadora festa veneziana. Pelo entusiasmo que se nota entre os socios daquela progressista associação, é de se prever que seja um verdadeiro acontecimento, a referida festa. Apos as provas esportivas, haverá um vespéral dansante que se prolongará até às 23 horas.

Sendo assim, bem como acontecia nos eventos esportivos piracicabanos, em Campinas notamos a característica festiva nessas competições. Ou seja, uma prova de remo, de natação

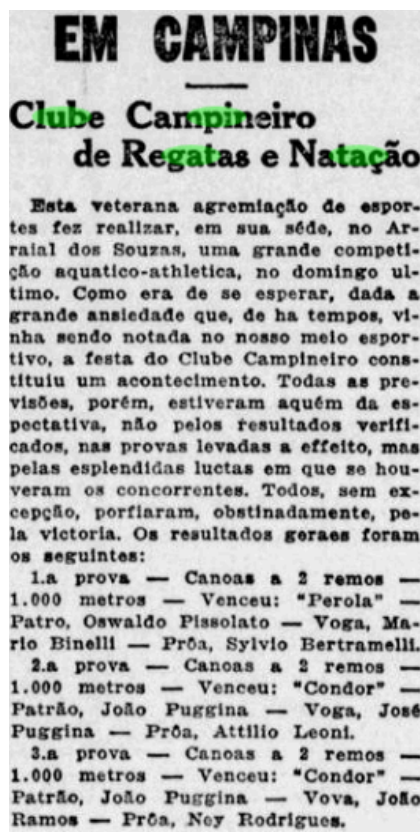
²⁵ Sobre o amadorismo no clube campineiro, em reportagem de comemoração de 50 anos do CCRN, o jornal *Diário do Povo* (s/nº, 1968) publica: “Desfrutando de duas completas praças esportivas, privilégio que ainda mais o diferencia das agremiações brasileiras, há, ainda, um detalhe importante que precisa ser realçado neste meio século de vida do C.C.R.N.: o seu lema! ‘Esporte pelo esporte’ é, desde a fundação, um apanágio que os mentores cuidam com especial atenção, procurando não tanto fazer campeões, mas preparar atletas e burtiar cidadãos na mas perfeita definição do ‘mens sana in corpore sano’. Homens da alta expressão na vida de Campinas foram pioneiros do Regatas. E continuaram sendo através dos anos. Mas o lema não se modificou: o Regatas é a mesma escola da pura desportividade, onde o sócio aprende a competir, com brilho técnico, mas disciplina e respeito ao adversário. É o mesmo na vitória e principalmente na derrota” (*Diário do Povo*, 1968).

ou de atletismo em ambos os clubes no início do século XX representava um momento marcante, de alegria entre os sócios, parte da sociedade que assistia às *performances* e torcia para seu clube.

As festividades e competições do CCRN ganharam grande importância em Campinas na década de 1920 e, com o passar dos anos, começaram a ser divulgados em jornais de São Paulo, como foi o caso da notícia relacionada ao clube no jornal *O Combate: Independência, Verdade e Justiça* (n. 2405, 1923, p. 2): “O Clube Campineiro de Regatas e Natação realiza hoje, no Arraial de Souzas, uma festa esportiva, de cujo programma constam diversos pareos de remo e natação e um grande baile ao ar livre”. O remo e outras práticas náuticas, dessa maneira, foram significativos tanto para Campinas quanto para Piracicaba sobretudo após a construção dos clubes de regatas, que, com regularidade, promoveram competições nas duas cidades.

O jornal *A Gazeta* publicava frequentemente sobre o remo não só em São Paulo, mas também em outras cidades do interior do estado que desenvolviam competições e eventos nos clubes esportivos (Figura 20).

Figura 20 – Reportagem sobre o CCRN, 1925



Fonte: A Gazeta (n. 5818, 1925).

A Figura 20 mostra reportagem sobre o remo em Campinas e, assim como era apresentado nas fontes sobre o CRP, os nomes dos remadores e as distâncias percorridas também apareciam. Notamos também o início de uma especialização das funções dos remadores: patrão, voga e proa. Essas ações diferenciavam a tarefa de cada remador no páreo, podendo ter mais funções de acordo com a quantidade de remos de cada embarcação.

Além disso, com o sucesso dos atletas, algumas fotografias dos sócios que faziam parte das práticas promovidas por ambos os clubes começaram a ser divulgadas na imprensa. A Figura 21, fotografia tirada por Zico Villela e publicada na revista *A Onda*, mostra um grupo de nadadores em um dia de competição do CCRN. Observamos que os nadadores estão com roupas²⁶ específicas e mesmo especializadas para nadar e que todos na foto eram homens brancos. Alguns deles não estavam com o “maiô” de natação e usavam roupas compridas e chapéus: seriam eles os treinadores da equipe de natação do clube? Ou apenas sócios ou diretores que tinham alguma outra relação com os nadadores?

Figura 21 – Grupo de nadadores, Fotografia de Zico Villela, 1921



Fonte: *A Onda* (n. 4, 1921).

²⁶ Sobre o tema de roupas esportivas, ver especialmente Soares (2011) e Jamin (2005).

Figura 22 – Grupo de remadores do CCRN, década de 1920



Fonte: Centro de Memória da Unicamp.

A Figura 22 mostra um grupo de remadores também uniformizados com roupas que tinham o brasão do clube que continha em seu desenho uma âncora, simbolizando o esporte pioneiro que motivou a construção do clube. Notamos que as roupas dos remadores eram diferentes das roupas dos nadadores, podendo ser um fator que diferenciava os praticantes aos olhos de quem os via no clube. Além disso, compõem a foto também elementos que representam a prática do remo: os remadores que estão de pé seguram remos e o que está ajoelhado, o que pode ser o leme de uma embarcação e uma bandeira em formato de flâmula com o brasão e as possíveis cores do clube.

Soares (2011, p. 68-69), em seu livro *As roupas nas práticas corporais e esportivas: a educação do corpo entre o conforto, a elegância e a eficiência (1920-1940)*, aponta que

a escolha voluntária do que vestir, a liberdade de desvestir-se e mesmo de usar roupas especiais em praias, no campo, assim como para a prática de exercícios físicos ou de esportes, é algo que se consolida de modo mais amplo, somente no princípio do século XX. Vestir-se para exercitar o corpo em práticas distintas, portanto, é parte de uma nova sensibilidade, de um novo modo de vida, resultado de uma educação especializada e dirigida ao corpo, da inserção num mundo regido por padrões, comportamentos, atitudes, hábitos novos.

No início do século XX, a instalação das indústrias têxteis em várias cidades do país, aliada à chegada e consolidação do esporte como signo de modernidade, levaram a uma

concepção de estilos diferentes de acordo com as práticas esportivas e corporais. Se antes desse período os esportes eram praticados utilizando roupas do cotidiano, com essas transformações, as vestimentas foram se especializando cada vez mais, em busca de conforto, elegância e *performance* (Soares, 2011). A autora escreve:

Como elemento constitutivo da vida urbana e moderna, os eventos esportivos e seus códigos passam a fazer parte do cotidiano das cidades, quer seja para sua prática, quer seja como forma de diversão de um público espectador. Há um apelo à ação dos corpos, uma mobilização para o movimento e uma atenção mais direta à resistência física, a uma performance corporal traduzida por uma aparência jovem e ousada, sempre destacada pelas roupas. Revistas e jornais da época destacam as roupas especiais usadas adequadamente a cada situação como signos modernos e cosmopolitas (Soares, 2011, p. 69).

Figura 23 – Remadores do CRP na Barra do Corumbataí²⁷, 1928



Fonte: Netto (2016, p. 63).

A Figura 23 apresenta um grupo de remadores na região da Barra de Corumbataí no final da década de 1920. Não dá para afirmarmos que todos eles fazem parte do clube piracicabano; porém, três deles se apresentam na foto com o uniforme do clube em questão. Alguns dos moços da imagem não estão com roupas voltadas para a prática esportiva, o que leva ao questionamento se eles remavam naquele momento. Ou seja, apenas o fator do uniforme já diferencia o olhar de quem vê a fotografia, causando distintas interpretações acerca dela.

²⁷ O Rio Corumbataí apresenta 170 km de extensão, nasce no município de Analândia e termina em Piracicaba, tendo sua foz no Rio Piracicaba (Armas, 2007).

Corumbataí era um bairro vizinho de Piracicaba, onde, eventualmente, os remadores do clube realizavam excursões por via fluvial. Em notícia do ano de 1930, o Jornal de Piracicaba escreve sobre um desses passeios:

Nella tomaram parte muitas guarnições, que se utilizaram de toda a flotilha do clube, cujo perfeito estado de conservação permitiu aos rapazes um agradável passeio, sem que fosse registrado o menor incidente. Foi optima a impressão causada, tanto aos remadores como aos assitentes á partida e á chegada, *pois se via em todos um indizível contentamento, provocado pelo interessante passeio, em que também praticaram o salutar esporte do remo* (JP, n. 10.367, 1930, p. 2, grifo nosso).

Figura 24 – Grupo de esportistas do CRP



Fonte: JP (n. 10355, 1930).

Figura 25 – Outro grupo de esportistas do CRP



Fonte: JP (nº 10355, 1930)

Nas Figuras 24 e 25 podemos observar um grupo de esportistas do CRP e, aqui é interessante observar também, assim como na Figura 23, a utilização dos uniformes esportivos para prática e identificação dos praticantes do clube.

Sendo assim, conforme destacado no trecho citado do JP, é possível observar que esses momentos em que o corpo estava em contato com os elementos da natureza geravam um contentamento e uma alegria para quem estava envolvido, e atrelava-se à prática esportiva. Como escreveu Soares (2022a, p. 16),

a presença de corpos em movimento em meio ao encantamento com uma vida ao ar livre, com novas e inéditas relações com a natureza e seus elementos, pôde ser estendida, pouco a pouco, para o universo de práticas sistematizadas que também ocorriam nesses locais. Seria possível afirmar que rios e mares, montanhas, jardins e praças, parques e pequenos bosques foram o lugar de expressões físicas do mundo dos divertimentos e se constituíram como os primeiros “ginásios”, os primeiros “estádios”, [as primeiras piscinas] para o que se afirmaria, desde fins do século XVIII: a Ginástica e o Esporte.

Figura 26 – Clube de Regatas Piracicaba, equipe de remo, 1934



Fonte: Netto (2016, p. 62).

Na Figura 26, que mostra a equipe de remo do CRP, em 1934, observamos que o contexto em que a fotografia foi tirada não era referente a um momento de treino ou competição de remo, principalmente por causa das vestimentas que aqueles homens estão usando e pelo ambiente, concluindo que aquilo era um encontro mais formal entre eles.

O “estar uniformizado” foi se tornando, portanto, gradativamente, mais presente no cotidiano clubístico. Um dos motivos para que a utilização dos uniformes ficasse cada vez mais regrada entre os indivíduos que praticavam os esportes nos clubes foi delimitar e

singularizar os esportes e seus praticantes. As normas dos clubes se alteraram com o passar dos anos, de forma a controlar progressivamente as vestimentas:

A directoria do Clube de Regatas Piracicaba em sua primeira reunião realizada em 28 de Abril deliberou o seguinte: prohibir terminantemente, os exercícios de natção e remo, sem camisa; encarregar os srs Paulo Pacheco e Ruy Cosentino da compra dos uniformes para o clube, que constarão de camisa vermelha com monogramma e calção azul-marinho (JP, n. 10.281, 1930, p. 2.).

Nesta seção, acompanhamos como ocorria a prática de remo em Piracicaba e Campinas e como ela foi se esportivizando. Na sequência, exploramos um dos fatores que tinham forte influência nos clubes.

2.2 A influência das federações nos clubes esportivos amadores

Outro fator que contribuiu bastante para a institucionalização do remo em alguns estados foi a criação de federações, ligas e uniões, ou seja, uma estrutura burocrática e legal que transforma essa prática em esporte moderno, com regras específicas, codificadas e universais. Por exemplo, no Rio de Janeiro, em 1895, foi criada a União de Regatas Fluminense, que teve seu nome alterado ao longo dos anos até se tornar a Federação Brasileira de Sociedades de Remo, em 1902 (Licht, 1986). Segundo Nascimento e Silva (2011), essa organização foi fundada para que os regulamentos fossem aprimorados, sendo que, em 1903, ela foi reconhecida internacionalmente como uma entidade do remo.

Também em São Paulo, no ano de 1907, foi criada a Federação Paulista das Sociedades de Remo, que tinha sua sede na cidade de Santos (Licht, 1986). Seu estatuto, de acordo com Medeiros (2021), era baseado nas normas da Federação Brasileira das Sociedades de Remo e foi alterando suas diretrizes ao longo do tempo. A federação, além de reger normas regulamentares e de conduta no âmbito da prática do remo, organizava algumas regatas esporádicas, como foi o caso da “Prova Clássica Associação Protectora dos Homens do Mar”, realizada em setembro de 1907 (Licht, 1986).

É importante assinalar que os clubes esportivos e recreativos do período estudado nem sempre estavam vinculados às ligas, federações e/ou outras entidades regulamentadoras. Notamos, contudo, que mesmo aqueles clubes que permaneceram por mais tempo não filiados a esta rede institucional receberam forte influência desse aparato legal existente desde o início do século XX.

Como escreve Medeiros (2021, p. 92),

é possível afirmar que o surgimento de elementos regulamentadores transformou o modo como os clubes realizavam seus festivais, aproximando-os muito mais das práticas constituídas no arcabouço do “esporte”. Não é anódino pensar, entretanto, que essas transformações se deram em momentos distintos, de forma não homogênea e que enfrentaram resistências.

Como se deram as influências das federações nos clubes campineiro e piracicabano até 1936, ano em que o CRP ajudou a consolidar a Federação Paulista de Remo? O remo em ambos os clubes se tornou cada vez mais institucionalizado por causa do influxo de outros clubes que participavam de ligas oficiais? Algum dos clubes participou de competições internacionais, que foram importantes para a troca de princípios da prática do remo, como técnicas, vestimentas e regras?

É possível notar, a partir das fontes, que tanto o CRP quanto o CCRN participaram de competições organizadas pela Federação Paulista das Sociedades de Remo no recorte temporal desta pesquisa, ou seja, antes de o CRP se filiar à Federação Paulista de Remo. Em recorte do jornal *Diário de Santos* (n. 229, 1931, p. 5), no ano de 1931, divulga-se uma competição de remo organizada pela FPSR, um dos páreos chamou a atenção, intitulado de “Imprensa Paulistana”, o qual envolvia os clubes não filiados. Entre eles, estavam o Clube de Regatas Piracicaba, o Clube Campineiro de Regatas e Natação e o Sport Clube Germania.

O páreo anunciava o horário em que a prova aconteceria, a distância a ser percorrida pelos barcos, o tipo de embarcação e a quantidade de remadores por barco. Além disso, a equipe vencedora e a segunda colocada receberiam medalhas como forma de premiação.

Parece, então, que o início da década de 1930 abriu portas para que os clubes do interior do estado de São Paulo participassem das competições oficiais da FPSR. Corroborando isso, outro indício de participação do CRP e do CCRN em competições oficiais da federação foi encontrado, no jornal *Correio Paulistano*, referente ao ano de 1936. A edição de número 24524 contém, em suas páginas, uma reportagem anunciando a última competição oficial da temporada 1935 organizada pela Federação Paulista das Sociedades de Remo:

A directoria da Federação, *no nobre intuito de attrahir e influenciar os clubes do interior do Estado*, deliberou incluir no referido programma, dois pareos extras, reservados exclusivamente aos clubes não filiados; essas pareos serão em “yoles franchises” a 4 remadores e “canoé”. Dois gremios já se manifestaram: o Clube de Natação e Regatas de Campinas e o Clube de Regatas de Piracicaba (*Correio Paulistano*, n. 24524, 1936, p. 8, grifo nosso).

O grifo do recorte extraído da reportagem mostra justamente o objetivo principal da FPSR em abrir inscrições para os clubes não filiados: não só influenciar os clubes a participarem de mais competições de remo e a organizarem-nas, mas também gerar influência

e ter domínio sobre as regras, as vestimentas, as distâncias, os tipos de embarcação e as premiações que essas competições extraoficiais teriam. As federações, portanto, demonstraram um papel de unificar e uniformizar cada vez mais a regulamentação e a burocratização das práticas, modificando-as até se tornarem expressamente um esporte moderno.

Como escreve Medeiros (2021, p. 151), “a Federação era o elemento primordial da burocratização esportiva, da promoção de práticas com igualdade de competição, e isso dava forças aos argumentos morais a respeito do esporte desenvolvido pelos clubes”. Ou seja, as federações eram um dos principais fatores de incentivo à disseminação do remo, além de legitimar a prática que ocorria no interior dos clubes.

Outra reportagem referente ainda à competição da FPSR que encerraria a temporada de 1935 mostra a relação dos páreos e de seus respectivos remadores e tipos de embarcações (Correio Paulistano, n. 24559, 1936). Algo que chama a atenção nessa reportagem é a quantidade de páreos que a competição comportou: 11 no total e cada uma podendo ter um tipo de embarcação²⁸ diferente, sendo elas “out-riggers a 8 remos”²⁹, “out-riggers a 4 remos”, “out-riggers a 2 remos”, “single sculls”³⁰, “double-sculls”³¹ e “yoles franches a 4 remos”³². Isto é, os clubes filiados se inscreviam para participar dos páreos que desejavam de acordo com o estilo de remo, seja o individual ou o em equipe. Aos clubes não filiados foram reservados 2 dentre os 11 páreos, tendo um deles especificação do tipo “yoles a 4 remos” e o

²⁸ Acreditamos ser relevante aqui caracterizar os tipos de barcos para que fiquem mais perceptíveis e elucidativas as análises realizadas ao longo desta dissertação, tornando-a, assim, mais interessante ao leitor. O Capitão Antônio Pires de Castro Filho, um dos diretores da *Revista de Educação Física* escreve, em 1934, um artigo nesse periódico sobre os tipos de embarcações e suas classificações. Visto que as nomenclaturas e as definições dos aparatos mudam com o tempo, utilizaremos as descrições desse artigo para retratar os tipos de barcos geralmente encontrados nas fontes acerca de nosso objeto (*Revista de Educação Física*, n. 3, 1934, p. 20).

²⁹ O *out-riggers* são embarcações que podem ser de 2, 4 ou 8 remadores. Segundo o que escreve o Cap. na *Revista de Educação Física*, o de 2 remadores tem um comprimento de 11 metros e é pouco estável, devido a sua estrutura; portanto, exige maior equilíbrio de quem o rema. O de 4 remadores tem um comprimento de 13 metros, geralmente com lugar para o patrão. O de 8 remadores, conforme o Cap., é o “rei dos barcos de regatas”. Com um comprimento que vai de 18 a 22 metros, é esse tipo de embarcação selecionado para as grandes competições internacionais de remo (*Revista de Educação Física*, n. 3, 1934, p. 20).

³⁰ A nomenclatura *single-scull* também era conhecida por *skiff*. De acordo com o artigo da *Revista de Educação Física*, esse tipo de embarcação era guiado por apenas um remador e era construído com dimensões diversas, variando entre sete e nove metros, dependendo principalmente do físico do remador e de seus gostos. Por se tratar de uma embarcação leve, dava-se a impressão de que do barco “voava” sobre as águas (*Revista de Educação Física*, n. 3, 1934, p. 20).

³¹ O *double-scull* era um pouco mais pesado que o *single-scull* e, por isso, dava mais estabilidade a quem o remava (*Revista de Educação Física*, n. 3, 1934, p. 20).

³² Os *yoles* eram embarcações de instrução e passeio, mas também eram utilizados em regatas. O modelo *yole-franches* a quatro remos era o mais utilizado no Brasil, servindo, principalmente, para a formação dos remadores: “aprender a remar, corrigir os defeitos e se aperfeiçoar” (*Revista de Educação Física*, n. 3, 1934, p. 20).

outro “canoés”³³. Pensando nas características dos *yoles* e das *canoés*, embarcações muito utilizadas na formação dos remadores e em passeios, podemos inferir que talvez os clubes não filiados, por não participarem tanto de competições oficiais, tinham poucos tipos de embarcações, sendo elas as mais básicas, que poderiam servir para mais de um tipo de função.

Embora o CRP e o CCRN participassem de competições oficiais da FPSR como clubes não filiados principalmente no início da década de 1930, a federação já tinha influência sobre os clubes mesmo antes desse período. Em uma notícia do ano de 1909, o JP (n. 2615, 1909) escreve que o clube piracicabano “acaba de fazer a aquisição, na capital, de uma excelente yole-franche a 4 remos, do typo adoptado pela Federação para esse gênero de embarcações”. Analisando esse recorte, percebemos uma influência da FPSR para a escolha do tipo de embarcação que o clube piracicabano adquiriu: o tipo de yole-franche utilizado nas competições daquele período. É interessante notar também que o barco foi comprado no Rio de Janeiro, a capital do país naquele ano, mostrando que não era fácil de adquirir uma embarcação em qualquer lugar.

As federações esportivas durante o século XX, portanto, foram imprescindíveis para a esportivização das diversas práticas que estavam em foco naquele período no país. Elas não só determinavam as regras e burocracias a serem adotadas ou seguidas pelos clubes, mas também organizavam competições periódicas ao longo dos anos.

2.3 1936: o ano de criação da Federação Paulista de Remo

NOVA ENTIDADE NÁUTICA EM SÃO PAULO – Amanhã, às 20.30 horas, na sede do Club Tietê, de S. Paulo, realiza-se a assembléa de fundação da novel entidade que dirigirá o sport nautico paulistano e que, na primeira reunião preliminar ficou denominada *Federação Paulista de Remo* - S. Paulo, 15 (O Jornal, n. 5161, 1936, p. 3, grifo do autor).

No dia 16 de abril de 1936, os clubes Germânia, Espéria, Tietê, Piracicaba, Sírio e Carioba fundaram, na cidade de São Paulo, a Federação Paulista de Remo (Licht, 2008). De acordo com Medeiros (2022), o ano de 1936 marcou alguns conflitos entre as federações esportivas e a Confederação Brasileira de Desportos (CBD), o que gerou o rompimento de relação entre algumas federações e esta última. Os clubes filiados à Federação Brasileira das Sociedades de Remo ficaram bem divididos no que se vincula ao rompimento de relações com a CBD, mas optaram por mantê-lo. Os clubes Espéria e Tietê não concordaram com essa

³³ As *canoés* eram embarcações nacionais, feitas com tábuas trincadas e parecidas aos *yole-franches*. Segundo o que escreve o Cap. no artigo, esse tipo de barco poderia ser construído para um ou dois remadores e era utilizado nos clubes, em sua maioria, para passeio e instrução dos iniciantes, sendo também empregado nas regatas.

decisão, decidiram deixar a filiação da FPSR e criaram, junto com os outros clubes citados anteriormente, a FPR. Uma passagem de reportagem de fevereiro de 1936 d'O Jornal, relacionada às deliberações de uma reunião da FPSR, mostrou essa desavença entre os clubes Tietê e Espéria e os outros clubes filiados à federação. O quinto item deliberado na reunião foi:

incluir o presidente ou pessoa de sua imediata confiança, de comparecer à assembléa da Confederação Brasileira de Desporto, representando esta Federação. Na aludida reunião, que deverá ter lugar na segunda quinzena de fevereiro próximo, o representante desta entidade pleiteará as diferentes medidas que estão reclamadas no memorial recentemente encaminhado à C.B.D. pelas Federações Paulistas, deliberação esta tomada contra os votos do C.R. Tietê-São Paulo e Club Esperia, os quaes foram de parecer que esta Federação não devia representar na promettida assembléa da C.B.D., por considerarem, desde logo, vencida a proposta paulista. Fazendo declaração de voto, os dois clubes citados, fizeram sentir que eram contrarios à participação desta Federação na assembléa em questão, não se tratando de hostilidade à indicação do presidente, como talvez á primeira vista pareça (O Jornal, n. 5099, 1936, p. 4).

A princípio, essa cisão entre os clubes Tietê e Espéria e a FPSR gerou certa antipatia por parte do público em geral. O jornal *Correio Paulistano*, após a reunião em que os clubes paulistanos se desvincularam da FPSR, publicou uma matéria demonstrando a indignação com o ocorrido. Um trecho retirado dessa matéria aponta a atitude dos clubes como de “requintada má fê” e, ainda, a criação da FPR como uma “sombra do legitimo prestigio da velha Federação Paulista das Sociedade do Remo” (*Correio Paulistano*, n. 24546, 1936, p. 8). E depois, no dia 03 de abril, dia em que ocorreu a pré-assembleia de fundação da nova federação, o *Correio Paulistano*, ainda num tom zangado, escreveu:

somos de opinião que o nome Federação não está adequado, pois são “unicamente” dois os clubes que della fazem parte, por isso, melhor e mais pratico seria chamar-se: Grupo dos Paulistas Regateiros; os demais clubes que, com tanto alarde, anunciaram, iriam fazer parte da “tal federação” não deram signal de si na já ante-celebre assembléa fundadora (*Correio Paulistano*, n. 24553, 1936, p. 10).

Ademais, a criação de uma nova Federação no estado de São Paulo gerou conflitos relacionados principalmente à unificação do regulamento. Segundo Medeiros (2022, p. 5),

essa cisão se mostrava problemática para o remo em todo o estado, já que, dentre outras funções, as federações tinham como objetivo selecionar remadores para disputas nacionais e internacionais, incluindo-se em tal lista as disputas olímpicas. A falta de consenso a respeito de regras, dos materiais e dos torneios a serem disputados atrapalhava os ideais de treinamento, que começavam a se desenvolver na cidade.

Em 1936, no primeiro ano de criação da FPR, essa entidade já se interessava em enviar remadores para tentar a convocação nas Olimpíadas de Berlim, concorrendo com os participantes indicados pela FPSR (O Jornal, n. 5182, 1936). Esses problemas não perduraram por muito tempo, pois, em 1938, as duas entidades existentes — a FPSR e a FPR — unificaram-se e instituíram a Federação do Remo de São Paulo (Licht, 2008).

Ainda em 1936, último ano do recorte temporal desta pesquisa, ocorreu a entrada do CRP em uma federação esportiva de remo, faz-se necessário discutir esse fato e os impactos dele na esportivização do remo. No ano de criação da FPR, o jornal *Correio Paulistano* (n. 24643, 1936) anuncia em suas páginas a regata inaugural organizada pela federação, que contou com 12 páreos de diferentes tipos de embarcações.

O CRP participou de 3 páreos diferentes: do quinto, reservado aos clubes filiados do interior, com percurso de 1.000 metros com *yole franchises* a 2 remadores; do décimo, também reservado aos clubes filiados do interior, com percurso de 1.000 metros com *yole franchises* a 4 remadores; e, por fim, do último, com percurso de 1.000 metros com *yole franchises* a 8 remadores. Esta última prova pareceu ser uma das principais do dia, pelo destaque dado aos concorrentes pelo jornal.

Algo curioso de notar na reportagem são os conflitos referentes aos parâmetros esportivos que cada clube utilizava para praticar o remo, entre os filiados e não filiados também: “Em si, a regata está reduzida á dupla Tietê-Esperia, a despeito de estarem filiados 6 ou mais clubes nessa entidade. E que nem sempre essas filiações obedecem ao critério esportivo, resultando, dahi, essa situação desagradavel de pequeno numero de concorrentes” (Correio Paulistano, n. 24643, 1936, p. 8).

Sendo assim, é possível observar que, por conta de existirem duas federações organizando o remo no estado de São Paulo, ocorriam muitas diferenças relativas às maneiras com as quais os clubes impunham a prática do remo em seus espaços. Na década de 1930, a esportivização do remo, portanto, deu-se de maneira não linear, a partir de encontros e desencontros de ideias e noções referentes a essa prática, que se caminhava para se tornar um esporte.

Ainda, analisando a reportagem em questão, referente à primeira competição de remo organizada pela FPR, percebemos uma descrição de aspectos técnicos e burocráticos das regatas. O jornal apresenta o nome dos juízes que arbitriariam os páreos: quatro juízes divididos entre as três partes das provas — saída, percurso e chegada. Além disso, divulga o local de competição escolhido e o especifica e o descreve, pensando nos empecilhos que os remadores poderiam encontrar: “o local escolhido é a represa de Santo Amaro, proximo ao

paredão, lugar difficil, tanto na parte technica pelo vento que ali sopra, como no tocante de assitencia, por ser incommodado o transporte áquelle local” (Correio Paulistano, n. 24643, 1936, p. 8).

Essas dificuldades relacionadas à represa de Santo Amaro foram confirmadas pelo jornal dois dias depois que a competição ocorreu (Correio Paulistano, n. 24645, 1936). Segundo a notícia, a partida e a chegada dos páreos eram realizadas em margens de difícil acesso, impossibilitando, assim, os árbitros de verem de maneira clara as colocações de cada embarcação, tanto que, por essa razão, não se pôde conseguir os resultados gerais da competição. Além disso, a represa estava um tanto vazia, o que ocasionou o surgimento de ilhotas, obstáculos para os remadores.

A segunda competição organizada pela FPR aconteceu no dia 18 de outubro de 1936 em Piracicaba, tendo participação do CRP, do Clube Espéria e do Tietê. Por conta do fracasso ocorrido na competição de Santo Amaro, os jornais divulgavam a regata de Piracicaba como a “Primeira regata oficial de temporada”. Assim como na reportagem referente à primeira competição da FPR, o jornal *Correio Paulistano* falou sobre o rio Piracicaba tratando de descrevê-lo por um lado técnico, pensando no remo.

Embora os aspectos burocráticos das regatas estivessem bem mais regrados do que na década de 1900 e 1910, quando o CRP e o CCRN foram criados, ainda podiam ser notados momentos de ruptura nesse desenvolvimento. Na reportagem em questão, o jornal escreveu que

a raia, muito bem demarcada, no entanto apresenta impecilhos para o bom desenholar de uma regata. Tendo na altura dos 300 metros após a sahida uma accentuada curva, faz com que as aguas encaichoeirem, prejudicando os barcos collocados nas balisas de fora. Essa razão de sempre vencerem nas regatas de ante-hontem os barcos collocados nas duas balisas internas (Correio Paulistano, n. 24723, 1936, p. 10).

Ou seja, por conta desse empecilho, a regata acabou se tornando injusta e não tinha igualdade entre cada barco que dela participava. Esse tipo de acontecimento, entretanto, não significava que a prática do remo deixava de ser um esporte, mas sim que ela fazia parte das continuidades e descontinuidades que ocorriam na prática naquele período.

Cada vez mais, os jornais descreviam detalhadamente os páreos das regatas, relevando as distâncias mais precisas, as rinhas entre os barcos durante a regata e os obstáculos encontrados pelos remadores. Por exemplo, a respeito da segunda competição organizada pela FPR, o jornal *Correio Paulistano* (n. 24723, 1936, p. 10) divulga:

no sexto pareo, houve um abalroamento entre os barcos do Tietê e do Esperia. A outra guarnição esperiota, aproveitando-se da parada dos dois adversários, venceu folgadoamente, com 50 metros de luz. Ambas as guarnições do abalroamento culpam-se mutuamente, cabendo á directoria da Federação resolver.

O jornal *Correio de São Paulo* também discorre sobre essa competição da FPR em Piracicaba; é interessante notar como o jornal conta sobre o deslocamento dos clubes filiados até Piracicaba. A vontade por parte dos clubes de levar torcida se traduz na dimensão que as competições de remo seguiam:

Os remadores paulistanos, acompanhados de grande comitiva, partirão de São Paulo, em trem especial, no domingo, 18, pela manhã, regressando á Capital na noite do mesmo dia. A Chegada a Piracicaba dar-se-á ás 10,30 horas, devendo o importante certame nautico ter inicio ás 14,30 horas. [...] estão empenhados seriamente na organização de importante caravana que leve á bella Piracicaba algumas centenas de afficionados do esporte do remo. (*Correio de São Paulo*, n. 1320, 1936, p. 5)

De fato, houve uma iniciativa por parte do clube Tietê de organizar um transporte que levasse não só os associados interessados, mas também qualquer indivíduo que gostaria de assistir à competição (*Correio de São Paulo*, n. 1329, 1936). Ao observar a Figura 27, é possível afirmar o grande interesse por parte da população tanto paulista quanto interiorana em presenciar a regata organizada pela FPR. Em consonância, no dia seguinte à competição, o jornal *Correio de São Paulo* (n. 1331, 1936, p. 5) escreveu: “desta capital, cerca de 300 pessoas seguiram, em trem especial, para a ‘Noiva da Colina’, compreendendo apenas ‘torcedores’ e esportistas dos dois clubes paulistanos filiados á Federação do Remo: Esperia e Tietê-São Paulo”.

Figura 27 – A frente do barracão do Club Regatas Piracicaba, 1936



Fonte: Correio de São Paulo (n. 1331, 1936).

A competição terminou como um sucesso por parte da imprensa, com vitória do clube Espéria, segunda colocação do clube Tietê e, por último, o clube piracicabano. Este participou de apenas três dos oito páreos realizados, vencendo dois deles: duas provas a *yole franches* a oito remos e uma a *yole franches* a quatro remos. A competição contou com premiação em medalha ao primeiro e segundo colocados.

Figura 28 – Remadores do Piracicaba, 1936



Fonte: Correio de São Paulo (n. 1326, 1936).

A Figura 28 contém um grupo de remadores do CRP, com os uniformes do clube, e foi divulgada no jornal *Correio de São Paulo* (n. 1326, 1936) em outra reportagem, que se referia à competição realizada em outubro de 1936 em Piracicaba. Mais uma vez, é interessante observar as vestimentas dos remadores, bem como os aparatos técnicos enfatizados pela fotografia. Nessa mesma reportagem, também foram exaltados o Rio Piracicaba e a natureza exuberante ali presente.

Era de interesse da FPR a organização de competições de remo em rios localizados em cidades do interior de São Paulo, incluindo Piracicaba, como visto anteriormente, e Campinas. O jornal *Correio de São Paulo* (n. 1258, 1936, p. 5) anunciou em suas páginas, em julho de 1936, a seguinte matéria: “pessoa bem informada nos garantiu ser objectivo da Federação Paulista de Remo a realização de regatas em Campinas e Piracicaba, onde os possantes gremios Carioba e Piracicabano darão todo o apoio e maior realce às disputas”. Sendo assim, mesmo o CCRN não estando filiado à FPR, ao receber competições organizadas por esta, também recebia influências de como o remo era organizado institucionalmente.

Ademais, as federações esportivas, conforme foram desenhando os destinos das práticas, passaram a receber auxílios financeiros³⁴ do governo. Em 1936, o *Correio*

³⁴ Embora o incentivo financeiro ajudasse as federações esportivas a organizarem melhores competições e adquirirem novos materiais, esse incentivo ainda era voltado para os princípios do amadorismo. Em reportagem do ano de 1937, *O Jornal* publicou acerca do projeto de lei do vereador Achilles Block, que estava em andamento na câmara, em que a Federação Paulista de Remo receberia, anualmente, o valor de 10 mil réis,

Paulistano (n. 24676, 1936, p. 7) publicou uma matéria intitulada “Recebido sympathicamente o projecto de assistencia aos esportes”, em que o jornal apresentou um projeto de lei do vereador paulistano Achilles Bloch de incentivo aos clubes esportivos. Na matéria, ainda, o jornal publica as cartas de agradecimento das federações e associações ao vereador: “Prof. Achilles Block – Capital - Federação Paulista de Remo felicita calorosamente nobre representante povo paulistano magnifico projecto bem revela mentalidade progressista vossencia – Durval Guerra, secretário”.

Portanto, é possível inferir que a nova federação de remo do estado de São Paulo foi responsável por consolidar ainda mais o remo como uma prática que caminhava para uma modalidade esportiva. Ainda que o remo no final da década de 1930 não se constituísse como um esporte, considerando o conjunto de elementos enunciados por Guttmann (2004), ele ganhava mais características nessa direção, quando comparado com o início do século XX, como uma maior burocratização e regulamentação, maior quantificação dos resultados e maior especialização dos remadores, baseando-se, principalmente, nos tipos de embarcações.

além de auxílios extras para competições interestaduais e internacionais. Contudo, ao final da reportagem, o periódico pontuou que: “no caso de qualquer uma das entidades auxiliadas passar a praticar o sport profissional perderá as vantagens da presente lei” (O Jornal, n. 5473, 1936, p. 8).

3 AS COMPETIÇÕES ESPORTIVAS NA NATUREZA: O CCRN E O CRP

Diversos encontros festivos e competitivos entre o CCRN e o CRP ocorreram no recorte temporal desta pesquisa, encontros esses que se deram ora nos limites do clube campineiro, ora nas bordas do clube piracicabano. A distância entre o Arraial de Sousas e Piracicaba tem por volta de 80 quilômetros; eles são, portanto, dois clubes com dada proximidade, a qual permitiu que numerosos páreos de remo, natação e atletismo tomassem lugar em suas respectivas dependências no início do século XX.

Evidentemente, seria necessário algum meio de transporte que levasse os indivíduos de uma cidade a outra para participarem das competições esportivas. Em 1907, mesmo ano da criação do CRP, uma nova linha férrea da Companhia Paulista, que ligava Campinas e Piracicaba, foi construída (JP, n. 2124, 1907). Essa nova linha provavelmente foi muito utilizada para levar os praticantes e os espectadores às competições entre os clubes, visto que dispor de um trem que conectasse Campinas e Piracicaba facilitou a organização dos encontros esportivos.

Em 1924, *A Gazeta* (n. 5500, 1924, p. 4) publica manchete na coluna “Nautica” intitulada “Clube Campineiro de Regatas e Natação x Clube de Regatas Piracicaba”. O evento foi caracterizado pelo jornal como uma festividade náutica e atlética, ocorrida em Campinas, que dispôs de páreos divididos entre o remo, a natação e o atletismo.

Das 10 provas que ocorreram, disputadas entre campineiros e piracicabanos, estes conseguiram “vencer nove provas, obtendo os campineiros apenas um primeiro lugar e dois segundos”. Esse resultado possivelmente se deu em função de o CCRN ter, em 1924, apenas 6 anos de existência, enquanto o clube piracicabano tinha 17 desde sua criação. Ou seja, os remadores, nadadores e corredores do clube piracicabano estavam há mais tempo participando de competições, internas ou externas; assim, estavam mais treinados na competição em questão.

A embarcação utilizada nos páreos de remo foi a canoa a dois remadores. Pensando em nossas análises acerca dos tipos de embarcações, inferimos que a decisão de as provas terem sido realizadas em canoas a dois remadores pode ter sido influenciada pelo fato de ser uma embarcação que os dois clubes tinham em comum, já que não era possível transportar os barcos de um clube para o outro.

Em 1928, o clube campineiro organizou um festival em sua sede, no Arraial de Sousas, que contou com a presença de alguns clubes do estado de São Paulo, dentre eles, o piracicabano (*A Gazeta*, n. 6611, 1928). O evento não contou com provas de remo, mas teve

em sua programação: corrida de 5000 metros, provas de natação e salto de trampolim, partidas de bola ao cesto³⁵ e um concurso de fantasia no baile ao ar livre.

As provas de natação e de salto de trampolim foram realizadas exclusivamente entre o CRP e o CCRN, não tendo participação de nenhum outro clube:

O Clube de Regatas de Piracicaba, trará também uma forte turma de nadadores, que se empenharão com os nossos, em provas de 1.500 metros para “qualquer classe”, 100 metros, braçada classica, 50 metros para infantis, revezamento sueco 4 x 100 e um concurso de salto em salto de trampolim de diversas alturas (*A Gazeta*, n. 6611, 1928, p. 7, grifo nosso).

Percebemos, na passagem, que a revista utiliza a expressão “qualquer classe” para caracterizar quem poderia competir na prova de 1500 metros. Isso mostra que a natação tinha categorias criadas para diferenciar os tipos de provas. E isso especificava e especializava os nadadores para a prova que competiam, ou seja, aproximando-os do esporte moderno.

Esse afunilamento não acontecia somente com a natação. Em reportagem do *Jornal de Piracicaba*, do ano de 1929, foram divulgados os itens deliberados de uma reunião da diretoria do clube. Um dos itens da reunião determinava que o clube iria:

Organizar o quadro esportivo do clube, constando no mínimo de: 3 arremessadores de Dardo; 3 arremessadores de Disco; 3 arremessadores de Peso; 3 arremessadores de Martello; 5 corredores de 100 metros; 3 corredores de 110 metros sobre barreiras; 3 corredores de 1500, 3000 e 5000; 3 saltadores de altura; 3 saltadores de extensão; 3 saltadores com vara; 3 nadadores de 100 metros; 3 nadadores de 500 metros; 3 nadadores para o nado classico; 3 elementos para as provas infantis 50 metros; 5 remadores para yole a 4; 6 remadores para yole a 2; 3 remadores para canoé; 5 remadores para canoa a 4; 6 remadores para canoa a 2; 20 jogadores para os quadros de bola ao cesto (JP, n. 10.055, 1929).

Dessa forma, o clube piracicabano categorizava as práticas oferecidas em seu espaço e, conseqüentemente, o que cada indivíduo praticava. Dentro de cada prática havia a divisão entre as categorias, o que provavelmente levou a uma especialização das funções. Ou seja, podemos supor que o indivíduo que remava um *yole* a quatro remos, naquele contexto, não remava e treinava tanto nas canoas.

Em 1935, outro encontro entre os clubes campineiro e piracicabano foi registrado pelo jornal *Correio Paulistano*. A competição, intitulada “Relojoaria Gatti”, ocorreu em Piracicaba para comemorar o 28º aniversário do CRP (*Correio Paulistano*, n. 24409, 1935). Uma análise significativa se faz a partir do título da competição, que recebe o nome de uma loja de relógios da cidade sede do confronto. Notamos uma ideia de patrocínio no esporte, uma forma

³⁵ Como era chamado o basquetebol.

de alavancar uma empresa financeira e popularmente. Vigarello (2008) escreve a respeito da massificação do esporte e de sua associação as propagandas. O autor exemplifica a utilização de propagandas por meio do esporte a partir do caso de um jornal francês que utilizou da lógica do patrocínio para criar uma prova de ciclismo a fim de aumentar seu número de leitores:

Foi o que Le Petit Journal compreendeu ao realizar Paris-Rouen a partir de 1869. Foi o que Henri Desgrange compreendeu melhor que qualquer outro ao realizar a Volta da França de 1903. O projeto é claro: o diretor de L'Auto, antigo funcionário de cartório e recordista da Corrida Contra o Relógio, propõe uma competição “grandiosa”, simplesmente para aumentar as vendas do diário e derrotar o concorrente, Le Vélo. A dureza e a extensão (2.460km) dessa primeira corrida por etapas são feitas para tocar a imaginação. A tentativa é bem-sucedida: a prova seduz um público, a tiragem do diário triplica em poucos dias (de 20.000 para mais de 60.000 exemplares), enquanto Le Vélo perde seus leitores. Sucesso amplificado, ainda, pelo jogo publicitário: a difusão maior reforça o valor de mercado dos anúncios do jornal (Vigarello, 2008, p. 456).

As ponderações e observações elaboradas por Vigarello (2008) contribuem com nossa discussão acerca da competição em comemoração do aniversário do clube piracicabano, momento em que se observa um enorme interesse no evento tanto por parte da imprensa quanto dos piracicabanos. O jornal escreve: “os dois velhos rivaes há annos que não se defrontavam em provas de remo, o que muito veio augmentar o interesse pelo certame, cuja phase inicial se revestiu de grande brilhantismo, correspondendo assim as expectativas” (Correio Paulistano, n. 24409, 1935, p. 13). Além disso, o confronto contou com uma premiação em troféu, entregue ao clube campineiro, por ter vencido a maioria das provas, e se prolongou em um baile festivo entre os competidores e associados.

O mais interessante nessa reportagem é o detalhamento descritivo dos páreos de remo. Para narrar o páreo de 600 metros em *yole* de 4 remos, “rio acima”, o jornal escreve: “precisamente, ás 16.30 horas, foi dada a sahida, conseguindo os piracicabanos pequena vantagem nos primeiros 50 mts. Dahi em diante, os campineiros impuzeram a sua melhor classe, vencendo o pareo por consideravel differença” (Correio Paulistano, n. 24409, 1935, p. 13). Segundo Vigarello (2008, p. 455), a narração da imprensa que não só relata, mas também comenta sobre os acontecimentos esportivos, é uma das características da espetacularização esportiva do início do século XX, que, em certos momentos, constrói “um cenário dramático”.

Podemos constatar essa asserção quando a imprensa narra a prova principal entre os dois clubes, uma regata de 1000 metros. O pequeno extrato, rico em detalhes, demonstra esse cenário dramático e quase literário:

As torcidas mantinham-se em silencio, aguardando o tiro de partida. Dado este, os campineiros rompem na frente e, remando vigorosamente conservam-se em apreciavel dianteira até os primeiros 200 metros. Nessa altura, os locaes aproveitando bem uma curva que lhes era favoravel, logram emparelhar-se com os visitantes, que, não obstante, recuperam gradativamente a vantagem inicial, vencendo o pareo com sobras, debaixo de calorosos applausos da numerosa assistencia (Correio Paulistano, n. 24409, 1935, p. 13).

Além do tom literário da reportagem, é interessante notar o detalhamento de informações relacionadas às provas, principalmente das distâncias totais e parciais: qual era o parâmetro utilizado para marcar 50 ou 200 metros? Será que havia marcas na margem do rio ou essas distâncias eram supostas pelo jornalista? Além disso, esse detalhamento mostra que a precisão das distâncias, das regras e da hora de iniciar a largada estavam mais consolidadas, em comparação com os primeiros relatos jornalísticos dos campeonatos organizados por ambos os clubes.

Como afirmado anteriormente, não era somente pelo remo que os dois clubes tinham encontros competitivos: também eram organizadas competições de natação e atletismo entre eles. No ano de 1930, o clube de regatas campineiro organizou em sua sede, no Arraial de Sousas, uma competição de natação. A competição consistiu em uma prova de 1500 metros e o CCRN abriu um período de inscrições que despertou “grande interesse em todo o Estado” (JP, n. 10.202, 1930, p. 3).

O CRP inscreveu alguns de seus nadadores e, ao longo das semanas, até a data da competição realizou, com eles, alguns treinamentos. O *Jornal de Piracicaba* escreveu, em reportagem referente aos treinamentos para a competição:

Realizando-se hoje, às 16h horas, mais um *treino obrigatorio* para todos os nadadores que vão concorrer á prova nautica de 1.500 metros, a effectuar-se no dia 23 do corrente, em Campinas, o director esportivo deste clube solicita o pontual comparecimento, na sede social, dos seguintes nadadores: [...]. Os que faltarem nesse ensaio, sem motivo justificado, ficarão *seujeitos á pena de suspensão*. (JP, n. 10.214, 1930, p. 3, grifo nosso)

Em destaque no excerto retirado do jornal, é possível observar que, naquele período, o treinamento já se tornava um assunto de suma importância e fazia a diferença na preparação pré-competitiva, por ser obrigatório e gerar punições às ausências não justificadas.

Além disso, nessa competição aquática ocorreu a entrega de premiações aos vencedores: “Haverá uma artística taça, denominada ‘Gessy’, para ser disputada, e a posse definitiva da mesma se dará quando um clube vencer a prova 3 annos consecutivos, ou quatro alternados, e também lindas medalhas de prata incrustas a ouro, com orla simples e de

bronze” (JP, n. 10.223, 1930, p. 3). Ao que parece, ao analisarmos o excerto, vencer apenas uma vez a competição não era o suficiente para determinado clube ganhar a taça³⁶. O campeonato, portanto, tinha um caráter mais duradouro, com mais do que uma edição.

Outro encontro entre os clubes campineiro e piracicabano se deu por meio dos reides fluviais. Os reides eram viagens que os remadores faziam de uma cidade para outra por meio dos rios, em suas embarcações. Em 1929, um reide fluvial de Campinas rumo à Piracicaba ocorreu e foi noticiada pelo JP (n. 10.134). De acordo com o jornal, os remadores campineiros partiram no dia 11 de outubro em direção à Piracicaba pelo rio Atibaia, um dos rios formadores do rio Piracicaba. Dois dias depois que saíram, no dia 13, Ney Rodrigues, Renato Prado e Mario Leonardi, remadores do reide, enfrentaram alguns problemas na viagem e tiveram que a interromper, parando em José Paulino para realizar consertos no barco.

A viagem à Piracicaba se iniciou novamente no dia 31 de outubro, e os participantes chegaram ao destino no dia 1 de novembro. A reportagem termina da seguinte maneira: “Apesar das dificuldades, que souberam vencer com animo de esportistas valorosos, os distintos moços se mostraram satisfeitos com a viagem que realizaram, como portadores das saudações dos esportistas campineiros aos seus colegas piracicabanos” (JP, n. 10.134, 1929).

Bem, uma viagem de barco que, sem interrupções, duraria cinco dias, mas que pode apresentar imprevistos em seu trajeto, com certeza, demonstra um atributo aventureiro e corajoso dos indivíduos que a realizam. Um reide fluvial poderia ser traduzido, portanto, como um desafio do corpo em meio à natureza. Uma rota pelo desconhecido, que provoca contentamento e alegria por meio do encontro com os elementos da natureza.

Como analisou Soares (2022a, p. 15), “às margens dos rios e em suas águas, em lagos e no mar, em montanhas e campos constata-se uma miríade de práticas de divertimento em que se mobilizam diferentes ações corporais carregadas de emoções”. Esse era o caso dos reides aqui evocados, que atestavam um encontro, mas também um confronto com a natureza quase indomável do rio, com os desafios e mesmo barreiras encontradas. Efetivamente, e ainda conforme a autora, parece que “era da força das águas, do aconchego das margens, da sombra das árvores que muitas dessas práticas de divertimento se nutriam no confronto e no encontro com elementos da natureza, por vezes, ameaçadora” (Soares, 2022a, p. 15). Para

³⁶ Pensando neste tema, é importante destacar que medalhas e troféus fazem parte da cultura material, ou seja, assim como jornais e revistas registram a memória, tornando-se uma possibilidade de fonte para o historiador (Bloch, 2001). Por não termos acesso às medalhas e troféus sobre os quais os trechos dos jornais escrevem ao relatar as competições de remo no início do século XX, não podemos inseri-las nas discussões acerca do tema. Porém, não podemos deixar de reparar em fragmentos curiosos que aparecem nas fontes, como nos registros de que as medalhas que os vencedores recebiam eram de prata e não de ouro, e as dos segundos colocados eram de bronze, e não de prata. Para mais discussões sobre o tema, ver Macedo, Dickel e Goellner (2016).

além dessa relação mais íntima com a natureza e de certo domínio que expressava uma verdadeira educação pela natureza, o encontro entre os remadores de Campinas e Piracicaba causado por esse reide fluvial gerava um confronto proveitoso aos clubes, dessa vez, não físico a partir da competição, mas por meio de trocas de ideias e informações sobre o que cada clube executava no que se refere ao treinamento, às regras utilizadas, às vestimentas e a todo um universo de aspectos que envolvia o remo.

O CCRN realizou outros reides fluviais nacionais com percursos ainda maiores, como em 1937 para Porto Tibiriçá, no Mato Grosso. E, em 1949, o clube realizou um reide internacional, com destino a Posadas, na Argentina, o qual teve duração de 40 dias (Bragas, 2018).

O clube piracicabano também efetivou reides durante seu período de vida. Um dos principais foi a Grande Travessia Piracicaba-São Paulo a remo, que teve duração de 14 dias, no ano de 1937 (Netto, 2016). A jornada

ia do amanhecer ao entardecer. O pouso, de algumas horas, era em cidades à beira ou próximas do rio. Embarcaram numa iole a quatro remos, com o nome significativo de “Piracicaba”. Retornaram consagrados pela imprensa nacional, sendo recebidos com festas por seus conterrâneos (Netto, 2016, p. 62).

Pode-se concluir, dessa maneira, que os dois clubes, objeto de estudo desta pesquisa, tiveram, ao longo dos anos delimitados, variados e singulares encontros entre si, encontros estes fundamentais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desta dissertação, que investigou quais foram as contribuições do Clube Campineiro de Regatas e Natação e do Clube de Regatas Piracicaba para a esportivização do remo, foi possível analisar como, em um período de aproximadamente 30 anos, a prática do remo aproximou-se, gradativamente, das características do esporte moderno, conforme a conceitualização elaborada por Guttmann (2004). Nos primeiros anos de nosso recorte temporal, observamos que os clubes campineiro e piracicabano introduziram a prática do remo em suas respectivas cidades de uma maneira diferente das transmissões atuais de competição. Como visto ao longo desta dissertação, o remo, naquele período, não tinha delimitações espaciais exatas do lugar de início e finalização das provas, muito menos a distância precisa que os remadores percorriam.

Não se tinha todas as regras que temos hoje bem definidas, escritas em um regulamento, e de conhecimento mundial. Cada clube, portanto, decidia suas próprias regras, alteradas de tempos em tempos — às vezes, de competição para competição. Com o passar dos anos, os clubes aqui estudados começaram a regulamentar de maneira mais precisa o remo, com base em trocas entre si e competições organizadas pelas federações existentes.

Além de regulamentos mais precisos e bem estabelecidos, outros aspectos referentes ao remo também se transformaram ao longo de nosso recorte temporal como, entre outros aspectos, a especialização: a partir das fontes constituídas, foi possível perceber uma especialização das funções dos remadores referente à qual embarcação cada indivíduo era mais treinado para competir. Se, no começo de nosso recorte temporal, os remadores dos clubes aqui estudados participavam de diferentes provas em distintas embarcações, na década de 1930, eles treinavam para uma ou duas provas, obtendo maior *performance* na embarcação treinada.

A quantificação dos resultados também ficou mais específica, comparando o ano de 1907 ao de 1936. Ao olharmos para as fontes, foi possível perceber que tanto o clube campineiro quanto o piracicabano se preocuparam progressivamente em marcar de modo mais preciso o tempo de prova e as colocações dos remadores nas regatas, o que indica que as marcações espaciais do rio também ficaram cada vez mais precisas.

Com base nessas considerações, é possível inferir que o CCRN e o CRP foram responsáveis, com outros clubes de regatas, pela esportivização do remo no estado de São Paulo. E mais, ambos os clubes foram modelos de interiorização do esporte náutico no

interior de São Paulo, por promoverem e contribuírem com diversas competições de remo em um período em que esta prática estava em constante crescimento no país e era muito ovacionada pela população, o que se evidenciava pelo entusiasmo mostrado nas fontes.

O remo, assim como outras práticas, confronta e desafia o corpo com os elementos da natureza, tornando-a, assim, um tema que pertence e se faz de grande importância a este estudo. O contato com as águas, o frescor dos ventos, a sombra das árvores, o calor do sol, a proximidade com a fauna e a flora locais eram prazeres intrínsecos à prática do remo em meio à natureza. Seria possível inferir, então, que “alegria, prazer e encantamento se esgueiram no ato de organizar, praticar e assistir espetáculos em que o corpo e seus gestos ocupam a cena central fora do mundo da dança, do teatro, do circo, como foi bem o caso [...] do Esporte na passagem para o século XIX, no Ocidente” (Soares, 2022a, p. 16-17).

Conclui-se, a partir das discussões realizadas nesta dissertação, que o clube campineiro e o piracicabano, ao introduzirem em suas cidades práticas em meio à natureza, foram responsáveis por educarem e sensibilizarem os indivíduos ali presentes, não apenas os indivíduos que remavam, mas também a população local que fruía alegria pelo alvoroço causado em um dia em que havia competição de remo. Isso porque uma história do esporte é sempre constituída e também constitui

histórias de técnicas corporais bem específicas, requeridas para cada jogo ou gesto; da produção de novos espaços físicos com inéditas arquiteturas; da confecção de aparelhos e dos componentes para sua fabricação e uso; de vestimentas e de calçados. Essas histórias miúdas e multifacetadas, por sua vez, atestam trocas econômicas e movimentam um comércio local, regional e nacional. O aparato arquitetônico, técnico, tecnológico e também simbólico, concernente ao esporte moderno, por sua vez, volta a incidir nas técnicas do corpo, em suas ações mais singelas e mais vigorosas, no íntimo e individual, no público e no coletivo (Soares, 2022a. 28).

Efetivamente, o espetáculo propiciado pelo esporte moderno que toca não só o público e o coletivo, mas também o íntimo e o individual se fez presente nos clubes aqui analisados. Assistir às competições se tornou parte da vida esportiva causada pelo ambiente clubístico formado em Campinas e Piracicaba. Embora, de maneiras diferentes nas cidades — pela localização dos clubes, em Campinas mais afastado do centro urbano, em Piracicaba mais próximo deste —, o ato de ir ao encontro da natureza causou contentamento, divertimento, prazer e alegria aos habitantes das cidades naquele recorte de tempo e de lugar.

FONTES

Jornais

A GAZETA. São Paulo: [s. n.], n. 5500, 8 maio 1924.

A GAZETA. São Paulo: [s. n.], n. 5808, 18 jun. 1925.

A GAZETA. São Paulo: [s. n.], n. 5818, 1 jul. 1925.

A GAZETA. São Paulo: [s. n.], n. 6399, 2 jun. 1927.

A GAZETA. São Paulo: [s. n.], n. 6611, 11 fev. 1928.

CORREIO DE SÃO PAULO. São Paulo: [s. n.], n. 1258, 22 jul. 1936.

CORREIO DE SÃO PAULO. São Paulo: [s. n.], n. 1320, 6 out. 1936.

CORREIO DE SÃO PAULO. São Paulo: [s. n.], n. 1326, 13 out. 1936.

CORREIO DE SÃO PAULO. São Paulo: [s. n.], n. 1329, 16 out. 1936.

CORREIO DE SÃO PAULO. São Paulo: [s. n.], n. 1331, 19 out. 1936.

CORREIO PAULISTANO. São Paulo: [s. n.], n. 24409, 17 out. 1935.

CORREIO PAULISTANO. São Paulo: [s. n.], n. 24524, 1 mar. 1936.

CORREIO PAULISTANO. São Paulo: [s. n.], n. 24546, 28 mar. 1936.

CORREIO PAULISTANO. São Paulo: [s. n.], n. 24553, 2 abr. 1936.

CORREIO PAULISTANO. São Paulo: [s. n.], n. 24559, 10 abr. 1936.

CORREIO PAULISTANO. São Paulo: [s. n.], n. 24643, 18 jul. 1936.

CORREIO PAULISTANO. São Paulo: [s. n.], n. 24645, 21 jul. 1936.

CORREIO PAULISTANO. São Paulo: [s. n.], n. 24676, 26 ago. 1936.

CORREIO PAULISTANO. São Paulo: [s. n.], n. 24723, 20 out. 1936.

DIÁRIO DO POVO. São Paulo: [s. n.], 18 maio 1968.

DIÁRIO DE SANTOS. Santos: [s. n.], n. 229, 18 jul. 1931.

JORNAL DE PIRACICABA. Piracicaba: [s. n.], n. 1, 8 ago. 1900.

JORNAL DE PIRACICABA. Piracicaba: [s. n.], n. 2099, 15 set. 1907.

JORNAL DE PIRACICABA. Piracicaba: [s. n.], n. 2117, 9 out. 1907.

JORNAL DE PIRACICABA. Piracicaba: [s. n.], n. 2124, 17 out. 1907.

JORNAL DE PIRACICABA. Piracicaba: [s. n.], n. 2178, 20 dez. 1907.

JORNAL DE PIRACICABA. Piracicaba: [s. n.], n. 2265, 15 mar. 1908.

JORNAL DE PIRACICABA. Piracicaba: [s. n.], n. 2266, 17 mar. 1908.

JORNAL DE PIRACICABA. Piracicaba: [s. n.], n. 2269, 20 mar. 1908.

JORNAL DE PIRACICABA. Piracicaba: [s. n.], n. 2277, 31 mar. 1908.

JORNAL DE PIRACICABA. Piracicaba: [s. n.], n. 2615, 20 maio 1909.

JORNAL DE PIRACICABA. Piracicaba: [s. n.], n. 10.038, 11 jul. 1929.

JORNAL DE PIRACICABA. Piracicaba: [s. n.], n. 10.055, 1 ago. 1929.

JORNAL DE PIRACICABA. Piracicaba: [s. n.], n. 10.134, 5 nov. 1929.

JORNAL DE PIRACICABA. Piracicaba: [s. n.], n. 10.202, 26 jan. 1930.

JORNAL DE PIRACICABA. Piracicaba: [s. n.], n. 10.214, 9 fev. 1930.

JORNAL DE PIRACICABA. Piracicaba: [s. n.], n. 10.223, 22 fev. 1930.

JORNAL DE PIRACICABA. Piracicaba: [s. n.], n. 10.281, 3 maio 1930.

JORNAL DE PIRACICABA. Piracicaba: [s. n.], n. 10.367, 20 ago. 1930.

O COMBATE: Independência, Verdade e Justiça. São Paulo: [s. n.], n. 2405, 13 jun. 1923.

O JORNAL. São Paulo: [s. n.], n. 5099, 2 fev. 1936.

O JORNAL. São Paulo: [s. n.], n. 5161, 16 abr. 1936.

O JORNAL. São Paulo: [s. n.], n. 5182, 10 maio 1936.

O JORNAL. São Paulo: [s. n.], n. 5473, 18 abr. 1937.

Revistas

A ONDA. Campinas: [s. n.], n. 3, 5 jun. 1921.

A ONDA. Campinas: [s. n.], n. 4, 26 jun. 1921.

A ONDA. Campinas: [s. n.], n. 5, 10 jul. 1921.

A ONDA. Campinas: [s. n.], n. 17, 15 jan. 1922.

A ONDA. Campinas: [s. n.], n. 20, 26 fev. 1922.

A ONDA. Campinas: [s. n.], n. 70, 29 jul. 1924.

REVISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA. São Paulo: [s. n.], n. 3, 1934.

Arquivos Consultados

Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (BN), Hemeroteca Digital

Biblioteca Pública Municipal “Ricardo Ferraz de Arruda Pinto”, Piracicaba

Centro de Memória da Unicamp, Campinas

Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba, Piracicaba

REFERÊNCIAS

- ALVES, Alexandre. A imprensa na cidade de Santos: 1849-1930. **Projeto História**: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, São Paulo, v. 35, p. 39-62, 2007.
- AMATEUR. *In*: OXFORD ENGLISH DICTIONARY. Oxford: Oxford University Press, 2023. Disponível em: <https://www.oed.com/search/dictionary/?scope=Entries&q=amateur>. Acesso em: 21 maio 2024.
- AMATEURISM. *In*: OXFORD ENGLISH DICTIONARY. Oxford: Oxford University Press, 2023. Disponível em: <https://www.oed.com/search/dictionary/?scope=Entries&q=amateurism>. Acesso em: 21 maio 2024.
- ANTES – Histórias da pré-história. Brasília, DF; Rio de Janeiro; São Paulo: Centro Cultural Banco do Brasil, 2005.
- ARMAS, Eduardo Dutra de *et al.* Diagnóstico espaço-temporal da ocorrência de herbicidas nas águas superficiais e sedimentos do Rio Corumbataí e principais afluentes. **Química Nova**, São Paulo, v. 30, p. 1119-1127, 2007.
- BALSALOBRE, Sabrina Rodrigues Garcia. **Língua e sociedade nas páginas da imprensa negra paulista**: um olhar sobre as formas de tratamento. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. *E-book*.
- BAZILLE, Jean Frédéric. **Summer Scene (Bathers)**. Harvard: Harvard Art Museums collections online, [20--]. 1 pintura. Disponível em: <https://hvard.art/o/230640>. Acesso em: 23 dez. 2023.
- BLOCH, Marc Leopold Benjamin. **Apologia da história, ou, o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BRAGAS, Carlos Alberto. **Regatas 100 Anos**. Campinas: D7 Editora, 2018.
- BRASIL, Bruno. **O Jornal**. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 2015.
- BRAUDEL, Fernand. **Écrits sur l'histoire**. Paris: Flammarion, 1969.
- BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco zero, 1983.
- BURKE, Peter. **Testemunha ocular**: o uso de imagens como evidência histórica. São Paulo: Editora UNESP, 2017.
- CABRAL, Daniele. **Correio de São Paulo**: diário noticioso e informativo. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 2014.
- CACHIONI, Marcelo. O Parque do Mirante. *In*: IPPLAP (org.). **Piracicaba, o rio e a cidade**: ações de reaproximação. Piracicaba: IPPLAP, 2011. p. 47-68.
- CACHIONI, Marcelo; CAMARGO, Fernando Monteiro de. Patrimônio imaterial e paisagem cultural na Festa do Divino Espírito Santo de Piracicaba. *In*: MIGLIORINI, Jeanine Mafra (org.). **Arquitetura e urbanismo**: compromisso histórico com a multidisciplinariedade. 1. ed. Ponta Grossa: Atena, 2020. v. 1. p. 142-153.
- CACHIONE, Marcelo; GRIGOLETO, Maira Cristina.; SCARIATO, Juliana Binotti Pereira. A apropriação territorial no Sítio Histórico Urbano (SHU) “Rua do porto” em Piracicaba - SP.

In: PURIFICAÇÃO, Marcelo Máximo; VITORINO, César Costa; RODRIGUES, Emer Merari. (org.). **Investigação Científica nas Ciências Humanas 4**. 4. ed. Belo Horizonte: Atena, 2020. v. 4. p. 144-156.

CARATTI, Jônatas Marques. **Dentro e fora dos ringues**: o processo de constituição do boxe moderno e sua difusão e recepção na América Latina (Séculos XVIII–XX). 2017. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Estudos avançados**, São Paulo, v. 5, n. 11, p. 173-191, 1991.

COELHO, Rodrigo Pereyra de Sousa. A formação de um território desigual: uma breve história de Campinas (1774-1930). **Universitas**, Mogi Mirim, ano 7, n. 13, p. 63-78, 2014.

CORBIN, Alain. **L’homme dans le paysage**. Paris: Textuel, 2001.

CORRÊA, Livia Cristina. Campinas n’A Onda: um estudo da representação da cidade em páginas de revista (1921-1924). In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 27., 2013, Natal. **Anais [...]**. Natal: Anpuh, 2013. p. 1-10.

CORRÊA, Livia Cristina. “Coisas da tela”: uma análise sobre a matéria cinematográfica na revista de variedades A Onda (Campinas, 1921-1924). In: ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA, 21., 2012, Campinas. **Anais [...]**. Campinas: Anpuh, 2012. p. 1-11.

COSENTINO, Umberto Silveira. **A Escola Naturalista de Pintura de Piracicaba**. Piracicaba: Ao Gato Preto; Piracicaba: Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba, 2021.

COSTA, R O. **“As Águas do Piracicaba”**: século XIX. Piracicaba: Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba, 2004.

CRUZ, H. F.; PEIXOTO, M. R. C. Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. **Projeto História**: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 253-270, dez. 2009.

DE MONTFORT, Carlin. Centreboards and Sails: The Rise of Open-Boat Racing in Sydney During the 1890s. **The International Journal of the History of Sport**, London, v. 30, n. 2, p. 145-161, 2013.

DIAS, Douglas da Cunha. **Quem te margeia conta de ti**: educação do corpo na Belém do Grão-Pará (de 1855 à década de 1920). 2014. 484 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014.

DIAS, Douglas da Cunha; SOARES, Carmen Lúcia. Entre velas, barcos e braçadas: Belém no reflexo das águas (do final do século XIX à década de 1920). **Projeto História**: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, São Paulo, v. 49, p. 165-196, 2014.

DOMINGUES, Viviane Pedroso. Especificando a validade do estudo sobre memorialistas através do uso da teoria da consciência histórica. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 26., 2011, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: Anpuh, 2011. p. 1-15.

DUTRA, Joaquim Miguel. **Club de Regatas de Piracicaba, 1924**. 1 pintura. São Paulo: Itaú Cultural, 2024a. Disponível em:

<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra20106/club-de-regatas-de-piracicaba>. Acesso em: 21 maio 2024.

DUTRA, Joaquim Miguel. **Lavadeiras do Rio Piracicaba, 1918**. 1 pintura. São Paulo: Itaú Cultural, 2024b. Disponível em: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra66352/lavadeiras-do-rio-piracicaba>. Acesso em: 21 maio 2024.

DUTRA, Joaquim Miguel. **Pescador no Rio Piracicaba, 1924**. 1 pintura. São Paulo: Itaú Cultural, 2024c. Disponível em: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra66356/pescador-no-rio-piracicaba>. Acesso em: 21 maio 2024.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**: uma história dos costumes. V. 1 – 2. Ed. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1992.

FENELON, Déa Ribeiro; CRUZ, Heloisa Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. **Muitas memórias, outras histórias**. São Paulo: Olho d'Água, 2004.

GIL DE ARRIBA, Carmen; LARRINAGA, Carlos. (2020). La cornisa cantábrica como región turística en las primeras décadas del siglo XX (1902-1931), **Investigaciones de Historia Económica**, Salamanca, v. 17, n. 1, p. 26-36, 2020.

GORI, Gigliola. Sporting Events Organized in Venice: Male Boating and the Amazing Case of Women's Rowing Contests. **The International Journal of the History of Sport**, London, v. 32, n. 4, p. 584-596, 2015.

GUERRINI, Leandro. **História de Piracicaba em Quadrinhos**: 1º Volume. Piracicaba: Equilíbrio: Instituto Histórico e Geográfico, 2009.

GUTTMANN, A. **From ritual to record**: the nature of modern sports. New York: Columbia University Press, 2004.

HADLER, Maria Sílvia Duarte. Sociabilidades e Sensibilidades Urbanas: um passeio pela cidade de Campinas nos anos 1920. In: PAULILO, André Luiz; HADLER, Maria Sílvia Duarte (org.). **Sociabilidades Urbanas**: História e Memória. Campinas: CMU Publicações, 2022. p. 141-178.

HOLT, Richard. **Sport and the British: a modern history**. Oxford University Press, 1990.

JAYO, M. Trajetórias e ideias de Cásper Líbero (monografia). **Revista PJ**: Br. Jornalismo brasileiro, São Paulo, n. 1, jan./jun. 2003. Disponível em: https://pjbr.eca.usp.br/arquivos/monografia1_i.htm. Acesso em: 21 maio 2024.

JORGE, Janes. **Tietê, o rio que a cidade perdeu**: São Paulo 1890-1940. São Paulo: Alameda, 2006.

JORGE, Thiago Perez. Comer, nadar, caminhar e brincar: o piquenique do Ginásio Santa Catarina (1906-1918). **DEMETRA**: Alimentação, Nutrição & Saúde, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, p. 297-319, 2016.

JORGE, Thiago Perez. Ecos de corpos: sobre práticas de diversão na ilha de Santa Catarina (1893-1918). 2017. 326 f. Tese (Doutorado em História) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.

JORGE, Thiago Perez; VAZ, Alexandre Fernandez. Vida na natureza para alunos do Ginásio Santa Catarina: o piquenique como cultura modernizadora em Florianópolis (1906-1918). **INTERthesis**: Revista Internacional Interdisciplinar, Florianópolis, v. 13, n. 1, p. 75-94, jan./abr. 2016.

KILPP, Cecília Elisa; MAZO, Janice Zarpellon; LYRA, Vanessa Bellani. Um olhar histórico sobre a emergência dos primeiros clubes esportivos na cidade de Teutônia no Rio Grande do Sul. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 13, n. 1, p. 1-16, 2010.

LAPA, José Roberto do Amaral. **A cidade**: os cantos e os antros. Campinas 1860-1900. São Paulo: Edusp, 2008.

LE GOFF, Jacques *et al.* **História e memória**. Campinas: Unicamp, 2003.

LENE, Hérica. **Jornais centenários do Brasil**. Covilhã: LabCom/UBI, 2020.

LEPOITTEVIN, Eugène. **Sea Bathing in Étretat**. [S. l.: s. n., 20--]. 1 pintura. Disponível em: <https://zone47.com/crotos/?q=22159721>. Acesso em: 23 dez. 2023.

LESSA, Priscila Requião. **A Paulicéia em duas rodas**: dos primeiros passeios de bicicleta à criação da corrida ciclística nove de julho (1895-1933). 2021. 165 f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2021.

LESSA, Priscila Requião; SOARES, Carmen Lúcia; MORAES E SILVA, Marcelo. Passeios de bicicleta, corridas esportivas: novos divertimentos na cidade de São Paulo (1896-1925). **Topoi**: Revista de História, Rio de Janeiro, v. 24, p. 311-344, 2023.

LICHT, Henrique. **O remo através dos tempos**. Porto Alegre: CORAG, 1986.

LUCA, Tania Regina de. A História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 111-154.

LUCENA, R. **O esporte na cidade**: aspectos de um esforço civilizador brasileiro. Campinas: Autores Associados/CBCE, 2001.

MACEDO, Christiane Garcia; DICKEL, Fúlvio; GOELLNER, Silvana Vilodre. A medalha olímpica de Dario Barbosa: uma história a partir do objeto. **Corpoconsciência**, Cuiabá, v. 20, n. 3, p. 29-38, 2016.

MARTINS, Ana Luiza. **Revistas em revista**: imprensa e práticas culturais em tempos de república (1890-1922). São Paulo: Edusp: FAPESP, 2008.

MATHEWS, Joseph J. The First Harvard-Oxford Boat Race. **New England Quarterly**, Boston, v. 33, n. 1, p. 74-82, 1960.

MAUAD, Ana Maria. Através da imagem: fotografia e história interfaces. **Tempo**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 73-98, 1996.

MAZO, Janice Zarpellon. **A emergência e a expansão do associativismo desportivo em Porto Alegre – Brasil (1867 - 1945)**: espaço de representação da identidade cultural teuto

brasileira. 2003. 396 f. Tese (Doutorado em Ciências do Desporto) – Universidade do Porto, Porto, 2004.

MAZO, Janice Zarpellon; FROSI, Tiago Oviedo. Em busca da identidade luso-brasileira no associativismo esportivo em Porto Alegre no princípio do século XX. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 30, n. 2, p. 57-72, 2009.

MEDEIROS, Daniele Cristina Carqueijeiro de. **Entre esportes, divertimentos e competições**: a cultura física nos rios Tietê e Pinheiros (São Paulo, 1899-1949). 2021. 264 f. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2021.

MEDEIROS, Daniele Cristina Carqueijeiro de. O processo de esportivização do remo na cidade de São Paulo (1899-1949). **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Brasília, DF, v. 44, p. 1-8, 2022.

MEDEIROS, Daniele Cristina Carqueijeiro de; QUITZAU, Evelise Amgarten; MORAES E SILVA, Marcelo. A travessia de São Paulo a nado (1924-1944) e o processo de esportivização aquática paulistana. **História: Questões e Debates**, Curitiba, v. 68, p. 77-95, 2020.

MELO, Victor Andrade. Antes do club: as primeiras experiências esportivas na capital do Império (1825-1851). **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, São Paulo, v. 49, p. 197-236, 2014.

MELO, Victor Andrade. As camadas populares e o remo no Rio de Janeiro da transição dos séculos XIX/XX. **Movimento**, [S. l.], v. 6, n. 12, p. 63-72, 2000.

MELO, Victor Andrade. **Cidade Sportiva**: primórdios do esporte no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

MELO, Victor Andrade de. **Dicionário do esporte no Brasil**: do século XIX ao início do século XX. 1. ed. Campinas: Autores Associados, 2007. *E-book*.

MELO, Victor Andrade. **Dicionário do esporte no Brasil**: do século XIX ao início do século XX. Campinas: Autores Associados, 2018.

MELO, Victor Andrade; GOMES, Eduardo Souza. Os britânicos e os clubes de cricket na São Paulo do século XIX (anos 1870-1890). **Revista de História**, São Paulo, v. 178, p. 1-31, 2019.

MELO, Victor Andrade. O mar e o remo no Rio de Janeiro do século XIX. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 23, p. 41-72, 1999.

MONTENEGRO, Nara Romero; SOARES, Carmen Lúcia. Corridas de cavalos em Campinas: das ruas e dos quilombos ao hipódromo (1870-1898). **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 21, n. 2, p. 418-432, 2018.

MORAES, Cláudia Emília Aguiar. **A educação do corpo à beira-mar**: esporte e modernidade na Ilha de Santa Catarina (1857-1932). 2017. 278 f. Tese (Doutorado em Educação) – Centro de Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.

MORAES E SILVA, Marcelo. **Novos modos de olhar outras maneiras de se comportar: a emergência do dispositivo esportivo da cidade de Curitiba (1899-1918)**. 2011. 227 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011.

MORAES E SILVA, Marcelo; QUITZAU, Evelise Amgarten; SOARES, Carmen Lúcia. Práticas educativas e de divertimento junto à natureza: a cultura física em Curitiba (1886-1914). **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 44, p. 1-23, 2018.

MUSA, Catharina Ulian. **Em meio à natureza... nasce o Clube Campineiro de Regatas e Natação (1928-1935)**. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2021.

NASCIMENTO, Leone Severino; SILVA, Joanna Lessa Fontes. Das Praias Cariocas aos Rios Recifenses: a institucionalização do remo no Rio de Janeiro e no Recife. In: LUCENA, Ricardo de Figueiredo; MENDES, Maria Isabel Brandão de Sousa; CANUTO, Priscila Santos (org.). **Esportes no Nordeste: um mosaico sócio-histórico**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2011. p. 51-70.

NETTO, Cecílio Elias. **Piracicaba: Um Rio que passou em nossa vida**. 1. ed. Piracicaba: ICEN Instituto Cecílio Elias Netto, 2016.

NICOLINI, Henrique. Cluster esportivo do rio Tietê-SP. In: DACOSTA, Lamartine (org.). **Atlas do Esporte no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Shape, 2005. p. 49-51.

NOVAES, Gabriela Pontin. **Cidade dos desejos: Bellé Époque, lazer e imprensa em Piracicaba (1900-1914)**. 2010. 177 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2010.

PALOMBO, Darci Maria Pascoal. **Clube Campineiro de Regatas e Natação: Oitenta e dois anos de História, Oitenta e dois anos de Glórias**. [S. l.]: Bandeirantes Indústria Gráfica, 2000.

PENTEADO, Austero. **Cenas e personagens da Campinas do início do século XX**. Campinas: SMTC, 1998. 1 fotografia. Disponível em: <http://bjks-opac.museum.gov.br/cgi-bin/koha/opac-detail.pl?biblionumber=76039>. Acesso em: 21 maio 2024.

PEREIRA, Ester Liberato; MAZO, Janice Zarpellon; DA SILVA, Carolina Fernandes. Grêmio de Regatas Almirante Tamandaré: uma ameaça ao império identitário teuto-brasileiro no cenário do remo porto-alegrense. **Movimento**, [S. l.], v. 20, n. 1, p. 59-79, 2014.

QUEIROZ, Adolpho; OLIVEIRA, Dennis de (org.). **Jornais centenários de São Paulo**. Piracicaba: Editora Degaspari, 2002.

QUITZAU, Evelise Amgarten. Sport in Uruguay at the Beginning of the Twentieth Century: A Perspective from the Countryside. **The International Journal of the History of Sport**, London, v. 36, n. 11, p. 982-997, 2019.

QUITZAU, Evelise Amgarten; MORAES E SILVA, Marcelo. Entre las casas de comercio y el hipódromo: las carreras de caballo en Paysandú (Uruguay) en las primeras décadas del siglo

XX. **Boletín del Instituto de Historia Argentina y Americana Dr. Emilio Ravignani**, Buenos Aires, n. 57, p. 67-85, 2022.

RETZ, Renato Pereira Coimbra *et al.* O ensino por imagens na imprensa periódica da educação física (1932-1960). **Revista Brasileira de História da Educação**, Maringá, v. 19, p. 1-31, 2019.

REVISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA. **Histórico**. Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: <https://revistadeeducacaofisica.emnuvens.com.br/revista/sobre/historico>. Acesso em: 21 maio 2024.

RODRIGUES, Nelson Souza. Piracicaba, seu rio, seus peixes. **Revista IHGP**, Piracicaba, v. 12, ano XII, p. 62-101, 2005.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. **Cidade das águas. Usos de rios, córregos, bicas e chafarizes em São Paulo (1822-1901)**. São Paulo: Senac, 2007.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. O corpo e a cidade das águas: São Paulo (1840-1910). In: SOARES, Carmen Lucia (org.). **Uma educação pela natureza. A vida ao ar livre, o corpo e a ordem urbana**. 1. ed. Campinas: Autores Associados, 2016. v. 1. p. 157-179.

SCHAWILLIE, Joseph P. A History of Rowing in the High Schools of Buffalo, New York. 1950. Tese (Doutorado) – Canisius College, Buffalo, 1950.

SCHOSSLER, Joana Carolina. **A História de Veraneio no Rio Grande do Sul**. Jundiaí: Paco Editorial, 2013.

SILVA, Carolina Fernandes da; MAZO, Janice Zarpellon. A tradução cultural de uma reportagem esportiva sobre remo: Estados Unidos, França e Brasil. **Fênix: revista de história e estudos culturais**, Uberlândia, v. 18, n. 2, p. 586-604, jul./dez. 2021.

SILVA, Carolina Fernandes; MAZO, Janice Zarpellon. Grêmio de Regatas Almirante Tamandaré: memórias da fundação do primeiro clube de remo “brasileiro” em Porto Alegre (1903-1923). **Arquivos em movimento**, [S. l.], v. 5, n. 2, p. 109-129, 2009.

SILVA, Daniel Cobra; ZIMMERMANN, Ana Cristina; SAURA, Soraia Chung. O mar e o caíçara: a corrida de canoas como jogo tradicional e fortalecimento identitário. **Motrivivência**, [S. l.], v. 32, n. 63, p. 01-21, 2020.

SILVA, Joana Lessa Fontes; NASCIMENTO, Leone Severino. Os esportes na cidade do Recife em fins do século XIX (com especial atenção ao Remo). In: LUCENA, Ricardo de Figueiredo; MENDES, Maria Isabel Brandão de Sousa; CANUTO, Priscila Santos (org.). **Esportes no Nordeste: um mosaico sócio-histórico**. 1. ed. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2011. p. 187-199.

SIMÕES, José Luís. História do Lazer em Piracicaba (1889-1930). In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 23., 2005. Londrina. **Anais [...]**. São Paulo: Anpuh, 2005. p. 1-7.

SIQUEIRA, Sandra Aparecida de. **Campinas: seus corpos, suas águas (práticas corporais aquáticas no início do século XX)**. 2009. 104 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

SJÖBLOM, Kenth. Rowing in the English fashion: the early years of competitive rowing in Helsinki, 1884–1910. **The International Journal of the History of Sport**, London, v. 15, n. 1, p. 76-96, 1998.

SOARES, Carmem Lúcia. **As roupas nas práticas corporais e esportivas**. Campinas: Autores Associados, 2011.

SOARES, Carmen Lucia. Educação, Esporte e Ginástica na História: notas para uma nova problematização. In: PAULILO, André Luiz; HADLER, Maria Sílvia Duarte. (Org.). **Sociabilidades Urbanas: História e Memória**. 1. ed. Campinas: CMU Publicações, 2022a. v. 1. p. 15-51.

SOARES, Carmen Lucia. Três notas sobre natureza, educação do corpo e ordem urbana (1900-1940). In: SOARES, Carmen Lucia (org.). **Uma educação pela natureza: a vida ao ar livre, o corpo e a ordem urbana**, 2016. p. 9-46.

SOARES, Carmen Lucia. O piquenique: tempo e lugar de educação pela natureza. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO - SBHE, 11., 2022, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: PUC-SP, 2022b. v. 1. p. 257-257.

SOARES, Carmen Lucia. Vida ao ar livre, alegria e aventura: notas para uma problematização. In: ROCHA, Heloísa Helena Pimenta; TORO-BLANCO, Pablo. (org.). **Infância, juventude e emoções na história da educação**. 1. ed. Belo Horizonte: Fino Traço, 2022c. v. 1. p. 352-375.

SOARES, Carmen Lucia. Verbete: Educação do Corpo. In: GONZÁLEZ, Fernando Jaime; FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo (org.). 3. ed. **Dicionário Crítico de Educação Física**. Ijuí: Editora UNIJUI, 2014. p. 219-225.

SOARES, Carmen Lúcia; DALBEN, André; MEDEIROS, Daniele Cristina Carqueijeiro de Arquivos e fontes do Esporte e da Educação Física: elementos para pensar uma educação não escolar. In: PAULILO, André Luiz; CONCEIÇÃO, Joaquim Tavares da; CAMPELLO, Lorena de Oliveira Souza. (org.). **A pesquisa em acervos da escola e da educação**. 1. ed. Campinas: Mercado de letras, 2023. v. 1. p. 87-118.

SOARES, Carmen Lucia; SANTOS NETO, Samuel Ribeiro dos. À sombra das árvores... respirando ar puro: educação e divertimentos junto à natureza na São Paulo dos anos 1920. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 34, p. 1-26, 2018.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

SÔNEGO, Márcio Jesus Ferreira. A fotografia como fonte histórica. **Historiae**, Rio Grande, v. 1, n. 2, p. 113-120, 2010.

SONTAG, Susan. **Sobre fotografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

TERCI, Eliana Tadeu. **A cidade na Primeira República**: imprensa política e poder em Piracicaba. 1997. Tese (Doutorado em História Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997.

TERRA, Vinícius Demarchi Silva. A invenção da praia de Santos (1880-1940). *In*: SOARES, Carmen Lucia. (org.). **Uma educação pela natureza**: a vida ao ar livre, o corpo e a ordem urbana. 1. ed. Campinas: Autores Associados, 2016. v. 1. p. 205-237.

THALASSA, Ângela. **Correio Paulistano**: o primeiro diário de São Paulo e a cobertura da Semana de Arte Moderna - O jornal que não ladra, não cacareja e não morde. 2007. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.

THOMAS, Keith. **O homem e o mundo natural**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

TOLOTTI NETO, José. **A história do XV de Novembro de Piracicaba**. 2008. 78 f. Trabalho de Conclusão de Curso. (Bacharelado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

TORRES, Maria Celestina Teixeira Mendes. **Piracicaba no século XIX**. Piracicaba: Equilíbrio: Instituto Histórico e Geográfico, 2009.

VARNIER, Thacia Ramos. A emergência dos clubes em Vitória. **Esporte e Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 7, p. 97-121, 2012.

VEYNE, Paul et al. **Como se escreve a história**. Lisboa: Edições 70, 1983.

VICTOR, Rogério Lustosa. Getúlio Vargas e o Integralismo: histórias de pescador. **Revista Angelus Novus**, São Paulo, ano III, n. 3, p. 63-82, 2012.

VIGARELLO, Georges. O olhar e os espetáculos. *In*: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. **História do Corpo**: as mutações do olhar – o século XX. São Paulo: Vozes, 2008. v. 2. p. 445-481.

VIGARELLO, Georges. **Du jeu ancién au show sportif**: la naissance d'un mythe. Paris: Seuil, 2001.

VIGARELLO, Georges. S'entraîner. *In*: CORBIN, Alain; COURTINE Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. **Histoire du corps**. Paris: Éditions Seuil, 2006. p. 163-197.